



UC/FPCE_2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

***A Culpa Persecutória e Culpa Depressiva:
Uma análise de conteúdo à culpa de Raskólnikov em
Crime e Castigo.***

Pedro Nuno Martins Carvalho (e-mail: pedronuno21@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde,
Sub-área de especialização em Psicopatologia e Psicoterapias
Dinâmicas.

Orientação:
Prof. Doutor Joaquim Eduardo Nunes Sá.

Dedico este trabalho a Manuel Praça (1926-2009), porque se hoje sou capaz de correr, é porque um dia alguém me ensinou a andar.

A culpa persecutória e culpa depressiva: Uma análise de conteúdo à culpa de Raskólnikov em Crime e Castigo.

Resumo: Este trabalho debruça-se sobre a Culpa. Em primeiro lugar, foi elaborada uma revisão bibliográfica acerca da perspectiva psicanalítica da culpa, revisitando as ideias de Freud, Klein, Winnicott, bem como a teoria de Grinberg acerca da culpa, onde defende que este sentimento pode assumir uma tonalidade persecutória ou depressiva. Em seguida, através da leitura flutuante da obra *Crime e Castigo* e das concepções teóricas apresentadas na literatura científica sobre este tema, elaborou-se um resumo compreensivo que visa apresentar uma leitura pessoal e subjetiva da obra articulada com perspectivas psicológicas sobre o tema. Seguidamente Por último, foi feita uma análise de conteúdo de 6 episódios da obra onde se evidenciou que a *Culpa persecutória* assume uma preponderância bastante maior, mas que, por outro lado, a *Culpa depressiva* ao longo da obra tem vindo a ganhar maior destaque, sendo no último episódio ligeiramente superior.

Palavras-chave: Culpa persecutória, culpa depressiva, Análise de Conteúdo, Raskólnikov, Crime e Castigo.

The persecutory guilt and depressive guilt: A content analysis of guilt Raskolnikov in Crime and Punishment

Abstract: This dissertation focuses on the guilt. First, we present a literature review on the psychoanalytic perspective of guilt, revisiting the ideas of Freud, Klein, Winnicott and ultimately Grinberg theory about guilt, where it argues that this feeling can take a persecutory or depressive shade. Then, by reading the work floating Crime and Punishment and the theoretical conceptions presented in the scientific literature on this topic, we built a comprehensive overview that aims to present a personal and subjective reading of the work combined with psychological perspectives on the topic. Then we made an content analysis of the six episodes of the work where was evident that the persecutory guilt assumes a much greater preponderance, but on the other hand, the fault depression throughout the work has gained greater prominence, being a slightly higher in the last episode.

Key Words: Persecutory guilt, depressive guilt, content analysis, Raskólnikov, Crime and Punishment.

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Eduardo Sá que pela mais-valia dos seus os extensos conhecimentos na área da Psicanálise tornou este trabalho mais rico.

Ao Prof. Doutor João Amado pelo apoio que me deu na análise de conteúdo e nas suas orientações sempre muito perspicazes.

Para a Ana Luísa pelo apoio incondicional e inesgotável, pela sabedoria e por me ter mostrado que afinal é possível andarmos *entre as gotas da chuva*.

Para o Alberto por continuar, apesar da distância, a ser tão importante.

Para o Marcelo e a Cátia, porque um dia fomos nós contra o mundo.

Para as pessoas bonitas da Corujeira que me acolhem sempre com muito carinho sempre que lá estou.

Para a Isabel por me ter dado a *cana* e me ter ensinado a *pescar*.

Para o David, o João Pedro e a Cândida pela inestimável amizade.

Para a Sandrina Lucas pela preciosa ajuda na revisão dos textos deste trabalho.

Para os restantes amigos que sempre foram um grande apoio em todos os aspetos da vida.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual: Culpa	1
1.1. A história do conceito: Totem e Tabu	1
1.2. A origem da culpa	3
1.3. Contributos de Klein e Winnicott	7
1.4. Grinberg e a culpa	9
1.4.1. Culpa Persecutória	9
1.4.2. Culpa Depressiva	15
2. Crime e Castigo de Fiódor Dostoiévski: um resumo compreensivo	17
II – Metodologia	36
2.1. Acerca do método da análise de conteúdo	36
2.2. Definição do Problema/ Objetivos	37
2.3. Corpo documental	38
2.4. Procedimento	38
III – Resultados	40
IV – Discussão	45
4.1. Raskólnikov, da culpa persecutória à redenção	49
V – Conclusões	55
Referências Bibliográficas	56
Anexos	59
I: Genogramas Crime e Castigo	59
II: Matriz da Análise de Conteúdo de <i>Crime e Castigo</i>	60

Índice de tabelas

Tabela 1: Tabela 1: Lista dos episódios de <i>Crime e Castigo</i> a serem analisados	38
Tabela 2: Frequência de unidades de registo encontradas dentro da categoria de <i>Culpa Persecutória</i>	41
Tabela 3: Frequência de unidades de registo encontradas dentro da categoria de <i>Culpa Persecutória</i>	43

Introdução

O sentimento de culpa possui uma íntima relação com a evolução da sociedade e com as estruturas psíquicas do ser humano. É estudado pela filosofia, pela teologia, pela sociologia, pelo direito e, finalmente, pela psicologia.

Para a psicanálise, constitui-se como um dos pontos mais obscuros da mente humana, mas que merece relevo por parte de vários autores pela importância que lhe é atribuída na forma como se estrutura o psiquismo. Neste sentido, no presente trabalho irá ser apresentada uma revisão bibliográfica acerca da perspectiva psicanalítica da culpa, retomando as ideias de Freud, Klein e Winnicott. Seguidamente, apresenta-se também a teoria de Grinberg acerca da culpa, onde este defende que este sentimento, pode assumir uma tonalidade persecutória ou depressiva, que irão garantir as bases para a análise que será realizada à culpa de Raskólnikov.

Neste sentido, esta investigação pretende elaborar uma análise de conteúdo da obra *Crime e Castigo* de Fiódor Dostoiévski, por forma a verificar se, em Raskólnikov, personagem principal do romance, após o momento do *crime*, existem manifestações de uma culpa de natureza persecutória, depressiva ou de ambas.

As hipóteses que se colocam no âmbito desta investigação são: Raskólnikov após cometer o crime, sofre de uma culpa persecutória? Ao longo da obra esta culpa persecutória passa a assumir uma tonalidade depressiva? E, finalmente será que este atinge assim a redenção?

I – Enquadramento conceptual: Culpa

1.1 A história do conceito: *totem e tabu*

Freud no seu artigo *Totem e Tabu* (1913), refletiu acerca da vida mental de pessoas selvagens, mais especificamente dos aborígenes da Austrália, afirmando que estes estabelecem para si próprios, o pressuposto de evitar relações sexuais incestuosas, levando-o a admitir que a organização social deste povo parece servir a este intuito. Desta forma, estes povos não possuem instituições religiosas e sociais, sendo sim regidos pelo sistema do *totemismo*, onde era proibido as relações sexuais entre pessoas do mesmo

A culpa persecutória e culpa depressiva: Uma análise de conteúdo à culpa de Raskólnikov em Crime e Castigo.

Pedro Nuno Martins Carvalhal (e-mail: pedronuno21@hotmail.com) 2013

totem e, conseqüentemente, contra o seu casamento, assim torna-se evidente que estes povos selvagens repudiavam o incesto.

Como forma de explicar as origens do *totem*, o autor descreve uma história na qual, dois irmãos que tinham sido expulsos retornaram à comunidade, mataram e devoraram o pai, colocando assim, um fim à horda patriarcal. Este pai violento e primitivo foi sem dúvida temido e invejado por eles, e ao devorá-lo, realizavam a identificação com ele através da incorporação, alcançando uma parte de sua força. Esta refeição totêmica foi, segundo o autor, o início da organização social, das restrições morais e da religião. Esta ação dos irmãos é muito semelhante aos sentimentos contraditórios que se pode perceber em alguns pacientes neuróticos: odiavam o pai, que representava um obstáculo ao desejo de poder e aos desejos sexuais, mas também o amavam e admiravam. No entanto, após satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que, todo esse tempo, tinha sido recalcada deu lugar ao sentimento de culpa. O pai morto tinha agora um poder ainda maior, e os irmãos renunciaram aos seus frutos abrindo mão das mulheres que agora tinham sido libertadas. Como forma de anularem o ato substituíram o pai por um forte e temido animal que passou a constituir o *totem* e para o qual deslocaram a ambivalência de sentimentos que detinham para com este. Eles *criaram* assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do mesmo grupo totêmico.

Para Freud (1913), possivelmente estes devem ser, então, os mais antigos e poderosos dos desejos humanos. Esta cultura totêmica assente nestas duas leis básicas corresponde aquilo que se entende como o complexo de Édipo, onde o desejo de matar o pai e manter uma relação incestuosa com a mãe revive a repetição desse assassinato primitivo, não vivido mas desejado no seu psiquismo. Desta forma, a religião totêmica apareceu do sentimento filial de culpa, num esforço para acalmar esse sentimento e *apaziguar o pai* por uma obediência a ele que fora adiada. Todas as religiões posteriores são vistas como tentativas de solucionar o mesmo problema.

O *tabu* é, então, descrito por Freud (1913) como sendo o proibido, o interdito que é imposto pelo exterior para com os desejos mais intensos do

ser humano. Essas proibições devem estar relacionadas com atividades para as quais havia uma forte inclinação e coloca então, a hipótese de o desejo original de realizar o proibido ainda persistir entre as tribos em causa. Elas devem, portanto, ter uma atitude ambivalente para com os seus tabus, e inconscientemente, não existe nada que mais gostassem de fazer do que violá-los, mas temem fazê-lo; temem precisamente porque o desejam inconscientemente, e o medo é mais forte que esse desejo.

O *tabu* poderia ser comparado à neurose obsessiva, mas neste caso não é obrigatório que haja uma ameaça externa de punição, porque existe convicção moral de que qualquer transgressão será castigada. Na infância, o neurótico obsessivo encontra-se com uma proibição externa ao seu desejo interdito, aceita-o, apoiado em forças internas, isto é, na relação amorosa com os autores da proibição. Porém, o interdito não consegue *extinguir* o instinto, mas sim, reprimi-lo e bani-lo para o inconsciente. Neste caso, tanto a proibição como o desejo persistem. Pode-se então afirmar que existe uma atitude ambivalente do sujeito para com um determinado objeto, Uma vez que, deseja realizar esse ato, mas não deve realizá-lo. O conflito entre essas duas tendências antagônicas não pode ser prontamente resolvido, pois estão localizadas na mente do sujeito de tal maneira que não podem vir à tona uma contra a outra. A proibição é ruidosamente consciente, enquanto o desejo persistente é inconsciente e o sujeito nada sabe a respeito dele (Freud, 1913).

Desta forma, Freud, através de uma análise antropológica, atribui o *nascimento* do sentimento filial de culpa ao crime original do *parricídio*, pois os mesmos filhos que *mataram* e *devoraram* o pai, são os mesmos que o *admiravam*. Não obstante, para atenuar a culpa foi criada a religião totêmica e foram impostos *tabus* como interdito, por forma a impedir a realização do desejo. No entanto, tudo isto pressupõe que haja tendências ambivalentes no sujeito, onde o afeto e a agressividade coexistem em relação ao mesmo objeto.

1.2 A origem da culpa

Perante uma perda de um ente querido por morte, o luto pode tornar-se difícil caso tenha existido uma atitude ambivalente em relação ao morto. Assim, segundo o exemplo de Freud (1913), se uma filha perde a mãe, não é raro acontecer que a sobrevivente fique atormentada por dúvidas atrozes

(autocensuras obsessivas) quanto ao fato de ela poder ser a responsável pela morte da mãe devido a descuido ou negligência. Racionalmente, nada poderá justificar estes receios, porém, esta atitude pode ser encarada como uma forma patológica de luto com a passagem do tempo. Para o autor, essas autoacusações objetivas são justificadas, não porque a pessoa enlutada seja realmente responsável pela morte mas sim pelo desejo inconsciente de ver morrer essa pessoa, assim, verifica-se que as censuras são uma reação contra esse desejo inconsciente. Nestes casos, por detrás do terno amor há uma hostilidade oculta inconsciente. Este é o exemplo clássico, o protótipo, da ambivalência das emoções humanas. Esta hostilidade, inconsciente pela satisfação da morte, poderá ser *projetada* para o morto, sendo que o sobrevivente nega assim que tenha algum dia alimentado quaisquer sentimentos hostis contra este, contudo em vez disso, é a alma do defunto que os alimenta e procura pô-los em ação durante todo o período de luto. Apesar da projeção ser bem sucedida, a sua reação emocional apresenta as características de castigo e remorso, porque é o sujeito dos temores, e submete-se a renúncias e restrições, embora estas sejam em parte disfarçadas como medida de proteção contra o *demónio hostil*.

Desta forma, é notório que para se sentir culpado, não é preciso cometer o ato, basta apenas desejá-lo (Freud, 1913). Muitas vezes, a literatura confirma esta ideia, por exemplo, em *Os irmãos Karamázov* de Fiódor Dostoiévski, não era importante qual dos três personagens tinha cometido o parricídio, mas sim qual deles o tinha desejado, sendo que todos o desejavam.

Tendo por base as ideias de Freud (1923), o sentimento de culpa resulta de tensões entre o Ego e o Superego, que será manifestada pela necessidade de castigo. Este superego reteve características essenciais das pessoas introjetadas durante a infância, tais como a sua força, severidade, e inclinação a supervisionar e a punir.

Uma explicação que pode ser dada ao sentimento de culpa consciente baseia-se na tensão existente entre o ego e o ideal do ego, sendo que será uma expressão de uma condenação do ego pela sua instância crítica, muitas vezes denominada como sentimento de inferioridade. Contudo, no caso da neurose obsessiva, o sentimento de culpa é originado pelas pulsões

inaceitáveis que estavam reprimidas permanecendo fora do ego. Enquanto que na melancolia, o objeto ao qual a ira do superego se aplica foi incluído no ego mediante a identificação, e assim o Ego entrega-se e *morre* (Freud 1923).

O autor vai mais longe e coloca a hipótese de que a grande parte do sentimento de culpa deve normalmente permanecer no inconsciente, e que o aumento desse sentimento de culpa *inconsciente* pode transformar pessoas em criminosos. Assim sendo, em muitos criminosos, especialmente nos principiantes, é possível detetar um sentimento de culpa muito poderoso, que existia antes do crime, e, portanto, não é o seu resultado, mas sim a sua causa. Desta forma, o criminoso, obteria alívio ao poder ligar esse sentimento inconsciente de culpa a algo real e imediato (Freud, 1916).

Ainda sobre a ligação entre a culpa e o crime, no entender de Alexander (1938, citado por Grinberg, 2000), o sentimento de culpa pode dar origem a uma atitude de submissão que leva ao comportamento criminal, sendo o seu pensamento: *Não sou bom, mereço castigo*. No mesmo sentido, Rickman (1957, citado por Grinberg, 2000) defende que nas fases mais precoces do desenvolvimento a reação à culpa sentida pode criar tanto a tendência para a doença mental, como para o crime ou um percurso de realização e aspirações. Grinberg (2000), considera que a culpa persecutória quando *estoura* pode levar os sujeitos a comportamentos de uma violência descontrolada, como o caso de um homicídio ou um suicídio.

Para Freud (1924), o masoquismo representa também uma forma de um sentimento inconsciente de culpa, significando uma necessidade de punição às mãos de um poder paterno. Esta forma de masoquismo moral cria uma tentação a *pecar*, que deve ser expiada pelas censuras da consciência sádica ou pelo castigo do grande poder parental do destino, sendo na sua opinião, típico em alguns tipos caracterológicos russos. De forma a provocar a punição desse último representante dos pais, o masoquista deve fazer o que é desaconselhável, como agir contra seus próprios interesses, arruinar as perspectivas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, destruir a sua própria existência real. O sadismo do superego e o masoquismo do ego suplementam-se mutuamente e unem-se para produzir os mesmos efeitos.

Quanto mais uma pessoa contém a agressividade para com o exterior,

mais agressivo se torna o ideal do ego. É como um deslocamento, mas contra o seu próprio ego. Este é o meio que a civilização utiliza para inibir a agressividade que se lhe opõe, para tornar inofensivo o seu desejo de agressão, internaliza essa agressividade, contendo-a e dirigindo-a esta no sentido do seu próprio ego. Depois será assumida como superego sob a forma de consciência, estando pronta para pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos. A civilização domina os desejos agressivos através da contenção e estabelece um *agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada* (Freud,1930).

Freud considera que um outro conceito importante no estudo da culpa é o de compulsão à repetição que é abordado no seu trabalho *Além do princípio do prazer* (1920). Este é descrito como o meio pelo qual o sujeito procura repetir condições dolorosas numa tentativa de sempre retornar à experiência traumática. Isto pois nem todo o conteúdo recalçado é suscetível de se tornar consciente, e através da compulsão à repetição, este material permanece recalçado sendo experienciado através da repetição. Deste modo, a pessoa repete o material recalçado como se fosse uma experiência atual ao invés de recordar o seu conteúdo, assim sendo, este mecanismo é regido pela pulsão de morte e está ao serviço da função defensiva do Ego. Desta maneira, a culpa manifesta-se neste mecanismo, por meio da autopunição.

Sintetizando, pode afirmar-se que para Freud, a origem do sentimento de culpa estaria na história original do parricídio, onde após este o remorso ocorre como o resultado da ambivalência (amor/ódio) primordial de sentimentos para com o pai. Depois do ódio ser satisfeito pela agressão, o amor vem para o primeiro plano, devido ao remorso dos filhos pelo ato. Cria assim, o superego pela identificação com o pai que deu a esse agente o poder paterno, como uma punição pelo ato de agressão que haviam cometido contra aquele, e cria restrições destinadas a impedir uma repetição deste ato. Não obstante, a tendência à agressividade repete-se nas gerações seguintes, e o sentimento de culpa também persiste, cada vez mais fortalecido por cada parcela de agressividade que é reprimida e deslocada para o superego. Desta forma, o sentimento de culpa faz parte de uma inevitabilidade, pois será a origem tanto de *matar* o próprio pai como de abster-se de *matá-lo*. Esta

culpa é a expressão do conflito devido à ambivalência entre o amor/afeto e o ódio/agressividade perante o mesmo objeto.

1.3 Contributos de Klein e Winnicott

No seguimento das ideias de Freud, acerca da ambivalência, M. Klein (1948) reconhece a importância das fantasias e impulsos sádicos para o estudo da ansiedade e da culpa. Os processos iniciais de projeção e introjeção dão lugar ao estabelecimento, dentro do Ego, do bom objeto a par do objeto persecutório. O bebé nos primeiros meses projeta a sua agressividade nas figuras internas que fazem parte do seu superego arcaico, posto isto, irá sentir a ansiedade e culpa derivada desta mesma agressividade.

No mesmo sentido, para E. Jones (1929, Citado por Klein, 1948) existe uma interação entre ódio, medo e culpa, sendo que a culpa estará sempre ligada ao impulso de ódio em estágios pré-genitais, e posteriormente, o estágio da culpa propriamente dita que visa proteger a pessoa dos perigos externos.

No trabalho *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, Klein (1946) introduz os conceitos de identificação projetiva, e esclarece o conceito de posição esquizo-paranóide e posição depressiva. Na primeira, a identificação projetiva e a clivagem levam à desintegração do Eu. Esta posição constitui-se imediatamente como recção de um Ego rudimentar, ao sofrimento causado pelo trauma do nascimento, uma vez que este sente angústia porque está em sofrimento, e procura dominar a erupção da angústia. Estas angústias são vividas como um ataque por parte de perseguidores externos que mobilizam a clivagem das partes dolorosas (seio mau) e, por outro lado, das partes gratificantes (seio bom). O Ego rudimentar utiliza este processo defensivo para expulsar para fora de si um objeto mau ou perseguidor e distanciar o perigo, a sua agressividade é assim projetada para o objeto.

É através da integração dos objetos parciais, que as angústias paranoides e clivadas dão lugar às angústias depressivas e à posição depressiva. Esta posição caracteriza-se pelo sentimento de perda de objeto que é sentido como danificado por si próprio durante a posição esquizo-paranóide. Neste sentido, a culpabilidade inerente a esta posição traz para

primeiro plano a necessidade de reparar o objeto danificado (Klein, 1946).

Mais tarde, Klein (1957), ao rever as bases teóricas das posições esquizo-paranóide e depressiva, irá introduzir o estudo da inveja primitiva e da gratidão. A inveja excessiva (como expressão dos impulsos destrutivos) seria uma das causadoras da culpa precoce, sendo que o Ego e ao experimentar uma culpa prematura não está em posição de suportar e então ela é vivida como um perseguidor. Desta forma, para Klein (1948) a culpa tem a sua essência no sentimento de dano causado ao objeto amado devido aos seus impulsos agressivos. Assim, a tendência reparatória é consequente deste sentimento e apenas possível caso os sentimentos de amor pelo objeto predominem sobre os impulsos agressivos, predominando a pulsão de vida sobre a de morte.

Tal como Freud, Winnicott (1958), concorda que a gênese da culpabilidade reside no superego e que este é derivado da realidade interna do sujeito residindo nas suas intenções e não nas ações. Desta forma, a culpa é uma forma especial de sofrimento associado à ambivalência, coexistência de amor e ódio em relação ao mesmo objeto. Não obstante, em pessoas saudáveis do ponto de vista psicológico, conseguem tolerar esta ambivalência, o que já não será tão comum nos quadros psicopatológicos.

Sobre a ausência do sentimento de culpa, Winnicott (1958), afirma que para sentir culpa é necessário um Ego forte e integrado para poder permitir-se a sentir culpa, algo que não é possível nos primeiros anos de vida. O ego só se permite a sentir culpa quando a relação com a mãe tem condições favoráveis, sendo capaz de sentir que tem a oportunidade de reparar o objeto (retomando Klein) e, assim, estará preparado para enfrentar o complexo de Édipo, e tolerar a ambivalência que lhe está associada (retomando Freud) e ser capaz de triangular na relação.

É bastante complicado para cada pessoa assumir a destrutividade existente dentro dele, dirigida aos objetos. Muitas vezes, a forma de lidar com esses impulsos e pensamentos destrutivos é a projeção. Pelo contrário, a integração na consciência dos pensamentos e sentimentos agressivos é o que permite aceder à atividade construtiva pela reparação, sendo que apenas com uma atitude construtiva se permite chegar à consciência da destrutividade (Winnicott, 1960).

Desta forma, ao se estudar a noção de posição esquizo-paranóide, proposta por Klein, poder-se-á verificar que é através destas situações persecutórias primárias, onde intervêm a angústia, desespero e dor, face ao estrago ao objeto irá condicionar o aparecimento da culpa persecutória. Por outro lado, à medida que o Ego se fortalece e com o aumento da capacidade de integração e síntese, poderá aceder-se à posição depressiva. Em conformidade com estas ideias, Winnicott acrescenta que para haver integração da agressividade dirigida ao objeto, não será só necessário um Ego forte e integrado por forma a tolerar a ambivalência, mas sim ser capaz de aceder à atividade construtiva para poder reparar e assim chegar à redenção. No mesmo sentido, Sá (2003) destaca que se a inveja marca a posição esquizo-paranóide, a gratidão e a esperança marcam a posição depressiva que representa um sintoma evoluído das estruturas mentais que acedem à gratidão e à reparação.

1.4 Grinberg e a culpa

Para Grinberg (2000), o estudo das neuroses significa o estudo das relações humanas na sua complexidade com especial enfoque na sua natureza conflitual, uma vez que a neurose é o conflito entre as tendências morais e instintivas da personalidade. Neste conflito, o sentimento de culpa constitui a expressão final da luta entre as tendências de vida e algumas das expressões do instinto de morte. No entanto, o estudo da culpa inconsciente é ainda um dos pontos obscuros do paradigma psicanalítico, não obstante destaca que é mais ou menos consensual que se pode manifestar através de alguns efeitos como a irritabilidade, mau-humor, apatia, depressão, perturbações psicossomáticas, um estado de mal-estar generalizado, sentimento ou presságio de que alguma catástrofe está para acontecer e uma inevitável necessidade de castigo.

Tendo por base o estudo das teorias de Freud, Klein, Winnicott e outros autores, Grinberg na sua obra *Culpa e Depressão* (2000) apresenta uma teoria que integra aspetos teóricos dos autores anteriormente referidos e acrescenta uma nova distinção entre dois tipos de culpa distintos, a culpa persecutória e a culpa depressiva.

1.4.1 Culpa Persecutória

Grinberg (2000), tendo por base os conceitos de angústia persecutória

e de posição esquizo-paranóide propostos por Klein (1948), acredita que o aparecimento da culpa persecutória é condicionado por situações persecutório-depressivas primárias onde intervêm sentimentos de angústia, medo, desespero, dor e pena pelo estrago feito ao objeto. Com o fortalecimento do Ego e a capacidade de integração evoluírem ao alcançar a posição depressiva, vai dando-se uma transformação no sentimento de uma culpa nos seus componentes persecutórios para uma culpa que visa a reparação própria da posição depressiva. O autor salienta que esta transformação ocorre de uma forma gradual e progressiva, mas que nunca chega a ser completa, ou seja, ficam sempre resíduos de culpa persecutória que em circunstâncias traumáticas reativam-se e podem acabar por dominar o sujeito.

Na culpa persecutória existe um sentimento de dano ocorrido, no plano real ou fantasiado, ao objeto ou ao Ego, verificando-se que este sentimento produz medo de represália, dor e mágoa. Neste caso, como houve uma regressão pelo fracasso de manter a culpa depressiva com o seu objetivo reparador, a culpa persecutória aumenta, e conseqüentemente, os seus mecanismos defensivos: projeção da culpa e a acusação de que o objeto se tornou o perseguidor. As pessoas dominadas por uma grande culpa persecutória, são bastante marcadas por muito ressentimento, dor, medo e autocensura, bem como, pela atemporalidade onde o passado, o presente e o futuro se confundem. Como casos extremos, pode considerar-se a esquizofrenia e a melancolia, onde o Ego atua de uma forma masoquista sobre o domínio da pulsão de morte (Grinberg, 2000).

Segundo Grinberg (2000), a culpa persecutória tem a sua origem precocemente, e encontra-se sobre o domínio da pulsão de morte. As pessoas onde este tipo de culpa predomina tendem a ter comportamentos autopunitivos, sendo que, este sentimento pode ligar-se aos mecanismos da posição esquizo-paranóide uma vez que existe uma regressão onde as angústias e o sentimento de ser perseguido estão relacionadas com a forma como essa culpa mortifica o Ego. Neste caso, este recorre às suas defesas mais primitivas como a dissociação, onnipotência, idealização, negação e principalmente a identificação projetiva.

Através da dissociação torna-se possível separar o objeto perigoso do

objeto idealmente bom, bem como, dividir o objeto ao qual se sente culpa e se teme represálias e perseguição. Através deste mecanismo também se pode dissociar a parte do self que se atribui à causa da ação ou perda que originou o sentimento de culpa. Note-se que o sentimento de culpa de uma forma mais geral não ocorre exclusivamente devido às fantasias agressivas ou à submissão à autoridade superegógica, mas também sempre que existe uma perda pela dose de culpa associada, ora por ter provocado na fantasia esta perda, ora por ter sido incapaz de a evitar (Grinberg, 2000).

Enquanto a negação e a onnipotência visam a defesa do Ego, já na idealização o Ego reveste o objeto de qualidades extraordinárias de modo a este não poder ser destruído por si além de que, pela sua bondade não o irá perseguir, deste modo, não se sente culpa. Não obstante, o principal mecanismo defensivo utilizado na culpa persecutória é a identificação projetiva. Através desta defesa o Ego liberta-se da parte de si próprio que esteve ligado ao sentimento de culpa e à sua origem (Grinberg, 2000).

Um dos principais sentimentos que contêm a experiência de culpa persecutória é o ressentimento. Este pode ser sentido face a alguém que se amou e lhe causou frustração, perda ou agressão. Assim, o ressentimento face ao próprio Self, nomeadamente através do ressentimento em relação a se ter exposto a perdas, ausência de gratificação ou se maltratar. Desta forma estas partes dissociadas podem ser vividas como perseguidoras e dificilmente se poderão integrar com o resto do self. Mas por outro lado, também é possível que o Ego possa ficar ressentido com essas partes do self por se sentir abandonado por elas. Pode haver também, ressentimento face ao objeto morto por este ter levado consigo partes do self. Quanto maior é o ressentimento, maior é a culpa persecutória. Deste modo, à medida que este ressentimento diminui a dor assume uma conotação mais depressiva e aumenta a responsabilidade construtiva e a capacidade reparadora da culpa depressiva (Grinberg, 2000).

Segundo Grinberg (2000), a culpa persecutória pode estar na origem da evolução de todos os quadros neuróticos e psicóticos, considerando que cada personalidade é o resultado da forma como foi *tratada* a ansiedade e a culpa persecutória de acordo com as características de cada pessoa. Assim, o autor descreve como se expressa a culpa persecutória em vários tipos de

personalidade, tendo como base a sua teoria sobre culpa persecutória e depressiva:

Personalidade Esquizoide: marcada por uma intensa utilização dos mecanismos defensivos, especialmente a dissociação tanto em relação ao objeto como ao Ego. A parte destrutiva e odiada de si próprio pode ser dissociada e projetada para o objeto. Estes dois mecanismos constituem a identificação projetiva muito usada nas personalidades esquizoides. O uso deste mecanismo de uma forma massiva torna o Ego mais fraco e incapaz de suportar a culpa e a perseguição conduzindo a um aumento da identificação projetiva criando-se assim um círculo vicioso que poderá levar à esquizofrenia. Existe também, uma grande dificuldade de comunicação e bloqueio na relação com os seus semelhantes, ou seja, tendem a atacar todas as formas de vínculo e os elementos que intervêm nele. Grinberg salienta também a forte inveja (retomando a inveja descrita por Klein) que sentem se assume como um bloqueio à capacidade de amar e de mobilizar os recursos saudáveis/depressivos para reparar o objeto.

Personalidade melancólica ou depressiva: nestes tipos de personalidade, a culpa é um dos sintomas mais evidentes através das autocensuras, apatia, ressentimento, indiferença, humilhação, pesar, angústia, tristeza, desvalorização, irritabilidade, mau-humor, e as atitudes autopunitivas. Note-se que estando a culpa bem expressa não significa que estas pessoas tenham consciência do conflito que a origina e se tornam uma das causas da sua melancolia, mas sim, que estas atitudes, como por exemplo, as autocensuras, não são mais do que a procura de sossegar o perseguido através da confissão de culpa, mas não da culpa persecutória que está na base. Um dos mecanismos mais usados nestes quadros é a introjeção do objeto perdido como meio de resistir à perda, a agressão que era dirigida ao objeto é agora dirigida contra o próprio.

Personalidade paranoide: a principal característica deste tipo de personalidade no que se refere ao sentimento de culpa, é a sua tendência para projetar para fora e nega-lo sistematicamente. Estas pessoas empenham-se de tal forma a descobrir e evidenciar a culpa nos outros que gastam todas as suas energias ao controlar todas as pessoas que os rodeiam. Heimann (1955, citado por Grinberg, 2000) afirma que nos estados paranóides as pessoas

utilizam os delírios persecutórios de forma a serem perseguidos e negarem os seus sentimentos ambivalentes de amor/ódio para com o objeto e assim ludibriar a culpa. Afirma ainda que quando estas pessoas assumem o seu ódio, expressam-no com tantos argumentos que não precisam de sentir culpa.

Mania: Nos maníacos existe uma total negação ou projeção da culpa, fortes sentimentos de onnipotência, idealização dos objetos, triunfo, uma segurança e um otimismo exagerado e a tendência para estabelecer múltiplas ligações de carácter mais superficial. Para um maníaco, parar é morrer, é morrer pela culpa de matar na fantasia o seio materno, então nunca pode parar, senão morre. O superego é tão tirânico como na melancolia, porém, na mania o ego usa a negação ao extremo para tornar os perseguidores menos perigosos e também para desvalorizar os bons objetos e diminuindo assim a sua sensação de dependência. Este ego, ao empregar de uma forma extrema a negação, onnipotência e a idealização, configura um estado bastante regressivo do seu funcionamento e aumenta significativamente a culpa persecutória.

Neuróticos obsessivos: São aqueles sujeitos extremamente ordenados e escrupulosos que exercem muito controlo sobre todos os aspetos que se relacionam direta ou indiretamente com os seus problemas. Caracterizam-se pela sua submissão a ideias e pensamentos fixos ou à necessidade compulsiva de executar ações que despertam neles emoções intensas, mas sem entender verdadeiramente o seu significado. Estas obsessões surgem como uma imposição interna, sendo que se não as cumprirem estarão sujeitos a uma angústia irreprimível. A forma como o neurótico obsessivo expressa o seu conflito é através das dúvidas; cismas, obsessões de contraste, ideias compulsivas (como o medo de matar alguém querido) mania da limpeza, tendência para a ordem e simetria, fobias, medo do contato, superstições, entre outras. Na neurose obsessiva existe ainda, o predomínio de certas defesas, como a formação reativa (para fazer oposição à culpa, com uma atitude contrária ao sentimento); o isolamento (para separar algo ou alguém que o liga ao conflito) e a anulação (anular o ato como forma de reparar e assim, fugir da culpa). Pode notar-se também nestas pessoas um grande desenvolvimento intelectual, porém marcado pelas ideias

supersticiosas e mágicas com os quais tenta combater o sentimento de culpa.

Psicopatas ou impulsivos: São os sujeitos em que predomina o *acting* pela dificuldade que tem em lidar com os seus sentimentos. Estes procuram satisfazer no imediato os seus desejos sem serem capazes de resistir ao impulso. Caracterizam-se ainda, pela falta de sentido ético, pela sua amoralidade, crueldade, e a labilidade de um Ego frágil que procura a todo o custo fugir à culpa depressiva agindo desesperadamente no sentido de conseguir uma segurança ilusória e a confirmação da onipotência para negar o perigo e a frustração da rejeição/castigo por parte dos seus objetos queridos. Desta forma, através da identificação projetiva e da negação, encontram nas pessoas ao seu redor os depositários da sua culpa o que poderá explicar a sua aparente ausência de sentimento de culpa.

Nestes sujeitos, existe uma grande defesa maníaca que se organiza através da identificação com um objeto idealizado e onipotente e a partir daí, passam a tratar de uma forma ofensiva os outros. Procuram também manter isolada a parte do self identificado com este objeto, da outra parte do self mais adaptada à realidade. Quando se dá uma experiência de perda e frustração, o equilíbrio até então desaparece e dá lugar a um aumento da ansiedade persecutória e constitui-se uma relação tirânica entre essas duas partes do self o que gera uma tensão insuportável que irá ser evacuada através das identificações projetivas violentas massivas. Toda esta desadequação social, num círculo vicioso leva a que estas personalidades sejam vítimas de si próprias, encontrando assim, rejeição e desprezo em vez do afeto que necessitam.

Doença Psicossomática: Para Grinberg, esta é uma das configurações mais evidentes da atuação da culpa persecutória devido à tendência autodestrutiva que manobra no *órgão afetado*. O conflito Superego/Ego manifesta-se no corpo ao assumir-se como uma repetição da dolorosa relação entre uma imagem perseguidora que *escolheu* como vítima a parte corporal representativa do Ego. Numa pessoa que sofra a perda de um ente querido, surge com frequência uma doença psicossomática em consequência de uma identificação através da culpa para com o morto. A quantidade de culpa persecutória existente na pessoa irá determinar se isto será apenas um sintoma hipocondríaco ou então uma materialização da doença.

O sofrimento causado pela doença, sossega o sentimento de culpa pelas fantasias agressivas contra objetos queridos. A doença é assim uma forma de expiação desta culpa persecutória. Não obstante, ao transferir-se o conflito em relação ao objeto para o *órgão doente* sentir-se-á culpa persecutória face a este órgão que se converteu no perseguidor e faz sofrer.

1.4.2 Culpa Depressiva

O outro sentimento de culpa descrito por Grinberg (2000) é a culpa depressiva. Este sentimento de culpa é indispensável à capacidade de amar, pois é este que nos permite elaborar o luto e reparar o objeto amado.

A principal característica da culpa depressiva é o desejo de reparar o objeto que se sente destruído pelos impulsos destrutivos. É através desta capacidade de reparar, reviver e preservar o objeto amado que se poderá elaborar o luto. Grinberg (2000), retoma as ideias de Winnicott (1960), acerca da reparação do objeto danificado pela atividade construtiva, bem como o conceito de posição depressiva de Klein (1946), para introduzir o conceito de culpa depressiva. Porém, note-se que apesar de estes dois tipos de culpa poderem coincidir com as posições esquizo-paranóide e posição depressiva, não se devem confundir enquanto conceitos. Pode-se afirmar assim, que estes dois tipos de culpa, mesmo em diferentes proporções, podem coexistir ao longo da vida, sendo que um será mais predominante que o outro consoante domine o instinto de vida ou o instinto de morte e claro está, das diferenças individuais dos sujeitos.

Grinberg (2000), enfatiza os contributos de Klein sobre a angústia depressiva no começo da posição depressiva, onde o Ego é levado a projetar e desviar os desejos e emoções tal como a culpa e a necessidade de reparação para novos objetos. É através deste deslocamento que se reforça o processo de sublimação e de novas relações objetais. Tal como sublinha Sá (2009), a capacidade de triangulação objetal, conflito, ambivalência, como um sinónimo de saúde mental, sendo que a triangulação, onde a identificação funda o self através das identificações é o eixo da vida mental.

Quando se pode estabelecer a posição depressiva e ultrapassar conflito edipiano, o Ego cresce através da recriação dos objetos e da acumulação de experiências, conseqüentemente, ocorre uma diminuição da culpa pelos impulsos destrutivos e assim a criança tem uma maior capacidade de

simbolizar, abandonando assim o princípio do prazer pelo princípio da realidade. A sublimação das pulsões agressivas só é possível caso sejam inibidas, sendo que esta inibição depende da capacidade de ter o objeto dentro de si, isto é, de que o amor a este objeto bondoso e confiável seja maior do que o ódio sentido em relação ao objeto. Quando a criança não consegue confiar nas suas capacidades construtivas/reparadoras do objeto recorre à defesa maníaca e às fantasias onipotentes de forma a controlar e dominar os objetos persecutórios, tentando com isso salvar os objetos amados. Tal pode inibir a culpa depressiva e regredir para uma culpa persecutória (Grinberg, 2000).

Segundo Grinberg (2000), é o sentimento de dor contido no luto, implícito da posição depressiva, que juntamente com a tendência reparadora se constituem como a base da criatividade e da sublimação. Acrescenta ainda que no luto normal opera a culpa depressiva tendente à reparação do objeto, por outro lado, no luto patológico predomina a culpa persecutória que transforma o objeto danificado em perseguidor impedindo a sua reparação.

Em suma, na culpa persecutória, Grinberg partindo das ideias de Klein sobre a posição esquizo-paranóide, afirma que esta culpa não é sentida pelo sujeito, pois ele não consegue carregar o peso desta mesma culpa, assim são usados os mecanismos referidos anteriormente para *fugir* deste mesmo sentimento. Nestas situações prevalecem os comportamentos autopunitivos, as angústias e o sentimento de ser perseguido, estes estão relacionadas com a forma como essa culpa mortifica o Ego. Já na culpa depressiva, Grinberg, retoma as ideias de Winnicott, acerca da reparação do objeto danificado pela atividade construtiva, bem como o conceito de posição depressiva de Klein, para afirmar que esta implica a consciência de dano feito ao objeto, assunção de culpa e procura de reparação. A principal característica da culpa depressiva é o desejo de reparar o objeto que se sente destruído pelos impulsos destrutivos. É através desta capacidade de reparar, reviver e preservar o objeto amado que se poderá elaborar o luto e atingir a redenção.

2. *Crime e Castigo* de Fiódor Dostoiévski: um resumo compreensivo

A história passa-se em São Petersburgo, possivelmente na mesma época em que foi escrita (1886). A personagem principal chama-se Rodion Románovitch Raskólnikov¹, é um jovem pobre e ex-estudante. Raskólnikov² é taciturno, profundo, introspectivo, irritadiço, tenso, hipocondríaco e bastante cerebral. Na sua solidão interminável é assolado por uma torrente de ideias, que não o largam, não conseguindo parar de pensar esses *pensamentos*.

Logo após o ensaio que Raskólnikov faz do crime onde entra na casa da velha, sente nojo por aquilo que está prestes a fazer, e vagueia pelas ruas de São Petersburgo. E a certa altura entra numa taberna e mete conversa com Marmeládov, estabelecendo-se uma empatia. Marmeládov conta-lhe a sua história marcada pela miséria e pelo alcoolismo. Este ex-funcionário expia no sofrimento causado pelos seus atos o forte sentimento de culpa que sente, admitindo que bebia porque desejava o sofrimento e acreditava que no fim seria perdoado pois tinha sofrido. Talvez seja este o primeiro indício que havia culpa em Raskólnikov pela forte empatia que teve para com este, que não encontra paralelo em muitas das pessoas com quem ele se cruzou ao longo da obra.

Sobre a aproximação de Raskólnikov e Marmeládov, Marques (2010) acredita que esta não é casual, mas sim o resultado da identificação entre ambos. Para a autora é a presença de dor, particularmente uma dor autoinfligida que é comum a ambos, sendo que Marmeládov procurava na bebida dor e sofrimento.

A carta que recebeu da mãe no dia seguinte deixou-o bastante insatisfeito, pois ele no fundo sabia que Lújin não era digno da irmã, nem sequer a amava, e Dúnia, estava consciente disso, tendo resolvido casar-se com ele apenas para melhorar as condições de vida da família. Ele não iria aceitar esse autossacrifício da irmã, tinha de impedir esse casamento, mesmo que isso representa-se uma fuga à sua pobreza e, assim, não teria de fazer *aquilo*, aliás esta nunca sequer foi uma hipótese para o ex-estudante.

¹ De agora em diante pode ser chamado tanto por Rodion como por Raskólnikov, conforme é habitual em *Crime e Castigo*

² Consta no Anexo I o Genograma inicial de Raskólnikov

Raskólnikov comparou a sorte de Dúnia a de Sónia³, pois ambas se sacrificaram de uma forma repugnante em prol da família. Ele tinha de evitar, mas como? Como salvar a família deste triste destino? A resposta só podia ser *aquilo*. O acontecimento seguinte não será de todo casual: viu uma rapariga embriagada, que parecia não ter mais de 16 anos, (estando assim pois tinham-se aproveitado dela pela primeira vez) e perto estava um homem a olhar para ela como um abutre. Rodion chamou-o de *Svidrigáilov* e gritou-lhe para ele sair dali, por aqui se depreende que sente uma profunda repugnância por este e medo pelo destino da irmã. Este facto é, bem patente na ideia que ele formula sobre como poderia ser o futuro desta jovem, a miséria... E a forma como isso o incomoda ao ponto de afirmar que gostava de esquecer tudo o que viu naquele momento.

Raskólnikov sentindo-se atormentado por estes medos, decide visitar o amigo Razumíkhin, pois talvez este tivesse algum trabalho onde pudesse ganhar algum dinheiro. Admite para si, por breves instantes, que com esta ideia quis resolver tudo, viu nesta visita o remédio para os seus problemas e admirou-se com isso. Assim, mudou de ideias, pois ninguém poderia resolver os seus problemas senão ele próprio. Então, deveria visitá-lo apenas após fazer *aquilo*... Mas ao pensar nisso, ficou perturbado, sentiu-se enojado com o que estava a planear, começou a ter tremores e calafrios, procurou afastar o seu pensamento, mas era impossível, esses *pensamentos* não o largavam.

Acerca da relação entre Raskólnikov e Razumíkhin, Marques (2010) salienta a importância desta para mostrar o contraste entre ambos, ou seja, o isolamento, a desvitalização e a profundidade intelectual do primeiro contrariam a sociabilidade, a vitalidade e a aparente simplicidade do seu amigo. A autora nota também que o facto de Razumíkhin viver em condições económicas bastante precárias, serve de contra argumento à ideia que o crime acontece devido á pobreza de Rodion.

Após o sonho de Raskólnikov em que uma égua é brutalmente assassinada com um machado, Raskólnikov percebeu que não conseguiria matar a velha conforme planeava, não ia conseguir dominar os seus sentimentos após isso. Bal (2009) adverte que tanto a culpa e o seu desejo de

³ Consta no Anexo I o Genograma inicial de Sónia

expição, após o crime não são reconhecidos por ele conscientemente, porém estes podem ser esclarecidos pelos seus sonhos. Este primeiro é um prenúncio do remorso que ele vai sentir após o *crime*. No mesmo sentido, Mortimer (1956, citado por Bal, 2009) afirma que ele se sente como uma criança, ao ver a morte da égua, estando impotente, prevendo também a sua perda de controlo sobre o crime. Tanto este autor como Katz (1984, citado por Marques, 2010), concordam em como é evidente a compaixão, por parte de Raskólnikov, perante a égua e a hostilidade perante o assassino. Mortimer (1956, citado por Bal, 2009) associa esta hostilidade para com Mikolka (o assassino), como uma auto-confrontação do crime, e a parte final onde a criança chora nos braços de seu pai, sugere a cena perto do fim do romance em que Raskólnikov se ajoelha diante de sua mãe quando tem no pensamento a confissão do crime.

Ao refletir sobre o que acabara de sonhar, ele próprio achava aquilo nojento, disso já não havia dúvidas, ele queria desistir, e isso deu-lhe um alívio profundo como não sentia desde que começou a planear *aquilo*. Mas de uma forma estranha e quase predestinada tomou um caminho que não era o habitual para sua casa e ouviu um excerto da conversa entre Lisaveta Ivánovna, a meia-irmã da agiota a quem ele está a pensar fazer *aquilo*, e outras pessoas. Descobriu assim que esta estaria fora de casa na noite seguinte. Rodion sabia que tal seria uma oportunidade única para ele o fazer, seria o *crime perfeito*, e regressou a casa sentindo-se um *condenado à morte*, como se tivesse perdido a liberdade de escolher *não o fazer*.

Rodion, nos momentos em que se preparava para o que vinha a seguir, sentia como se uma força invisível o impulsiona-se, a sua mente não parava, e pensou que quando um criminoso era apanhado, era porque psicologicamente a sua luta interna entre a razão e a emoção faria com que ele deixa-se pistas para ser apanhado. Questionando-se também se *é a doença que engendra o crime, ou o crime que faz o individuo ficar doente*. Neste momento, Raskólnikov ainda não tinha matado ninguém, mas já se sentia um criminoso, apesar de dizer para si próprio que o seu plano não ia falhar por *não ser um crime*, bastaria apenas ter o juízo perfeito para tudo correr conforme planeado, o que não iria acontecer.

Se matar a velha era o seu plano e até podia racionalizar e justificar

os motivos, matar uma rapariga doce e inocente como Lisaveta não estava planeado e tornara aquilo tão repugnante e nojento. Ao longo dos próximos tempos, este crime será, na sua maioria das vezes, descrito por ele como a morte da velha, e não como a morte da velha e da irmã o que nos evidencia que ele muitas vezes dissociou uma das vítimas deste crime. Note-se também que este é um ato simbólico de ambivalência, pois ele procurava matar a velha má, mas acaba por matar a personagem má e ao mesmo tempo a personagem boa.

Logo após a chegada a casa, ficou logo num absoluto estado de desrealização e com o pensamento totalmente fragmentado durante algumas horas, vivendo um sono delirante. Quando volta a si pensa que vai enlouquecer, sendo assolado por um frio terrível e febres. Pode dizer-se que o corpo de Raskólnikov evidenciava bem o conflito emocional vivido por ele, despertando agora neste uma forte culpa persecutória. Apenas nesta altura se lembrou de esconder os objetos roubados, uma vez que não se sentia preparado para esconde-los. Raskólnikov sentiu que a razão estava a traí-lo e começa a ficar com mais calafrios, adormecendo novamente em marasmo. Com as provas do crime na mão. Assim caso alguém entrasse nesse momento pelo quarto dele certamente iria suspeitar de algo. Voltou a acordar e a delirar, sentia que havia sangue por todo o lado, que tudo tinha pistas contra ele. Queria queimar todas as provas, mas nem fósforos tinha e decidiu que se ia livrar daquelas coisas nesse preciso momento, mas foi incapaz, acabando por adormecer e delirar, durante várias horas, muitas vezes.

Quando foi convocado pela polícia ficou bastante nervoso, imaginou que eles já sabiam de tudo e que o iriam prender, mas sabia que nesse caso não o convocariam desta forma. Quis ajoelhar-se para rezar, mas desatou a rir de si mesmo. Sentiu que tudo podia estar perdido, mas que iria na mesma. Rodion achava que isto era uma ratoeira, para ele se descair, e imaginava que com as vertigens, as dores de cabeça, os delírios e a febre que sentia se podia descair com alguma coisa. A caminho da secretaria da polícia lembrou-se que lhe podiam revistar a casa quando estava fora, mas nem isso o demoveu e pensou *que acabe depressa*. Nesta fase, possivelmente a culpa que ele sentia, além de ser transmitida na forma como bruscamente ficou

doente, também se evidencia na sua atitude cada vez mais reveladora da sua tendência inconsciente para ser apanhado e castigado, bem como os inúmeros momentos em que ele sentia que pretendia acabar com tudo (e que se ia trair) é bem revelador disso mesmo.

Quando descobriu que apenas tinha sido convocado devido à dívida à senhoria o humor dele melhorou bastante e até se vitimizou, procurando explicar os motivos que o levaram a não pagar a renda há algum tempo. Nestes momentos, apesar da sua melhoria de humor, assumiu uma postura falsa perante eles, no fundo estava a pensar em como sentia uma solidão imensa e uma alienação torturante. O narrador contou que se eles o condenassem à morte pelo fogo, nem mexeria um músculo, nem sequer ouviria a sentença com atenção, e esta era a pior sensação que alguma vez vivera. A sua impulsividade queria levá-lo a contar e a acabar com tudo, mas algo dentro dele lhe dizia que não devia. Contudo, Raskólnikov estava a ser violentamente torturado pela sua consciência e o seu corpo mais uma vez manifestou-se, pois no momento em que ele ia sair desmaiou, ao ouvir as pessoas que estavam lá na secretaria a falar sobre o duplo homicídio. O seu corpo trai-o, e este foi o primeiro indicio que, mais tarde, levaria Porfíri a acreditar que ele era o culpado. Em suma, Rodion desmaiou e tornou-se, assim, um suspeito do crime. Acerca da personalidade hipocondríaca que começa a evidenciar-se em Raskólnikov, Gibian (1955, citado por Marques, 2010) afirma que estas justificações biológicas apenas mascaram a sua verdadeira causa, a revolta do seu subconsciente contra o seu modo de vida.

Nesta fase, Raskólnikov atribuía todo este mal-estar à sua *doença* e acreditava que isso iria parar, pois ele ia parar de se torturar após deixar de estar doente. Não podia deixar de sentir um interminável nojo e raiva por todas as pessoas que via, mas, por outro lado, nos momentos em que pensa nisto mesmo dá por si parado exatamente à frente da casa do seu amigo Razumíkhin, decidindo ir falar com ele. Porém, após lá chegar Raskólnikov sentiu-se zangado consigo próprio por ali estar e afirmou que não precisava de nada de Razumíkhin. Contudo, este não o deixou ir, oferecendo-lhe um novo projeto que ele tinha e em que Raskólnikov poderia colaborar e ganhar alguns rublos. Mais do que a necessidade de Razumíkhin em ter um colaborador, este tinha a necessidade em ajudar o amigo, mesmo que este

não quisesse, esta premissa foi bastante característica desta relação ao longo de toda a obra. Apesar de tentar afastar Razumíkhin, foi Raskólnikov que foi procurar o amigo, pedindo a sua proteção e apoio.

Talvez este fosse um pedido de ajuda ambivalente, pois pode considerar-se que não é inocente o facto de, logo após o seu sonho com a morte da égua, Raskólnikov decidir que depois de fazer *aquilo* iria procurar o amigo. Neste caso, esse sonho pode ser comparado ao que ele viria a fazer com a velha, salientando-se que no final do sonho ele recorria ao pai como forma de proteção. A partir desse momento, este amigo passou a ser aquela pessoa que o tentou proteger, que acreditava na sua inocência e na recuperação daquela *doença* misteriosa causada pela miséria e pela fome. Pode também considerar-se ambivalente, a reação de Raskólnikov à proteção e apoio do amigo, pois criticou-o e ordenou-lhe que parasse, mas por outro lado, delegou-lhe tarefas tão importantes como tomar conta da mãe e da irmã para sempre.

Os dias seguintes foram marcados pelas febres, delírios e apenas uma semiconsciência. Quando acordou, Razumíkhin estava lá, pois tinha cuidado dele durante a sua doença, porque sentiu que ele estava mal e foi procurá-lo para o *castigar*, segundo as suas palavras com alguma ironia. Nestes dias, o amigo ajudou a resolver alguns dos problemas pendentes de Rodion, como o da renda e até lhe comprou roupa, mas o ex-estudante repugnou-se com estes atos. Assim, pediu que o deixassem em paz definitivamente e ao mesmo tempo começou a sentir que eles sabiam de tudo e que talvez estivessem a gozar com ele. Queria fugir daquilo tudo, mas apenas não o fez porque voltou a adormecer. O conteúdo dos seus pensamentos assumia nesta altura a forma de delírio persecutório, e a sua destrutividade estava projetada para as pessoas que o rodeavam.

Quando o seu amigo e o médico conversaram sobre o crime, Raskólnikov ouviu tudo com muita atenção e sentiu-se torturado pelo que o amigo contava quando se referia aos indícios encontrados de que Nikolai poderia ser o culpado. Não obstante, no início desta conversa, ele denegou que conhecia a Lisaveta, pois quando foi referida como uma das vítimas da tragédia, Rodion não se *lembrava* que ela, anteriormente, já tivera consertado uma camisa dele, e estado na casa da sua senhoria. Neste

momento foi notório que ele entrou em negação e procurou focar-se em pormenores estéticos do seu quarto, como forma do seu pensamento fugir desse assunto.

Após a discussão com Lújin, onde Raskólnikov lhe disse que não aprovava o casamento com a irmã, este saiu à rua sentindo uma estranha e súbita tranquilidade, pois queria acabar com tudo nesse dia, não queria mais viver assim, tinha de acabar com aquilo de alguma forma, mas viver assim não podia ser. Enquanto vagueava pelas ruas, juntou-se a uma festa e socializou com as pessoas que estavam ali, pela primeira vez, este estava simpático e sociável. Porém, podemos nos questionar se esta aparente sociabilidade e amabilidade do ex-estudante, não será mais que uma fase maníaca que ele atravessa como forma de não pensar sobre a culpa que sente. Note-se que inicialmente, ele saiu à rua com o objetivo de *acabar com tudo*, isso dava-lhe um grande alívio, não sabemos o que tal significava, se era suicidar-se ou entregar-se. Mais tarde, numa conversa com Sónia, ele sugere-lhe que ela própria termine com a vida, o que pode levar-nos a pensar que o suicídio poderá ter sido a opção que lhe passou pela cabeça. Saliente-se que logo após tomar a decisão, Raskólnikov ficou subitamente tranquilo, tornou-se amável, e seguidamente sentiu novamente vontade de viver, expressada pelos seus pensamentos: *“Viver, viver, só viver! Seja de que maneira for, mas viver!... Que grande verdade! Deus, que grande verdade! O homem é desprezível Mas também é desprezível o que por esse facto lhe chama desprezível”*. Aqui já vemos o que Raskólnikov pretende viver mesmo com o peso da culpa, mesmo sendo ele desprezível.

Quando se depara com Zamiótov, o secretário da polícia, Rodion entra numa espécie de jogo com este, começando-lhe a falar de uma forma enigmática sobre o crime, e confessando-lhe que possivelmente sabia mais sobre o assunto do que ele imaginaria. Nesta conversa, Raskólnikov assumiu uma postura bastante arrogante, demonstrando um forte sentimento de onnipotência, e desprezo pelo seu interlocutor ao rir-se deliberadamente dele. Ele estava de alguma forma a agir como se o outro soubesse de tudo, agindo com ironia e desprezo, como se lhe estivesse a confessar o crime, mas simultaneamente com desprezo e triunfo ao ponto do secretário o chamar de louco. Porém, mudou de assunto, para um grande golpe, onde um

conjunto de vigaristas falsificou obrigações do estado e trocou-as por dinheiro, mas um deles descaiu-se a contar o dinheiro e apavorado fugiu, tornando-se suspeito e acabaram por ser apanhados. Rodion apelidou-os de fedelhos, pois não souberam lidar com a parte psicológica do crime e explicou que procederia contando as notas meticulosamente e friamente, sendo que se enganaria propositadamente para enervar o funcionário que estaria com ele, por forma a este querer vê-lo pelas costas o quanto antes.

Raskólnikov conseguiu fazer o crime perfeito, pois ao analisar-se a obra percebe-se que Porfíri apenas desconfiou dele quando soube do seu desmaio na secretaria, da maior parte das atitudes dele após este crime que foram no sentido inconsciente de ser apanhado e punido. Mas tal como estes *fedelhos* que ele desprezou falhou na parte psicológica, pois não foi capaz de suportar a culpa por ter cometido o crime. Rodion projetou então neles o seu desprezo e a raiva com que revestiu a sua descrição de como teria feito, com pormenores obsessivos, que revelam também a forma idealizada como ele deveria ter procedido após o crime, ou seja, de uma forma puramente racional, sem *interferência* das suas emoções. Zamiótov assinalou que tal seria difícil de realizar e compara esta situação ao homicídio da velha, e que este possivelmente tinha cometido o mesmo erro destes *fedelhos*. Nesta altura, Rodion explodiu gritando-lhe “*Vê-se! Mas apanhem-no agora, tentem! (...) Quem? Vocês? Vocês apanham-no? Têm muito que correr!*”. Depois disto e já com Rodion mais calmo, Zamiótov procurou perceber como é que ele procederia se fosse o assassino, ao que ele lhe responde que iria imediatamente a algum lugar quase deserto, e ali procuraria uma pedra grande e colocaria no buraco em baixo dela os objetos e o dinheiro e apenas lá voltaria passado muito tempo. Zamiótov, assustado, afirmou que ele era louco, e Raskólnikov insistiu que poderia ter sido ele a matar a velha e Lisaveta. Zamiótov ficou branco como um papel, dizendo que isso não era possível e que não acreditava. No final, Raskólnikov negou tudo, acusou-o de forjar a sua culpa e saiu indignado, mas ao mesmo tempo completamente extasiado com o que acabara de acontecer.

Logo à saída quando se encontra com Razumíkhin, Rodion enfureceu-se e pediu-lhe para o deixarem em paz definitivamente, mesmo que o considerassem um ingrato. Disse-lhe, também, que eles eram uns

fanfarrões miseráveis, pois segundo ele *“Toca-vos um sofrimentozinho de merda e põem-se a cacarejar em cima dele como a galinha em cima do ovo! Até nisso cometem plágio. Não têm a mais leve sombra de vida independente. São feitos de pomada, de espermacete e têm soro nas veias em vez de sangue! Não confio em nenhum de vocês! A vossa primeira preocupação, em todas as situações, é não parecerem seres humanos!”* (...) *não vês que não quero a tua caridade? Que interesse tens tu em ajudar pessoas que... se estão nas tintas? Pessoas para quem, afinal, é difícil suportar isso? Por que me procuraste e me encontraste no princípio da minha doença? E se eu gostasse muito de morrer? Será que não te fiz entender claramente que estavas a atormentar-me, que eu estava... farto de ti? Que prazer é esse de atormentares as pessoas? Podes crer que isso impede seriamente a minha recuperação, porque está a irritar-me constantemente. O Zóssimov, esse, foi-se embora para não me irritar mais. Deixa-me em paz, tu também!”*. Talvez Rodion sentisse que não merecia ser ajudado, que não tinha valor para que ninguém se preocupasse com ele. Este agiu com altivez e onipotência para com o secretário que o tentava encurralar e a sua agressividade se dirigiu para este, agora a agressividade é contra si próprio. Pode considerar-se que o acontecimento que se seguiu não é inocente: após o final da discussão com o colega, este pára a meio de uma ponte onde se sente totalmente em desrealização, apenas voltando a si para ver o triste espetáculo de uma senhora que se atira ao rio para tentar pôr termo à vida e que antes disso fixava o olhar nele, mas acabou por ser salva. Seria a mente de Raskólnikov em ação, seria a sua vontade inconsciente de pôr termo à vida, de terminar com tudo? Ou de ser salvo depois de se ter deitado para o abismo com aquilo que fez? Sentia nojo e repugnância por esta pessoa, não podia ser assim indiferente, decidiu ir à esquadra e acabar com tudo.

Todavia, a meio do caminho passou perto da casa de Aliona Ivánovna e num impulso inexplicável, resolveu ir até lá. Alguns trabalhadores estavam a efetuar algumas obras na casa e Rodion indignado questionou-os sobre o sangue que deveria estar no chão. Eles decidiram que deviam levá-lo à polícia, e Rodion concordou com eles e demonstrou vontade que o fizessem, mas estes acabaram por mudar de ideias.

Rodion identificou-se e revelou a sua morada, dizendo-lhe que se eles o levassem à secretaria lhes explicaria tudo, então eles expulsaram-no da habitação, pensando que estava doido. Cumpre-se o provérbio: *o criminoso volta sempre ao local do crime*. Raskólnikov quis que o levassem, que o condenassem e o castigassem, uma vez que estava decidido a entregar-se nesse momento à polícia. Contudo, o destino tinha planos diferentes para ele neste momento, pois o acontecimento seguinte: a morte de Marmeládov, veio a trazer uma viragem no rumo dos acontecimentos.

Logo após a trágica morte do amigo, Rodion assumiu a situação, entregando todo o seu dinheiro a Katerina Ivánovna para as despesas do funeral, incluindo o que restava do dinheiro enviado pela sua mãe. Quando este ia sair sentia-se renovado como um condenado à morte a quem tinham perdoado a pena no último minuto. Assim, quando estava na ponte onde precisamente a senhora se tinha tentado suicidar, ele pensou que era altura de decidir viver, uma vez que a sua vida não tinha acabado com a velha, pois era altura do reinado, da razão, da luz, da liberdade e da força.

Neste episódio da morte de Marmeládov, podemos encontrar vários fatos curiosos: em primeiro lugar, não será coincidência o fato de Rodion pensar em suicídio, e passado poucas horas, o amigo ter sido morto e ele ao ajudá-lo a partir em paz, pedindo desculpa à filha, se sentir renovado e com uma vontade genuína de viver. Outro aspeto, é salientado através da figura do padre, portanto o representante de Deus, ou metaforicamente o representante do Pai, o criador, afirmar que é pecado (crime) sentir esses sentimentos (agressivos), o que neste sentido pode ser entendido como a metáfora para a ideia de que para o sentimento de culpa, o mais importante talvez não seja quem comete o crime, mas sim quem o desejou. Por último, neste episódio, vemos o mais genuíno ato de afetividade que Rodion mostrou, neste caso a Pólenka, note-se que esta proximidade calorosa e este pedido para que ela reze por ele poderá ser o primeiro indício de que, tal como afirmava Winnicott, para se aceitar a destrutividade dentro de nós em primeiro lugar temos de aceder à atividade construtiva pela reparação. Esta proximidade e pedido de ajuda são assim o primeiro indicador que a reparação seria possível.

Logo que reencontrou a irmã, Rodion ficou assustado e acabou por

desmaiar. Ao acordar, exigiu que Dúnia rompesse o seu noivado com Lújin, e comportou-se de forma agressiva, denotando muita irritação. Afirmou que ela se ia casar com esse homem para se sacrificar em prol do seu futuro e ele não aceitava este sacrifício. Para Marques (2010), é bem notória a contradição de Raskólnikov onde afirmou descrença e condena a atitude da irmã ao decidir casar com Lújin apenas por ela própria e não como um autossacrifício para salvar a família da ruína financeira, e este quando justifica o crime a Sónia afirma que matou apenas por si, sem casuística. Esta contradição parece anular em certa medida o argumento do Homem extraordinário como o único motivo para o crime.

Razumíkhin começou a tomar conta da situação, acompanhando Dúnia e Pulkhéria a casa e prometeu-lhes tomar conta dele. Ele caracterizava Dúnia como uma mulher forte, segura de si, doce e graciosa, pelo que nesse momento começava a florescer nele uma paixão por ela. Já a sua mãe era sensível, tímida, transigente e bondosa. No dia seguinte quando se encontraram todos, Raskólnikov assumiu uma postura bastante agressiva, estava muito irascível e a sua afetividade era falsa pela forma como agradeceu a todos a maneira como trataram dele, (semelhança com a conversa que teve na secretaria da policia ao falar da senhoria) e sentia-se torturado por estar com elas apesar de não as ver há bastante tempo, pensando que talvez apenas na sua ausência foi capaz de as amar, sendo incapaz de o fazer nesse momento. Elas contaram-lhe que a esposa de Svidrigáilov, Marfa Petrovna tinha morrido entretanto de uma forma repentina, e correu o rumor que Svidrigáilov era o *causador* da sua morte. Logo de seguida, Raskólnikov interrompeu a conversa para perguntar-lhes porque é que elas tinham medo dele, ao que Dúnia respondeu com ironia, e a mãe ficou muito apreensiva e repreendeu-os bastante embaraçada. Rodion respondeu-lhes com um falso humor, dizendo que teriam muito tempo para falar sobre as novidades, isto apesar de sentir no seu amago, o frio e torturante sentimento que nunca mais teria tempo para falar com ninguém. E intervém novamente perguntando o porquê de todos estarem tristes. Nestas súbitas intervenções, podemos ver que ele projeta sobre eles o medo e a tristeza que sente, ao mesmo tempo que sente que a sua única saída será a morte.

A conversa começou a desenrolar-se e Raskólnikov disse a Dúnia que ela tinha que escolher entre ele e Lújin, pois ela não se podia sacrificar, pois segundo ele “*que eu seja um canalha, mas tu não podes ser*”. Para ele, a irmã não se podia sacrificar por uma vida melhor, (curiosamente por uma motivação parecida à sua do crime), ao que ela lhe respondeu que apenas o faria por si e tal não representava nenhum mal, e que este estava a exigir dela um heroísmo que ele próprio não tinha, e ela ainda *não degolou ninguém*, e de súbito o irmão começa a ficar pálido e a sentir-se mal. Entretanto, a visita de Sónia trouxe-o de volta à vida, e, por isso, decide ir visitar o investigador, para retomar o controlo da situação.

Rodion, juntamente com Razumíkhin foi ao apartamento de Petróvitch, estava com um excelente humor, mas ficou surpreso ao ver que Zamiótov também estava lá. Todavia, a conversa não se desenrolou muito bem. Petróvitch, que é muito interessado em Psicologia, mencionou um artigo escrito por Rodion, chamado *Sobre o Crime*, no qual ele explorou as vivências psicológicas do criminoso durante o processo do crime. No artigo Raskólnikov apresentou também a sua própria teoria, uma nova norma: aquele que estabelece a lei é necessariamente um criminoso em certo grau, pois comete necessariamente uma transgressão ao depor a norma anterior. Estes seriam os *Homens extraordinários*, aqueles que são capazes de ousar, por outro lado, os *pioelhos*, nem sequer pensariam nisso, nem sabiam que são *pioelhos*. Curiosamente, afirmou nesse artigo que a execução do crime era sempre acompanhada por uma doença. O objetivo de Raskólnikov era saber o que o inspetor sabia sobre o seu envolvimento no crime. Após esta situação, tornou-se claro que Petróvitch suspeitava do ex-estudante, que por sua vez sentia uma grande repugnância por ele e um ódio imenso, ao ponto de sentir uma vontade insuportável de confessar o crime “*(...) Atiro-vos a todos com a verdade à cara (...) e verão como vos desprezo*”. Sentia que eles (Zamiótov e Petróvitch) já sabiam de tudo e estavam a gozar com ele, sendo que antes de ele chegar de certeza que estavam a falar dele. No final da conversa, acabou por assumir que mesmo estes *Homens extraordinários*, tendo consciência vão acabar por sofrer por pena da vítima, e terão de lidar com a sua consciência. Contudo, o sofrimento e a dor são um requisito obrigatório para se ser um verdadeiro grande Homem, e esse sofrimento é o

castigo dele além da prisão. Desta forma, Raskólnikov afirmou a premissa base da obra *Crime e Castigo*, após o crime, a consciência castigou-o e torturou-o de tal forma que apenas o castigo pela lei e a punição o poderiam levar ao fim desse sofrimento. Este é um jogo psicológico de gato e rato, e o ato de se defender é algo que causa repugnância a Raskólnikov.

Após ter sido confrontado por um popular que o chamou de *assassino*, foi para casa sentindo-se fraco e petrificado, *alguém sabia*, entrou em letargia, ficou melancólico e despersonalizado. Refletiu sobre a sua falha ao cometer o crime, tendo demonstrado ser um *piolho* e não um *homem extraordinário*. Rodion adormeceu e teve pesadelos. “*A velha era apenas uma doença... eu quis transpor o mais depressa possível... não matei uma pessoa, matei o princípio! Matei o princípio, de facto, mas não consegui transpor a barreira, fiquei deste lado... Não consegui mais do que matar. Nem isso consegui, afinal! (...) Sou, definitivamente, um piolho (...) eu próprio sou talvez ainda mais porco e nojento do que o piolho morto, e pressenti que ia dizer isso a mim mesmo logo depois de assassinar! Haverá alguma coisa comparável a este horror? Oh, vulgaridade! Oh, baixeza (...) nunca perdorei à maldita velha! (...)*” A culpa persecutória e o medo da punição que ele tanto desejava estavam neste momento a estourar, sentiu um profundo ódio pela velha, pois ao ter sido morta por ele e ter morto a sua *ideia* de ser capaz de ousar, de não se submeter à *prisão da consciência e não sentir e agir a culpa*. Pela primeira vez pensa em Lisaveta: “*Coitada da Lisaveta! Por que me apareceu naquele momento?... Contudo, é estranho que quase não pense nela, como se não a tivesse matado!... Lisaveta! Sônia! Coitadas, meigas, de olhos meigos... Queridas!... Por que não choram? Por que não gemem?... Dão tudo aos outros... olham com submissão e meiguice... Sônia, Sônia! Meiga Sônia!...*”. Este falso pesar encontra assim suporte em Sônia, e assim conseguiu adormecer. Caiu no sono, sonhou que o estranho que lhe falara antes o levava para casa da velha e que estava sentada numa cadeira, ele bateu com o machado no cocuruto da velha, uma e outra vez. Mas ela nem se mexia, a velhinha ria-se num riso baixinho, inaudível, esforçando-se para que ele não a ouvisse, no quarto ao lado ouvia-se também risos e sussurros. Ficou furioso e desatou às machadadas na cabeça da velha, o riso e os sussurros do quarto aumentavam. Ele procurou

fugir, mas o vestíbulo estava cheio de gente, uma multidão, tudo a olhar, e depois acordou em sobressalto. Bal (2009) considera que no seu sonho com a velha se torna evidente a fraqueza e humilhação de Raskólnikov depois do crime, pois ele é incapaz de lidar com esta realidade e que esses aspetos inconscientes são a causa do seu forte desejo inconsciente de ser apanhado, manifestado em várias ações como por exemplo o regresso ao local do crime.

Mais tarde, Raskólnikov conhece Svidrigáilov, que vem com a intenção de oferecer dez mil rublos a Dúnia para que ela rompesse o seu noivado com Lújin. Durante a conversa entre ambos, Svidrigáilov afirmou algumas vezes que ele e Raskólnikov eram parecidos. Tal situação intrigou bastante o ex-estudante, pois ele não gostava nada de Svidrigáilov e achava-o um aproveitador, como ficou bem patente no episódio da rapariga violada na parte inicial da obra. Outro aspeto interessante refere-se ao visitante afirmar que apesar do fantasma de Marfa Petrovna ainda lhe falar de vez em quando, assim como o de um criado seu que teria falecido (existe um rumor, em como este teria culpa nisso), este sente bastante medo e superstição ao falar destes temas. Porém o seu único interesse era tentar que Rodion possibilitasse a aproximação com Dúnia.

No encontro que estava combinado com a família e Lújin, Dúnia acabou por romper o noivado e perante a herança de Marfa Petrovna começam a planear o futuro bastante animados, Mas nesse momento, Raskólnikov ficou incomodado e saiu abruptamente, pedindo para o deixarem sozinho. Razumíkhin vai atrás dele e Rodion confia-lhe os cuidados da sua família, e eles trocam um longo olhar no corredor, através do qual Razumíkhin parece entender o horrível segredo do seu amigo. Porém, esta ideia não se veio a confirmar, pois talvez este amigo bondoso e cuidador, suficientemente bom para Rodion designar como cuidador da família não fosse suficientemente forte para carregar com ele o peso que ele próprio suportava, talvez ele inconscientemente quisesse ter alguém que o ajuda-se a suportar tudo aquilo, e aquele olhar era uma confissão e um pedido de ajuda.

Durante o encontro com Sónia, Rodion diz-lhe que vinha vê-la pela última vez, uma vez que estava na hora de *partir* e que *amanhã* tudo se

decidiria, e ela ficou genuinamente preocupada com ele. Raskólnikov assumiu uma postura bastante sádica, atacando as crenças dela e evidenciando o estado de miséria em que a vida dela se tornara, procura também mostrar-lhe que o futuro pode ser ainda pior. Curiosamente disse-lhe que ninguém poderia garantir-lhe que a madrasta tivesse um acesso de loucura e levasse as crianças para a rua a chorar e a pedinchar, acabando aí por morrer, ou no hospital, ou na esquadra. Esta previsão viria efetivamente a concretizar-se dentro de umas horas. Sónia olhava para ele com uns olhos suplicantes como se tudo isso dependesse da vontade dele, estando terrivelmente amargurada. Mais uma vez na obra de Dostoiévski, podemos verificar que as intenções (mais do que as ações) são o crime em si, Raskólnikov num acesso de sadismo violento desejou uma morte violenta e humilhante a Katerina para atingir Sónia, e este impulso destrutivo acabou por acontecer.

Rodion questionou-a se queria que Pólenka fosse pelo mesmo caminho que ela, e Sónia respondeu-lhe que Deus não permitiria que tal acontecesse, mas Raskólnikov questiona-a do porquê de não proteger as outras pessoas na mesma situação de Sónia, e que talvez nem exista Deus nenhum. Tudo isto parece ser a forma que ele teve de a atingir, ela chorava convulsivamente e passado uns minutos, ele beijou-lhe o pé. Sónia ficou abismada, pois não se sentia suficientemente digna para que alguém lhe fizesse tal ato de reverência, mas ele diz-lhe que não à reverência, mas sim a todo o sofrimento humano (pelos vistos, ela, ao contrário de Razumíkhin, era capaz de suportar o sofrimento). Mas disse-lhe também, que ela era uma pecadora, principalmente porque se atraçou e mortificou em vão. Referiu também que ela vivia na podridão que tanto odeia e não salvou ninguém com isso, por conseguinte, talvez fosse mais sensato ela acabar com tudo e atirar-se à água de uma vez (como a senhora o fez à frente dele). Nesta ideia, podemos ver uma identificação projetiva de Raskólnikov a Sónia, esta recebeu e aceitou essa destrutividade. Raskólnikov questionou-se como é que ela conseguia viver nessa situação sem enlouquecer, e descobriu que ela tinha sido preservada pela sua inabalável fé em Deus. Rodion pediu-lhe assim que ela lhe lesse a história de Lázaro no Novo Testamento que tinha sido trazido por Lisaveta. Enquanto Sónia lia, o narrador afirma “ (...) neste

quarto miserável, o assassino e a prostituta, estranhamente reunidos para lerem o livro eterno.” Sobre este episódio, Rosenshield (1978, citado por Marques, 2010) diz que tal constitui-se como uma evidência psicológica da sua angústia e começa a acreditar na possibilidade de salvação/redenção.

Após a leitura, o ex-estudante disse-lhe que agora só a tinha a ela, eram ambos malditos e partilhavam o destino juntos. Sónia não percebia nada, apenas sabia que ele estava verdadeiramente infeliz. Ele acabou por ir embora, com a promessa de lhe contar quem matou Lisaveta no dia seguinte.

No momento em que se despede dela Raskólnikov afirma: “*Não vou pedir-te perdão, simplesmente, digo-to*”. Desta forma, pode-se dizer que ele ainda não reconhecia *aquilo* como crime, negava-o, logo não reconhecia o dano causado, e assim não fazia sentido pedir perdão. Neste sentido, Bal (2009) acredita que para proteger a sua liberdade Rodion dissocia-se do mundo, racionaliza o crime, e denega o forte sentimento de culpa que o tortura. Raskólnikov, a certa altura, admite ter transgredido legalmente, mas não moralmente.

No dia seguinte, Raskólnikov em conversa com Porfíri quase se traía e confessa o crime, mas aparece no último momento Nikolai e confessa ser ele o assassino, e de seguida o mujique⁴ que o tinha chamado de assassino vai ter com ele assumindo que se tinha enganado. Desta forma, estavam assim criadas todas as condições para Rodion seguir com a sua vida, sem temer mais ser apanhado pelo crime que cometera. Mas a história vai evidenciar o contrário, uma vez que, Raskólnikov queria ser apanhado e castigado.

Quando Raskólnikov se encontrou com Sónia questionou-a sobre se esse Lújin, sendo um malfeitor tinha mais direito à vida do que a sua madrasta. Sónia recusou-se a responder, pois essa era uma decisão de Deus e ela não foi autorizada a ser juíza para decidir tal coisa. A tentativa niilista de Raskólnikov caiu com isto e pensou em pedir desculpa, mas logo foi assaltado por um ódio mordaz a Sónia. Rodion olhou para ela fixamente, mas da parte dela encontrou um olhar afetuoso e preocupado que demonstrava amor, e o ódio dele esfumou-se. Chegara o *momento*. Raskólnikov contou-lhe então que a sua vida estava condenada à pobreza e à

⁴ Equivalente na sociedade russa da altura a popular ou membro do povo.

miséria, tal como a da sua mãe e da irmã, principalmente por tentarem ajudá-lo. Segundo ele, o dinheiro que iria roubar da velha, seria o trampolim para uma nova vida, uma vida de grandes feitos. Seria ele capaz de ousar? (baseado na sua teoria dos Homens Extraordinários). Afirma que não matou para roubar, pois se assim fosse agora seria um homem feliz, mas matou por si, apenas por si, para provar a si próprio que era capaz de ousar, que era um *Homem Extraordinário*, e não apenas mais um piolho, quis ser Napoleão. Para Rodion, não existe o bem e o mal, apenas o poder, e aqueles que são capazes de ousar para tê-lo e do outro lado os piolhos fracos, que nem sabem que são piolhos. Sónia disse-lhe que nesse momento não havia ninguém mais infeliz do que ele e ele começou a chorar, pedindo-lhe que nunca o abandonasse. Rodion reconheceu então pela primeira vez que fez mal em matar a velha e que se fosse hoje já não o faria (arrependimento), mas afirma “*Matei-me a mim, e não a velha! Acabei comigo de vez, para sempre!... E a velha – foi o diabo quem a matou (...)*”. Sónia procurou convence-lo a aceitar a penitência e expiar o pecado, dizendo-lhe para beijar a terra e perante toda a gente dizer em voz alta que matou. Segundo ela, só assim poderia atingir a redenção, não obstante, essa seria uma cruz que carregariam juntos. Segundo Rosen (2009) Raskólnikov sofria por ter medo de ser descoberto e também pelo medo de não ser, prolongando assim a angústia da sua punição interna, um estado terrível de combinação de culpa e grande angústia, exacerbada pela vergonha de trair a confiança de sua mãe e sua irmã. Na relação com Sónia, Rodion depositou nesta a função de *Superego* de uma forma autopunitiva para esta lhe dizer aquilo que ele queria ouvir, a aceitação do castigo.

Quando passou por casa, Rodion tinha Dúnia à sua espera para conversarem sobre as suas atitudes, dando-lhe a entender que estava preocupada com ele, mas que estaria sempre com ele. Ele deu-lhe a bênção para o *namoro* com Razumíkhin (eles estavam a apaixonar-se mas não namoravam), pois considerava-o um grande homem, e sentiu vontade de abraçar-se a ela, e pensou que talvez ela aguenta-se saber a verdade, mas não lhe contou. Estes novos sentimentos afetuosos mostram-nos um Raskólnikov em mudança.

Logo após a morte de Katerina Ivánovna, Svidrigáilov garantiu a

Rodion que iria tomar conta das crianças. Começou também a citar partes da conversa entre ele e Sónia, que provam que tinha ouvido a confissão que ele tinha feito a Sónia, e que sabia que ele tinha matado a velha e a Lisaveta.

Aterrorizado, Rodion entrou numa fase de alienação, vagueando pelas ruas, sem rumo, completamente melancólico e afastado do mundo, deixando de ver todas as pessoas durante uns dias, nem Sónia foi procurar. Sentia sempre que estava alguém consigo, que nunca estava sozinho, mesmo que não estivesse absolutamente ninguém ao pé de si.

Em certo momento, o ex-estudante recebe uma visita inesperada: Porfíri. Este foi a sua casa para avisá-lo que o iria prender dentro de alguns dias, explicando-lhe que desde há muito tempo que sabia que tinha sido ele que tinha matado as irmãs, e que tinha delineado uma estratégia psicológica para que ele se entregasse, aceitando a expiação e salvando assim a sua alma, pedindo-lhe também que não abandonasse a vida. Raskólnikov agiu explosivamente, mas não o negou e questionou-o pelo motivo de não o prender neste momento e evitar assim a fuga dele, pois talvez fosse tudo bluff. Porém o investigador respondeu-lhe que tinha a certeza que ele não iria fugir, pois ele precisava do sofrimento, um outro qualquer fugiria, mas Raskólnikov não. Este sabia que era verdade. Sobre esta relação entre Petróvitch e Rodion, Marques (2010) diz que o primeiro procurou estimular o carácter persecutório da personalidade de Rodion. O *modus operandi* desta personagem contribui bastante para o suspense no romance, bem como a aproximação a temas como a culpa, o sofrimento e a compaixão. Na opinião de Meyer (1999, citado por Bal, 2009), Petróvitch procura não só a confissão de Rodion, para que este possa apanhá-lo e puni-lo pelo seu crime, mas também para poder salvá-lo moralmente e psicologicamente, tendo em conta que este se apercebe que para se libertar da tortura da culpa na sua mente, este terá de confessar o crime e aceitar a expiação.

Para Ferreira (2009) Raskólnikov sofre o tempo todo mesmo tendo elaborado uma reflexão que justifica o crime. Antes deste, ele sofre por não saber se conseguiria ultrapassar o limite e tornar-se o Homem extraordinário, depois do crime, o sofrimento vem como tortura, pela constatação de que não era ele um “extraordinário”, devido a um tormento cada vez maior, traduzido por comportamentos e sentimentos estranhos que o invadiam,

fazendo com que ele não se reconhecesse, não se entendesse, e provocando-lhe neste uma angústia insuportável. O sofrimento e a dor ocorrem como obrigatórios para uma consciência ampla, marcando todo o conflito existente na experiência do seu sentimento de culpa. Ao longo da obra vê-se o desenrolar de todo esse sofrimento, em que a culpa é dolorosamente retratada, Rodion precisava assim de aceitar a punição, pois não sabia se conseguiria viver com toda esta angústia. Só através da sua rendição às autoridades, com a assunção de culpa, poderia ter a esperança de no futuro voltar a sentir-se capaz de continuar um cidadão e homem, mantendo seu resto de dignidade e também satisfazendo, com isso a sua necessidade de punição advinda da culpa, que segundo a autora, ilustra a sua faceta de um neurótico obsessivo.

Raskólnikov decidiu que era altura de acabar com a sua tortura e pretende entregar-se. Despediu-se da mãe e pediu-lhe que rezasse a Deus por ele. Procurou Sónia, que lhe dá uma cruz, estando pronto para aceitar a penitência, dizendo-lhe que se ele tiver culpa que ela o perdoe embora se ele tiver culpa seja impossível perdoá-lo. Assim, foi à polícia e lá soube que Svidrigáilov se tinha suicidado, decidindo sair imediatamente, pois talvez com a morte dele, Porfíri não o pudesse prender. Contudo, vê Sónia que o tinha acompanhado até à polícia. Ele volta para dentro da esquadra e confessa o crime.

Para Romero (2005), quando Raskólnikov pede perdão, o leitor sente compaixão perante tal, e mesmo que durante o romance este não tivesse a consciência do seu sentimento de culpa, isto contrasta com episódios da história onde líderes nazis pediram desculpa pelos crimes que cometeram. Segundo o autor, isso só poderá suscitar repugnância. Afirma, assim, que o ato do reconhecimento de culpa, para ser verdadeiro é necessário que a pessoa enfrente as consequências das suas ações, tal como Rodion o fez, neste caso o castigo. Isto ao invés de usar o pedido de desculpa, para anular o castigo, como aconteceu no caso dos líderes nazis. A culpa só é sincera, quando se reconhece o mal que se fez ao outro injustificadamente e se procura a reparação.

No julgamento, ele foi exímio em contar tudo o que se passou negando todas as possíveis atenuantes, sendo o primeiro a afirmar tudo o que

pudesse ser uma agravante. Raskólnikov é condenado a 8 anos de trabalhos forçado na Sibéria, e Sónia seguiu-o até lá. Dúnia casou-se com Razumíkhin, e Pulkhéria Aleksándrovna morreu. Sónia escrevia para os Razumíkhins sobre Rodion, contando que este não era sociável e era odiado pelos colegas de prisão.

A certa altura Raskólnikov adoece, e quando se recupera, é Sónia que fica doente, ele sente bastante a falta dela. Quando ela melhora e o visita, Rodion tem um insight, e sente o genuíno arrependimento, caindo aos pés de Sónia e chora. Raskólnikov tinha cometido o crime, sofrido o castigo e começava agora a encontrar a sua redenção, a sua culpa persecutória transformara-se numa culpa depressiva, ele amava Sónia assim como esta o amava a si, sendo o amor que o salvou do abismo.

II. Metodologia

2.1 Acerca do método da análise de conteúdo

A análise de conteúdo trata-se de uma investigação que, a partir da análise documental, pretende compreender um determinado fenómeno. Este método, enquanto metodologia de investigação qualitativa, consiste em estruturar em um conjunto de categorias de significação, o “conteúdo manifesto” de diversos tipos de comunicações, quer seja texto, imagem ou filme (Amado, 2000, Amado et al., 2013).

Através da descrição objetiva, sistemática e, eventualmente quantitativa, procura-se ir mais além do conteúdo explícito através de um processo inferencial que tenha em conta as condições de produção do texto através de um processo inferencial. Quando se fala nas condições de produção, fala-se em intenções, representações, pressupostos, e quadros de referência oriundos da fonte de comunicação, isto além de certas variáveis como o sexo, idade, traços de personalidade do autor, classe social e momento histórico. Desta forma, uma Análise de conteúdo tem como característica fundamental o facto de permitir tanto uma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos das mensagens como o avanço fecundo através das inferências interpretativas inspiradas ou derivadas dos quadros de referência teóricos que orientam o analista. Deste modo, é possível a

aplicação criativa da Análise de Conteúdo a uma variedade de comunicações, mesmo aquelas que traduzem uma visão subjetiva, do mundo, onde o *investigador assume o papel do actor e vê o mundo pelos olhos dele*.

O processo de Análise de Conteúdo obedece a um conjunto de fases que a bibliografia sobre o tema explicita do seguinte modo (Bardin, 1977, Amado, 2000):

1. Definição dos objetivos do trabalho;
2. Explicitação de um quadro de referência teórico;
3. Constituição de um *corpus documental*;
4. Leituras atentas e ativas;
5. Formulação de hipóteses;
6. Codificação.

A codificação é o processo onde os dados brutos são transformados e associados a unidades que permitem uma descrição exata das características relevantes do conteúdo (Holsti, 1969, cit. por Bardin, 1977:103). Este processo é faseado em diversas etapas, e deve ser elaborado de acordo com os objetivos do estudo e das hipóteses formuladas (Amado, 2000, Amado et al., 2013).

- a) Determinar as unidades de registo ou de significação;
- b) Determinar a unidade de contexto;
- c) Determinar a unidade de contexto enumeração ou contagem;
- d) Categorização (processo este que pode ser um procedimento aberto, fechado ou misto)

2.2 Definição do Problema/ Objetivos

Em primeiro lugar, foi elaborada uma revisão bibliográfica acerca da perspectiva psicanalítica da culpa, revisitando as ideias de Freud, Klein, Winnicott e finalmente a teoria de Grinberg acerca da culpa, onde este defende que este sentimento pode assumir uma tonalidade persecutória ou depressiva. Seguidamente, através da leitura flutuante da obra *Crime e Castigo* e das conceções teóricas apresentadas na literatura científica sobre este tema, construiu-se um resumo compreensivo que visa apresentar uma leitura pessoal e subjetiva da obra articulada com perspetivas psicológicas sobre o tema. Neste resumo evidenciaram-se alguns aspetos pertinentes

sobre as relações de Raskólnikov com as outras personagens e sobre como a culpa é vista como um elemento estruturador da obra.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo principal elaborar uma análise de conteúdo do *Crime e Castigo*, por forma a evidenciar se, no sentimento de culpa de Raskólnikov, personagem principal do romance, há manifestações de tonalidade persecutória, depressiva ou de ambas as naturezas.

As questões que se colocam no âmbito desta investigação são: Raskólnikov após cometer o crime, sofre de uma culpa persecutória? Ao longo da obra esta culpa persecutória passa a assumir uma tonalidade depressiva? E finalmente será que este atinge assim a redenção?

2.3 Corpo documental

O corpo documental desta investigação é o romance de Dostoiévski: *Crime e Castigo*⁵. Esta obra foi escrita durante o ano de 1866 em Sampetersburgo. Para Lavrin (2003), este é o livro de Dostoiévski melhor estruturado a nível formal, onde os elementos éticos, filosóficos e psicológicos se conjugam de forma a formarem uma narrativa brilhante do ponto de vista do realismo profundo, uma vez que para Dostoiévski o importante não era as descrições exteriores, mas sim as reações interiores do espírito humano. Para History Channel (2012), este romance intemporal não instiga o leitor a procurar saber quem é o autor do crime como num thriller policial, mas sim a descobrir os motivos por traz do crime.

2.4 Procedimento

Após várias leituras “flutuantes” da obra selecionou-se 6 episódios que nos pareceram ser os mais significativos para os nossos propósitos. A lista dos episódios a serem analisados é a seguinte:

Tabela 1: Lista dos episódios⁶ de *Crime e Castigo* a serem analisados:

1- Pág. 89 a 114	Na ressaca do <i>crime</i> : o dia
------------------	------------------------------------

⁵ Note-se que esta análise foi feita tendo em conta a edição: Dostoiévski, F. (2010) *Crime e Castigo*. (Nina Guerra e Filipe Guerra Trad.) Lisboa: Editorial Presença. (Obra original publicada em 1866)

⁶ Os episódios selecionados, não correspondem necessariamente a capítulos do livro.

	seguinte após Rodion cometer o <i>crime</i> .
2- Pág. 149 a 167	Um <i>outro Raskólnikov</i> , e a sua confissão do <i>crime</i> .
3- Pág. 255 a 261	Um mujique chama-lhe assassino.
4- Pág. 298 a 312	Raskólnikov procura Sónia
5- Pág. 382 a 396	Raskólnikov confessa o crime a Sónia
6- Pág. 504 a 511	Prisão e a redenção.

Para prosseguirmos nesta senda de análise, tendo em conta a pesquisa bibliográfica prévia criou-se um sistema de categorias *à priori* que procurámos aplicar na análise do comportamento de Raskólnikov. É através da categorização que se irão concretizar os objetivos do trabalho; neste caso será usado um “procedimento fechado”, pois as categorias foram definidas através das características apresentadas por León Grinberg (2000) para se delimitar culpa persecutória e culpa depressiva.

Seguidamente expõe-se o sistema de categorias e de subcategorias usado para a análise e que se baseia, como já foi dito, no sistema de León Grinberg (2000):

1. Culpa Persecutória

- ✓ Dissociação
- ✓ Identificação projetiva
- ✓ Bloqueio da relação/Dificuldade de comunicação
- ✓ Inveja
- ✓ Autocensuras/ Ressentimento
- ✓ Apatia/Indiferença
- ✓ Humilhação
- ✓ Tristeza/pesar
- ✓ Irritabilidade
- ✓ Atitudes/comportamentos/sentimentos autopunitivos
- ✓ Angústia
- ✓ Negação

- ✓ Delírios persecutórios/ Projeção
- ✓ Idealização
- ✓ Triunfo
- ✓ Múltiplas ligações de carácter mais superficial
- ✓ Controlo
- ✓ Dúvidas/cismas
- ✓ Tendência para a ordem e simetria
- ✓ Medo do contato
- ✓ Superstições
- ✓ Fobias
- ✓ *Acting Out*
- ✓ Amoralidade/Crueldade
- ✓ Labilidade
- ✓ Procura de uma segurança ilusória
- ✓ Identificação com um objeto idealizado e onnipotente e/ou com desprezo pelo outro
- ✓ Doença como forma de expiação

2. Culpa Depressiva

- ✓ Consciência do dano feito ao objeto
- ✓ Desejo de reparação
- ✓ Atividade construtiva
- ✓ Tolerância à ambivalência e impulsos destrutivos
- ✓ Capacidade para amar

III- Resultados

Neste capítulo irão ser apresentados os resultados obtidos através da análise de conteúdo da obra *Crime e Castigo*. Como já foi afirmado na rubrica acerca da metodologia, a análise terá por base a seleção de 6 episódios, que constituirão o corpo documental desta e cuja ordenação segue

a evolução dos acontecimentos tal como expressos na obra. Por cada episódio⁷ exportou-se na tabela 2 e 3 o número de unidades de registo⁸ que se classificou dentro da respetiva subcategoria, tendo por base a Matriz da Análise que consta no anexo 2.

Tabela 2: Frequência de unidades de registo encontradas dentro da categoria de *Culpa Persecutória*

Subcategorias	Ep .1	Ep .2	Ep .3	Ep .4	Ep .5	Ep .6	Tota l U. R.
Dissociação	1	-	-	-	2	1	4
Identificação projetiva	-	-	3	3	-	-	6
Bloqueio da relação/Dificuldade de comunicação	2	1	1	-	-	-	4
Inveja	-	-	-	-	-	-	-
Autocensuras/ Ressentimento	4	1	3	-	4	-	12
Apatia/Indiferença	3	2	1	-	3	-	9
Humilhação	2	-	-	-	1	2	5
Tristeza/pesar	2	3	1	1	4	-	11
Irritabilidade	-	-	1	-	-	-	1

⁷ Pode ser designado também por Ep.

⁸ Pode ser designado também por UR.

Atitudes/comportamentos/sentimentos autopunitivos	10	5	-	-	-	2	17
Angústia	1	1	2	-	7	1	12
Negação	1	-	1	-	-	1	3
Delírios persecutórios/ Projeção	4	2	1	2	3	-	12
Idealização	-	1	-	-	-	-	1
Triunfo	2	-	-	2	3	-	7
Múltiplas ligações de carácter mais superficial	-	3	-	-	-	-	3
Controlo	1	-	-	-	-	-	1
Dúvidas/cismas	6	1	1	-	1	-	9
Tendência para a ordem e simetria	-	-	-	-	-	-	-
Medo do contato	-	-	-	-	-	-	-
Superstições	-	-	-	-	-	-	-
Fobias	-	-	-	-	-	-	-
Acting Out	-	-	-	-	-	-	-
Amoralidade/Crueldade	-	-	-	2	1	-	3
Labilidade	-	-	-	-	-	-	-
Procura de uma segurança ilusória	-	-	-	-	2	-	2

Identificação com um objeto idealizado e onnipotente e/ou com desprezo pelo outro	-	9	1	1	2		13
Doença como forma de expiação	10	-	2	1	1	1	15
Total U. R.	49	29	18	12	34	8	150
Nº de páginas analisadas	26	19	7	15	15	8	90
Média de ocorrências por Pág.	1.9	1.5	2.6	0.8	2.3	1	1.67

Nesta tabela é possível verificar-se que a frequência de unidades de registo total na categoria de *culpa persecutória* é de 150 em 90 páginas, o que dá uma média de 1.67 em cada página. As subcategorias mais assinaladas foram *atitudes/comportamentos/ sentimentos autopunitivos* (17 unidades de registo), seguem-se *Doença como forma de expiação* (15); *Identificação com um objeto idealizado e onnipotente e/ou com desprezo pelo outro* (13); *Angústia* (12); *Autocensuras/ Ressentimento* (12) e, finalmente *Delírios persecutórios/ Projeção* (12).

Por outro lado, as subcategorias: *Tendência para a ordem e simetria; Medo do contato; Superstições; Fobias; Acting Out*, não assinalaram qualquer unidade de registo.

Acerca dos episódios, nota-se que existem bastantes discrepâncias entre os 6 episódios analisados, uma vez que se verificam constantes oscilações entre estes.

Tabela 3: Frequência de unidades de registo encontradas dentro da categoria de *Culpa depressiva*

Subcategorias	Ep. 1	Ep. 2	Ep. 3	Ep. 4	Ep. 5	Ep. 6	Total U. R.
Consciência do dano feito ao objeto	-	-	1	-	2	1	4

Desejo de reparação	-	-	-	1	-	2	3
Atividade construtiva	2	-	-	1	1	3	7
Tolerância à ambivalência e impulsos destrutivos	-	-	-	-	1	-	1
Capacidade para amar	-	-	-	3	3	3	9
Total U. R.	2	-	1	5	7	9	24
Nº de páginas analisadas	26	19	7	15	15	8	90
Média de ocorrências por Pág.	0.1	0	0.1	0.3	0.5	1.1	0.3

Em relação à categoria *Culpa depressiva*, pode-se constatar que a frequência de unidades de registo total é de 24 em 90 páginas, o que dá uma média de 0.3 em cada página.

As subcategorias mais assinaladas foram *Capacidade para amar* (9) e *Atividade construtiva* (7), por outro lado, a subcategoria *Tolerância à ambivalência e impulsos destrutivos* registou apenas uma unidade de registo.

Neste caso, em relação à evolução da culpa depressiva, pode-se afirmar que existe uma evolução, pois é nos três primeiros episódios que se registam os valores mais baixos, onde inclusivamente no episódio 2, esta categoria não teve qualquer ocorrência. Em contra partida, nos dois episódios seguintes verificou-se um aumento. Por fim o último episódio foi o que apresentou um valor mais elevado (1.1).

Comparando a Categoria *Culpa persecutória* com *Culpa depressiva*, verifica-se que a primeira apresenta uma frequência mais elevada (quase quatro vezes maior), o que são resultados bastante expressivos. Por outro lado, ao longo da obra, a culpa depressiva tem vindo ganhar maior destaque, sendo que no último episódio apresenta uma média de 1.1 (9 U. R.) superando muito ligeiramente a culpa persecutória na qual se verifica uma média de 1 (8 U. R.).

IV- Discussão

Grinberg, na sua obra *Culpa e Depressão* (2000), apoiou-se nos contributos de Freud, Klein e Winnicott, para apresentar uma teoria que integra aspetos teóricos destes autores, mas que, indo mais além, propõe que a culpa seja dividida em duas tonalidades diferentes: a culpa persecutória e a culpa depressiva.

Através do resumo compreensivo da obra foi possível articular a visão pessoal e subjetiva de *Crime e Castigo*, com as perspetivas psicológicas sobre o tema. Autores como Marques (2010); Bal (2009); Rosen (2009), apresentam as suas visões acerca de Raskólnikov, sendo que, o ponto mais consensual em todas estas visões é o intenso sentimento de culpa de Rodion, bem como a sua atitude expiatória em relação ao crime.

Deste modo, após uma leitura flutuante da obra, foram colocadas várias questões: Raskólnikov após cometer o crime sofre de uma culpa persecutória? Ao longo do livro esta culpa persecutória passa a assumir uma tonalidade depressiva? E, finalmente será que este atinge assim a redenção? E, por forma, a responder a estas questões foi efetuada uma análise de conteúdo a seis episódios da obra, que se constituem como o corpo documental desta investigação.

Os resultados deste estudo sugerem que a personagem Raskólnikov apresenta altos índices de culpa persecutória ao longo da obra. Havendo 150 unidades de registo nas 90 páginas analisadas, (1.67 por pág. em média) pode-se afirmar que, após o momento do crime, esta personagem é atormentada por uma forte culpa persecutória. Esta foi manifestada através de vários indícios que foram alvo na análise, destacando-se *atitudes/comportamentos/ sentimentos autopunitivos; Doença como forma de expiação; Identificação com um objeto idealizado e onnipotente e/ou com desprezo pelo outro; e, finalmente, Angústia; Autocensuras/ Ressentimento.*

As duas subcategorias que registaram maior número de frequência de unidades de registo foram *atitudes/comportamentos/sentimentos autopunitivos* (17 no total, sendo que 15 foram nos dois primeiros episódios) e, também, *Doença como forma de expiação* (15 no total, 10 no primeiro

episódio). Desta forma, pode-se afirmar que, nos primeiros dias, após ele ter cometido o crime, revela uma grande tendência para a expiação quer através da autopunição, quer da doença.

Outra subcategoria bastante presente ao longo da análise foi *Identificação com um objeto idealizado e onnipotente e/ou com desprezo pelo outro* com 13 unidades de registo. Neste caso, esta encontrou-se predominantemente no 2º episódio, onde Raskólnikov conversa com Zamiótov, o secretário da polícia. Esta cena assume-se como uma das mais importantes ao longo da obra, pois nesta, ele quase confessa o crime, revelando mesmo como esconderia os objetos roubados se *tivesse* sido ele o autor do duplo-homicídio. Esta situação constituiu-se como uma das mais difíceis de caracterizar devido ao facto de Rodion contar ao secretário vários pormenores (sempre hipoteticamente, mas realista), que poderiam indicar que, se iria inserir na categoria de *atitudes/comportamentos/sentimentos autopunitivos*. Porém, outros indicadores apontam para que a categoria escolhida seja mais adequada, isto porque, ele não faz isso para se castigar, mas sim, porque se sente, nesse momento, de tal forma onnipotente que mesmo, assim, não irá ser apanhado, chegando inclusivamente a desafiar arrogantemente Zamiótov a apanhar o assassino, e afirmando-se descrente nessa hipótese, uma vez que eles seriam incompetentes para tal (evidenciando um forte desprezo).

Neste caso, o objeto da identificação é Napoleão (idealizado e onnipotente), conforme afirma, mais tarde, a Sónia que Napoleão é o seu modelo de Homem extraordinário, que serviu de base à teoria dos homens extraordinários, a qual ele ambiciona com o crime chegar a esse estatuto, por ter sido capaz de ousar transgredir. Raskólnikov foi capaz de ousar, transgredindo a lei, assassinando uma velha (e a sua irmã, por força das consequências), comete o crime perfeito, mas a culpa persecutória tortura-o, de tal forma, que apenas volta a estar livre na prisão da Sibéria, conforme confessa nas passagens finais da obra. Note-se que, a cena referida é precedida da *viagem* de Rodion por Sampetersburgo onde este convive sociavelmente com várias raparigas, aspeto categorizado como *Múltiplas ligações de carácter mais superficial*, mas que representa também uma defesa maníaca contra a forte culpa persecutória que sente, (evidente no

ep.1, onde é o segundo com maior registo por página). Ele foge de pensar o seu sentimento de culpa, portanto poderá afirmar-se que o seu Ego, nesse momento, não está preparado para sentir essa mesma culpa. Perante esta ameaça, recorre à idealização, onnipotência e desprezo.

No que se refere, à subcategoria *Autocensuras/ Ressentimento* registaram-se 12 unidades de registo, esteve presente em 4 dos 6 episódios, e tornou-se claro que a personagem principal de *Crime e Castigo* sente um profundo ressentimento consigo próprio e que as *autocensuras* são a forma de evidenciar este *ressentimento* e satisfazer os seus desejos de ser castigado.

A subcategoria *Delírios persecutória/ Projeção*, apresentando um total de 12 unidades de registo refletiu-se ao longo da obra como um dos mecanismos que Raskólnikov mais utilizou para lidar com a culpa, projetando os seus sentimentos intoleráveis para o exterior. Inicialmente, a sua vontade de ser apanhado é projetada para a polícia, pois apesar de ele não ser ainda um suspeito, já estava à espera que lhe tivessem feito uma busca em casa, logo após a saída da polícia. Após isso, o forte nojo e repugnância que sente pelas pessoas que passam na rua, só faz sentido se for visto como uma projeção da repugnância e nojo que sente por ele próprio, também bastante visível nas autocensuras e ressentimento que tem perante si. A projeção da agressividade está bem patente no sonho em que ele ouve o Iliá Petróvitch a espancar brutalmente a sua senhoria. Coloca-se a hipótese de esta ser uma imagem clivada de si próprio onde a sua agressividade ataca fortemente o seu lado mais frágil (senhoria era vista como frágil), e ele aterrorizado assiste a isso sem nada conseguir fazer. No mesmo sentido, projeta o seu sentimento de incapacidade/desprezo para *sobreviver* ao crime, ao criticar os falsificadores de obrigações do Estado em Moscovo por um deles ter vacilado a recolher o dinheiro e fugido quando ninguém suspeitava dele. Aqui pode-se notar que é em tudo idêntico à história de Rodion, ele comete o crime perfeito, mas falhou porque não aguentou a culpa, tal como esses *fedelhos* (como lhes chama) e projeta para eles o seu sentimento de incapacidade e um profundo desprezo, que no fundo ele sente consigo próprio.

A subcategoria *angústia* regista 12 unidades de registo, sendo que a sua maioria se verifica no penúltimo episódio. Neste, ele confessa os

motivos do crime a Sónia, ao fazê-lo admite pela primeira vez que *matou*, que não o faria novamente (demonstra um ligeiro arrependimento) e assume que *falhou* ao tentar ser um Homem extraordinário, onde demonstra começar a vacilar na sua teoria que sustenta a justificação para o crime.

Na categoria de *Culpa depressiva* pode-se constatar que a frequência de unidades de registo total nesta categoria é de 24 em 90 páginas, o que dá uma média de 0.3 em cada página, desta forma, conclui-se que é bastante menor do que na *Culpa Persecutória*.

As subcategorias mais assinaladas foram *Capacidade para amar* (9) e *Atividade construtiva* (7). A primeira foi representada sempre na relação de Raskólnikov com Sónia. Esta relação sempre foi ambivalente, pois no que diz respeito à prostituta ora evidenciou atos de *crudade*, identificações projetivas maciças (episódio 4), mas, por outro lado, foi a ela que ele mais mostrou afeto, preocupação e admiração genuína (por oposição à idealização de Napoleão).

Em relação à *Atividade construtiva*, foi representada logo no primeiro episódio, através da procura de Rodion pelo amigo, sendo que este assumiu um papel bastante protetor, pois tomou conta dele na doença, e também da sua família quando esta chegou a Sampetersburgo. No episódio 4, Raskólnikov pede a Sónia que lhe leia a passagem da Ressureição de Lázaro no Novo Testamento, tal pode ser considerado como o desejo ambivalente dele em renascer, isto é, neste caso atingir a redenção. Não obstante, é no último capítulo que surgem mais registos de atividade construtiva, do qual se pode realçar a aceitação da Crença no Novo Testamento e a melhoria das relações que mantinha com os outros presidiários, sendo esta relação mais genuína.

Se por um lado, nos três primeiros episódios, apenas, se registam 3 unidades de registo referentes à *Culpa depressiva*, nos três últimos registam-se as restantes 21, o que evidencia uma evolução positiva ao longo da obra. Esta mudança ocorre precisamente no episódio, onde Raskólnikov e Sónia têm uma conversa mais profunda pela primeira vez. Sendo que, no último episódio, registou-se o valor mais alto (média de 1.1), sendo inclusive ligeiramente maior do que o da *Culpa persecutória* (média de 1). Desta forma, pode-se afirmar, embora com algumas reticências, que a culpa de

Raskólnikov assume uma tonalidade mais depressiva no final do romance.

4.1. Raskólnikov, da culpa persecutória à redenção

Rodion Raskólnikov planeava assassinar Aliona Ivánovna, e com isso tornar-se um Homem extraordinário, tendo em conta a teoria que ele próprio escreveu num artigo que publicou antes do crime, mas que apenas soube de tal facto por acaso. Este crime iria permitir a Raskólnikov ascender a uma categoria superior, assumindo Napoleão como seu modelo. Este era um modelo idealizado e onnipotente, que mostrava os fortes desejos megalómanos de poder. Esta teoria era apenas uma racionalização para o crime, ele vê-se como criminoso ainda antes de matar (quando se questiona se é a doença que engendra o crime, ou o crime que faz o individuo ficar doente.), e pelo sonho onde ele vê (que era apenas uma criança) uma pessoa a assassinar brutalmente uma égua, onde ele sente compaixão por esta e ódio perante o assassino. Quando acordou, confronta-se com o que vai fazer, sente repugnância pelo que planeava. Mas mesmo assim acaba por cometer o crime. Esta mesma repugnância que sentiu perante si, nesse momento, nos tempos depois do crime foi projetada para outras pessoas (pessoas que via na rua, onde sentia um forte nojo por estas apesar de não as conhecer).

Quanto ao verdadeiro motivo para Raskólnikov cometer o crime, certamente não foi para roubar (pois nunca usufruiu do que roubou), mas sim, usou o roubo para poder matar a velha. Pode colocar-se a hipótese de o sentimento de culpa já existir antes do crime, mas o romance não fornece dados que possam afirmar com precisão esta informação. Não obstante, retomando as ideias de Freud (1930), onde afirma que quanto mais uma pessoa contém a agressividade, mais agressivo se torna o ideal do ego, sendo este como um deslocamento, mas contra o seu próprio ego. Pode dizer-se que será possível o psiquismo de Raskólnikov ser marcado por uma forte contenção da agressividade, que estourou no momento do crime, pois aquilo que se verifica efetivamente é que este possui um ideal do ego bastante agressivo, (identificado com Napoleão onnipotente e idealizado), pois independentemente daquilo que ele fosse ou fizesse nunca seria um *Homem extraordinário*, logo, toda essa agressividade contida desloca-se contra o próprio. Desta forma, fará sentido colocar a hipótese de que a culpa, não seja uma consequência do crime, mas sim a sua causa. Retoma-se então a ideia

de Freud (1916), de que o aumento desse sentimento de culpa pode transformar pessoas em criminosos, e de Grinberg (2000) em que quando a culpa persecutória estoura, pode levar o sujeito a um homicídio ou suicídio.

Algo que não estava nos planos de Raskólnikov era a morte de Lisaveta, esta foi negada por este ao longo da história até à parte final. Se ele tinha uma *justificação* para matar a velha porque esta era o mau objeto, a morte de Lisaveta considerada como boa, foi um dos motivos que fez aumentar substancialmente a sua culpa persecutória. Neste caso, retomando, as ideias de Freud em *Totem e Tabu* (1913), ao analisar-se este duplo homicídio, metaforicamente poderia dizer-se que a agressividade dele matou tanto o mau objeto (velha má e usurpadora) como o bom objeto (Lisaveta, doce, frágil e bondosa), o que poderia ser visto como um conflito ambivalente, pois o ódio ao bom objeto é satisfeito pela agressão, mas fica o afeto ao bom objeto. Posto isto pode-se colocar a questão: e se Lisaveta não aparece-se naquele momento e, conseqüentemente não tivesse sido morta? Não obstante foi o que aconteceu, apesar de tudo indicar que ela não iria lá estar, mas esteve, e esse fato nunca pode ser considerado um mero acaso.

Após o crime, o corpo de Raskólnikov demonstrava marcadamente o conflito emocional vivido por ele, explodindo uma forte culpa persecutória. A doença serve assim como uma forma de castigo e punição perante o que ele fez, sendo que acontece várias vezes, quando este é confrontado com informações sobre o crime vindas de outras pessoas e ataca-o, como foi referido anteriormente no momento em que ia sair da secretaria (curiosamente, começaram a falar sobre o crime), sendo que este desmaio, juntamente com as várias atitudes autopunitivas como o regresso ao local do crime conseguiram torná-lo no principal suspeito. No fundo, Raskólnikov queria ser apanhado, e esta vontade inconsciente é o seu verdadeiro desejo autopunitivo.

A procura de apoio do ex-estudante a Razumíkhin representa o seu primeiro pedido de ajuda (categorizado como atividade construtiva), este pedido, assume-se como fundamental para o resto da obra. Este amigo é visto por ele como alguém protetor, pois logo após o sonho da égua, onde ele se refugia nos braços do pai, a primeira pessoa que pensa em visitar é ele. Esta ação pode ser considerada ambivalente, pois apesar de haver uma

súplica, existe também um movimento de afastar este amigo ao longo da obra, chegando mesmo a ameaçá-lo. Isto denota bem o conflito interior e a ambivalência de Rodion entre querer viver e querer morrer.

Numa altura em que decide *acabar com tudo*, Raskólnikov entra numa fase marcada pela mania, evidenciando-se uma falsa sociabilidade perante pessoas que mal conhecia. O que, recuperando as ideias de Grinberg (2000) sobre a personalidade maníaca, pode-se afirmar que estas atitudes são reveladoras da sua forma de resistir à influência da culpa persecutória, através da negação total da mesma. Ao mesmo tempo, ele recorre à identificação de uma figura idealizada e onnipotente para negar a culpa. Assim, a euforia, a falsa sociabilidade e a idealização de Napoleão serviram para ele não pensar a culpa, e configuram-se como uma defesa contra a angústia e a culpa, representando também um estado regressivo com características bastante particulares.

No mesmo sentido, na conversa com Zamiótov, Rodion *quase* confessa o crime, sentindo-se extasiado com tudo isso, o seu sentimento de onnipotência e desprezo atingem o seu auge (no pós-crime). Ele faz uma negação da competência da polícia como se ele magicamente nunca pudesse ser apanhado, mesmo que lhes desse todas as pistas. Recorre assim ao objeto idealizado como forma desesperada de anular o terror interno que sente, este recurso visou assim a convicção deste que estaria a salvo através da união psicológica com este Napoleão idealizado e onnipotente.

O que se pode depreender dos acontecimentos seguintes (que não são inocentes), é que os mecanismos defensivos usados para conter a culpa, concederam um sentimento de bastante êxtase e euforia a Raskólnikov, mas não de tranquilidade como se pode verificar pela visão que ele teve da rapariga que se *atirou ao rio*. Pode considerar-se que esta visão, só tem significado se for interpretada como uma projeção dele. Sendo que pode-se colocar a hipótese de esta ser uma projeção clivada, por um lado a sua ideia autodestrutiva e, por outro, as suas angústias de morte, isto é, vontade de morrer e medo de ser aniquilado. Rodion assiste a esta tentativa de suicídio em completa desrealização e sentindo nojo e repugnância, por este ato.

Com estes acontecimentos Raskólnikov está num nível de sofrimento muito alto, a culpa tortura-o de tal forma que as defesas mais primitivas são

usadas até ao limite, por forma a ele não se desintegrar ainda mais. Como forma de apaziguar esta culpa, ele procura ser apanhado e castigado, regressando ao local crime, e pedindo que o levassem para a secretária. Tal não acontece, e a história dá um novo rumo, Marmeládov morre, o ex-estudante assume a situação (e uma nova vontade de viver) e conhece Sónia.

Pode-se dizer que durante algum tempo (relativamente pouco) Raskólnikov assumiu uma postura mais ativa, sendo construtivo ao ajudar a família de Marmeládov, renasceu nele uma nova vontade de viver, e de assumir também a sua vida. Porém, a cena onde foi confrontado por um popular que o chamou de *assassino*, deixou-o fraco e petrificado. Teve a consciência de que *alguém sabia*. Logo nesse momento, a sua destrutividade é projetada para este mesmo mujique, onde ele parece sorrir triunfalmente (algo que se pode depreender pela história que apenas se justifica como a identificação com uma projeção). Depois num momento de completa melancolia, uma vez que a visão onnipotente que ele tinha da situação entrava em falência, fica assim à beira do abismo. Começava a cair aqui a possibilidade de ele ser um *Homem extraordinário*, pois afinal cada vez mais sentia que era apenas um *piolho*. Verifica-se que a onnipotência, a idealização, e a sua atitude megalómana já não o conseguem proteger (se é que alguma vez o ampararam). Poderá entender-se que o sonho que tem com a velha a rir-se dele assume-se como o início do fracasso da teoria dos *Homens extraordinários*. Neste ela, apesar de estar a ser assassinada, goza com ele e humilha-o, no fundo isto não será mais do que o desprezo, a humilhação e a agressividade projetada para ela, (que no sonho a assume como sua), e apesar de ele a estar a matar, ele é que entra em desespero. Mais tarde, apesar de não o ligar ao sonho, em conversa com Sónia, ele faz a interpretação deste sonho ao dizer-lhe que quem *a matou* foi o Diabo, e que ele *matou-se* a si próprio. Neste caso, retomado Grinberg (2000), que afirmava que na culpa persecutória existe bastante projeção da culpa e a acusação de que o objeto se tornou o perseguidor, o que se aplica bastante a Raskólnikov, pois em desespero pensa também que nunca lhe perdoará por tudo isto.

Para Grinberg (2000), conforme já foi referido, quando se esbate a identificação com um objeto idealizado e onnipotente há um aumento da

ansiedade persecutória e constitui-se uma relação tirânica entre partes clivadas do self o que gera uma tensão insuportável que irá ser evacuada através das identificações projetivas violentas. Tal facto foi bastante visível na atitude inicial de Raskólnikov perante Sónia na qual revelava indícios de *crueldade*, *triunfo*, e identificações projetivas massivas, onde este coloca nela toda a destrutividade e deterioração que existe dentro dele e na vida dele. Por sua vez, Sónia aceita isso, assumindo-o como se fosse dela, sem ser aniquilada por tal, o que teve um efeito positivo em Raskólnikov que lhe pediu para ler a passagem de Lazaro no Novo Testamento, o que pode ser visto como o desejo de renascer. Uma vez que logo de seguida, ele assume que lhe irá contar na conversa seguinte quem matou a Lisaveta.

É no dia seguinte que Raskólnikov confessa a Sónia o seu crime, mostrando-lhe a teoria dos *Homens extraordinários* e a inutilidade da velha. Neste episódio, conforme já foi referido predomina a angústia na personagem principal. A certa altura, Sónia diz-lhe que ele é a pessoa mais infeliz do mundo, e ele, pela primeira vez, chora emocionado.

Todos estes acontecimentos, evidenciam que nesta fase e através da capacidade reparadora do amor da Sónia (que lhe jura que nunca o abandonará) e, num segundo plano, a amizade protetora de Razumíkhin e a força de Dúnia, que o Ego de Raskólnikov começa a estar preparado para sentir angústia, num primeiro momento, e um aumento da capacidade de integração para poder permitir-se a sentir culpa, algo que não foi possível até esse momento.

O aumento da capacidade de integração de Raskólnikov, só é possível através do amor reparador de Sónia. Esta aceitou os seus impulsos destrutivos projetados para ela, não sendo aniquilada por eles, mas devolvendo-os sobe a forma de amor e esperança na redenção de Raskólnikov, tal como se pode verificar na seguinte passagem da obra:

“De repente, uma sensação estranha e inesperada mordeu-lhe o coração: teve um ódio mordaz a Sónia. Assustado e como que perplexo, levantou a cabeça e olhou para ela com fixidez; mas encontrou um olhar preocupado e solícito até ao tormento; havia ali amor; o ódio esfumou-se-lhe como um fantasma. Enganara-se;

tomara um sentimento por outro. Aquela sensação significava apenas que chegara o momento.”

(Dostoiévski, 2010, pág. 384-385)

É nesta confissão de Raskólnikov que este assume o arrependimento pelo crime e demonstra alguma vontade em assumir as consequências dos seus atos. Pode considerar-se que é aqui que a culpa persecutória começa a dar lugar à culpa depressiva através da redentora Sónia, sendo através desta relação afetivamente forte que ele começa a ganhar o suporte e a capacidade de integração para ser capaz de tolerar a destrutividade dentro de si. Não obstante, para tal também contribuíram Razumíkhin (com o seu insistente apoio) e Dúnia pela força que demonstrou, como se tornará mais evidente à frente, pois esta, tal como Sónia, também aceita Rodion mesmo depois de saber o que ele fez. Por outro lado, apesar de ser bastante afetuosa, a mãe é vista como uma pessoa muito mais frágil, e nunca foi capaz de aceitar totalmente o que estava a acontecer, apesar de se tornar óbvio, prova disso, é que no final ela acaba por morrer de desgosto.

No final, na prisão da Sibéria, Raskólnikov sente-se finalmente *em liberdade*, mas não sente o verdadeiro arrependimento e suspira por este. Mantém também uma relação distante com Sónia (que o acompanhou, e não desiste dele), marcada por algum desprezo até ao momento em que ela adoece, e ele fica bastante preocupado. Note-se que aqui começa, a existir de uma forma muito mais consistente que anteriormente, a consciência do dano feito ao objeto, e a vontade de reparar, sendo notório pela preocupação dele com Sónia e a vontade de estar com ela, que irá abrir caminho ao insight, onde ele reflete sobre a teoria dos homens extraordinários e percebe que estava errado e que agiu mal, sentindo-se genuinamente culpado. Assume de uma forma tranquila e serena o amor por Sónia e a vontade de com este amor reparar todo o mal que lhe fez e tornar-se um Homem renovado.

Em suma, em Raskólnikov, partindo das ideias de Grinberg (2000), verifica-se que inicialmente a culpa não foi sentida por ele, pois não consegue carregar o peso da mesma. Foram usados vários mecanismos para fugir à culpa que mortifica o Ego e desvitaliza os recursos saudáveis. Mas através do amor redentor de Sónia, ele pôde aceder à culpa depressiva, tendo a consciência do dano feito ao objeto, com assunção de culpa e procura de

reparação. É através desta capacidade de reparar, reviver e preservar o objeto amado que se pode afirmar que Raskólnikov atinge no final a redenção.

V- Conclusões

O presente trabalho teve como principal A elaboração de uma análise de conteúdo do romance *Crime e Castigo* de Fiódor Dostoiévski, de modo a averiguar se em Raskólnikov, personagem principal da obra, após o momento do *crime*, existem manifestações de uma culpa de carácter persecutório, depressivo ou de ambos.

Os resultados sugerem que Raskólnikov apresenta elevados índices de culpa persecutória ao longo da obra. Havendo 150 unidades de registo nas 90 páginas analisadas, (1.67 por pág. em média) pode-se afirmar que após o momento do crime, este é torturado por uma forte *culpa persecutória*.

Na categoria de *Culpa depressiva*, pode-se constatar que a frequência de unidades de registo total nesta categoria é de 24 em 90 páginas, o que dá uma média de 0.3 em cada página, desta forma, bastante inferior do que a *Culpa Persecutória*.

As principais limitações que podem ser apontadas no presente estudo prendem-se com o facto de a grande extensão da obra impedir a análise de conteúdo de mais do que 6 episódios, sendo uma tarefa de grande complexidade escolher estes episódio como corpo documental, pois em quase toda a obra, teria bastante conteúdo relevante para análise.

Em futuros estudos, poderá concretizar-se uma análise de conteúdo de outras obras literárias ou filmes onde a culpa persecutória esteja presente. Seria interessante também estudar outras obras de Fiódor Dostoiévski, como por exemplo *Os Irmãos Karamázov*, *O jogador*, ou *O idiota*, comparando se estas evidências de Culpa em Raskólnikov estarão presentes em outras personagens. Pode-se também fazer um estudo biográfico do autor russo e comparar com estes dados.

Referências Bibliográficas:

Amado J. S. (2000), *A técnica da Análise de Conteúdo*. Referencia, nº5
Novembro: pp. 52-63

Amado, Costa & Crusoé (2013). A técnica da análise de conteúdo. In J. Amado (Org.) Manual de Investigação Qualitativa em Educação. Coimbra. Imprensa da universidade Coimbra (In press)

Bal, R. (2009) Raskolnikov's Desire for Confession and Punishment. Epiphany Journal of the Faculty of Arts and Social Sciences International University of Sarajevo. nº 2

Bardin, L. (1977) *Análise de Conteúdo*. (Reto & Pinheiro Trad.) Lisboa: Edições 70

Dostoiévski, F. (2010) *Crime e Castigo*. (Nina Guerra e Filipe Guerra Trad.) Lisboa: Editorial Presença. (Obra original publicada em 1866)

Ferreira, J. (2009) Implicações clínicas da metapsicologia da culpa para a compreensão da neurose obsessiva e da melancolia. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Freud, S. (1990). *Totem e tabu* (1913). Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIII, Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1990). *Criminosos em consequência de um sentimento de culpa* (1916) Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.XIV, Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1990). *Além do princípio do prazer* (1920). Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.

XVIII, Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1990). *O Ego e o Id* (1923) Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1990). *O problema econômico do masoquismo* (1924) Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1990). *O mal-estar na civilização* (1930) Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.XXI, Rio de Janeiro: Imago Editora.

Grinberg, L. (2000). *Culpa e Depressão* (Mortágua C. Trad.). Climepsi, Lisboa

History Channel. *Biography: Dostoiévski* [Ficheiro de vídeo]. Acedido em 5 de Fevereiro de 2012 através de http://www.youtube.com/watch?v=_1LJBvYtho&feature=related

Klein, M. (1991) *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides* (1946). Volume III das obras completas de Melanie Klein (2º edição). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Klein, M. (1991) *Sobre a teoria da ansiedade e da culpa* (1948) Volume III das obras completas de Melanie Klein (2º edição). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Klein, M. (1991) *Inveja e Gratidão* (1957) Volume III das obras completas de Melanie Klein (2º edição). Rio de Janeiro: Imago Editora

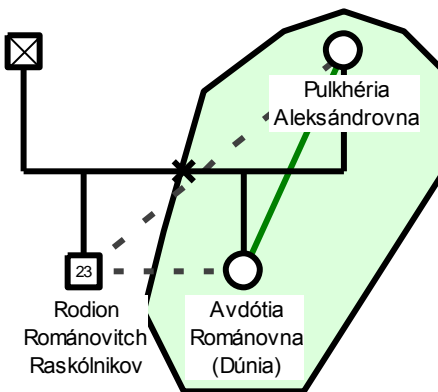
Lavrin, J. (2003). *Dostoiévski* (Caeiro V. Trad.) Rio de Mouro: Círculo de leitores. (Obra original publicada em 1963)

- Marques, P. N. (2010). Polifonia e emoções: um estudo sobre a construção da subjetividade em *Crime e Castigo* de Dostoiévski. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Consultado em 2012-04-26, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-zz26082010-144511/>
- Romero, W. (2005) El perdón y la ética del discurso. *Estud. Sócio-Juríd.* Bogotá nº7 Agosto, pp. 250-302
- Rosen, I. (2009) The Atonement–Forgiveness Dyad: Identification With the Aggressed. *Psychoanalytic Inquiry*, nº 29 pp 411–425
- Sá, E. (2003) *Textos com Psicanálise*. (pp. 109-129) Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2009) *Esboço para uma nova Psicanálise*. (pp. 117-167) Coimbra: Almedina
- Winnicott, D. (1983) *Psicanálise do Sentimento de Culpa* (1958). In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas
- Winnicott, D. (1987) *Agressão, culpa e reparação* (1960) In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes

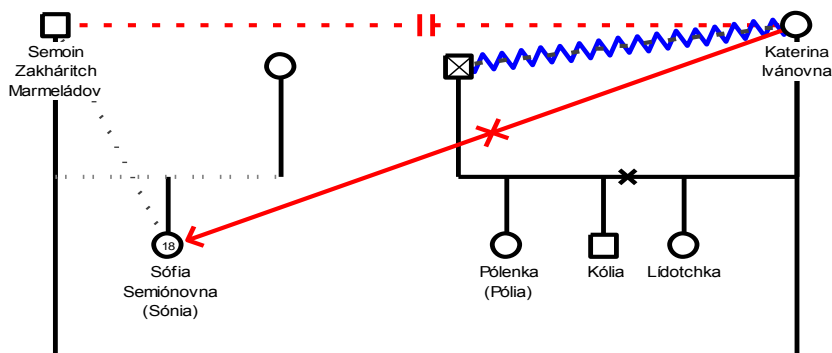
Anexos

Anexo I: Genogramas resumo compreensivo

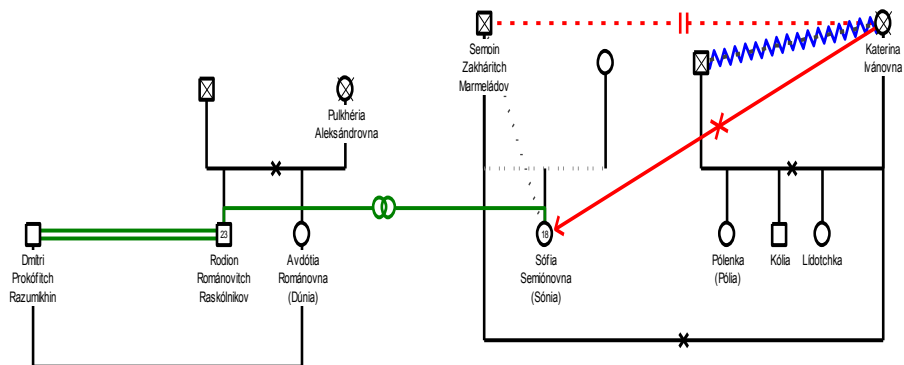
Genograma de Raskólnikov no início da obra



Genograma de Sónia no início da obra



Genograma de Raskólnikov e Sónia no final da obra



Anexo II: Matriz da Análise de Conteúdo de *Crime e Castigo*

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Culpa Persecutória	Dissociação	<p>Dissocia partes do self (EP1 P90)</p> <p>Conta sobre o crime que cometeu, para o fazer teve que se dissociar (EP 5 P286)</p> <p>Dissocia a consciência do crime do sentimento de culpa. (EP 6 P505)</p>	<p><i>A convicção que se apoderava dele de que tudo, mesmo a memória, mesmo o raciocínio mais primário, estava a traí-lo, atormentava-o insuportavelmente. (EP1 P90)</i></p> <p><i>— E porque... sou amigo dele... grande amigo... e sei — continuou Raskólnikov sem desviar os olhos do rosto dela, como se fosse incapaz disso. — Ele não queria... matar... a Lisaveta... Matou-a... sem querer... Queria matar a velha... quando estivesse sozinha... e foi lá... Mas nisto entrou a Lisaveta... E então... matou-a também. (EP 5 P386)</i></p> <p><i>Então... então resolvi apropriar-me do dinheiro da velha e aproveitá-lo para os meus primeiros anos, sem fazer sofrer mais a minha mãe, para me manter nos estudos e dar depois os primeiros passos depois da universidade — e fazê-lo em grande escala, radicalmente, para assegurar uma carreira e partir por um caminho novo, independente... Pois... pois... só isso e mais nada... Ora, é evidente que fiz mal em matar a velha... e pronto,</i></p>

A culpa persecutória e culpa depressiva: Uma análise de conteúdo à culpa de Raskólnikov em Crime e Castigo.

Pedro Nuno Martins Carvalhal (e-mail: pedronuno21@hotmail.com) 2013

			<p><i>chega! (EP 5 P391)</i></p> <p><i>Se ao menos o destino lhe enviasse o arrependimento — um arrependimento pungente, do coração, que tira o sono, que faz sofrer tanto que é preferível a corda ou o afogamento! Oh, seria bem-vindo! Tormento e lágrimas também são vida. Mas não se arrependia do seu crime. (EP 6 P505)</i></p>
	Identificação projetiva	<p>O mujique podia ser metaforicamente o superego de Raskólniko v. (EP 3 P256)</p> <p>Sonho onde existe uma parte clivada dele que o ataca, essa parte destrutiva foi projetada para a velha e identificada por esta, pois goza com ele, apesar de estar a ser atacada. (EP 3 P260/261)</p>	<p><i>Era impossível distinguir, mas Pareceu a Raskólnikov que o homem esboçou de novo um sorriso frio, de ódio e triunfo. (EP 3 P256)</i></p> <p><i>Oh, como odeio agora a maldita velha! Matava-a outra vez se ressuscitasse! Coitada da Lisaveta! Por que me apareceu naquele momento? (EP3 P 259)</i></p> <p><i>Desviou-a cautelosamente com a mão e viu uma cadeira, onde se sentava uma velhinha, toda curvada e cabisbaixa, de modo que não conseguia distinguir-lhe a cara. Mas era ela. Ficou algum tempo imóvel, debruçado para ela: «tem medo!» — ficou pensativo, libertou devagar o machado da alça e bateu com ele no cocuruto da velha, uma vez, outra vez. Coisa estranha: a velha nem se mexia sob o impacte das machadadas, como se fosse de macieira. Raskólnikov assustou-se, inclinou-se para ela e pôs-se a examiná-la; mas também ela inclinou ainda mais a cabeça. Então agachou-se até ao</i></p>

		<p><i>chão e olhou-lhe, de baixo, para a cara; olhou e ficou paralisado: a velhinha ria-se — desmanchava-se num riso baixinho, inaudível, esforçando-se por que ele a não ouvisse. Pareceu-lhe também, de súbito, que a porta do quarto de dormir se entreabria ligeiramente e que de lá também vinham risos e sussurros. A fúria apoderou-se dele: desatou às machadadas na cabeça da velha, com toda a força, mas a cada golpe o riso e os sussurros do quarto tornavam-se mais fortes e perceptíveis, e a velha, de riso, até se contorcia. Desatou a fugir, mas já todo o vestibulo estava cheio de gente, todas as portas das escadas estavam escancaradas, e os patamares e escadas estavam cheios de uma multidão compacta, tudo a olhar — mas todos calados, à espera!... O coração apertou-se-lhe, os pés recusavam mexer-se, como cravados ao chão... Quis gritar — e acordou. (EP 3 P260/261)</i></p> <p>— Agora compreende-se por que a menina... vive assim — disse Raskólnikov, com um sorriso amargo (...) — Não faz algum todos os dias?(...) — Claro que não! Já tentou? — acrescentou em tom quase irónico. — E não resultou! Pois, claro! Nem valia a pena perguntar. (EP 4 P303)</p> <p>Diálogo com Sónia onde Raskólnikov v projeta massivamente o seu sentimento de degradação, vazio e desesperança. Esta assume-o como seu. (EP 4 P303)</p>
--	--	---

	<p>A descrição que ele faz da vida de Sónia aplica-se também à sua vida. (EP 4 P304/305)</p>	<p><i>(...) pelo teu grande sofrimento. Mas lá que és uma grande pecadora, isso é verdade — acrescentou quase com entusiasmo —, e ainda mais pecadora porque te mortificaste e te atraçoaste em vão. Não é um horror? Não é um horror estares a viver nessa podridão que tanto odeias e, ao mesmo tempo, sabendo tu própria (basta abrires os olhos) que não ajudas ninguém com isso e não salvas ninguém de coisa nenhuma? Diz-me, afinal — articulou quase em frenesi — como é que essa vergonha e essa baixeza se combinam em ti com outros sentimentos, opostos e sagrados? Porque seria mais justo, mil vezes mais justo e sensato, atirares-te de cabeça à água e acabares com tudo de vez!</i> (EP 4 P304/305)</p>	
	<p>Raskólniko v projeta para Sónia e procura controlar o objeto a partir de dentro (EP4 P311)</p>	<p><i>Também transpuseste... acabaste por passar para o outro lado. Mataste-te, arruinaste uma vida... a tua vida (é a mesma coisa!). A tua vida poderia ter sido cheia de espírito e razão, mas vai acabar na praça Sennaia... Mas não vais aguentar isso e, se ficares sozinha, enlouqueces, tal como eu. Agora, já estás quase louca; portanto, o nosso destino é o de irmos juntos, pelo mesmo caminho! Vamos!</i> (EP4 P311)</p>	
	<p>Bloqueio da relação/ dificuldade de comunicação</p>	<p>Ao visitar o Razumíkhin, está de certa forma</p>	<p><i>Não é preciso — disse —, vim cá... é o seguinte: não tenho explicações... queria... aliás, não</i></p>

		<p>a pedir ajuda, mas esta passagem demonstra a ambivalência a deste pedido. (EP1 P109)</p>	<p><i>preciso de explicações nenhuma... (...) Não preciso de nada!... — disse, e voltou a puxar o braço com brusquidão. (EP1 P109)</i></p> <p><i>Mas, afinal, não preciso de nada, ouviste?, de nada, absolutamente... de favores nem ajudas de ninguém... Chega! Deixem-me em paz! (EP1 P109)</i></p> <p><i>Quer isto dizer, apenas, que estou farto de vós todos e quero estar sozinho — respondeu calmamente Raskólnikov. (EP2 P159)</i></p> <p><i>«A minha mãe, a minha irmã, como gostava delas! Por que as odeio agora? Sim, odeio-as, odeio-as fisicamente, não as aturo ao pé de mim (...) (EP3 P 259)</i></p>
	Inveja		NÃO APLICÁVEL
	Autocensuras/ Ressentimento	<p>Raskólnikov a pensar (EP 1 P108) e (EP 2 P 153)</p>	<p><i>Quis ajoelhar-se para rezar, mas desatou a rir — não da oração, mas de si mesmo. (EP 1 P 93)</i></p> <p><i>Mas, mal enfiou a meia, voltou logo a arrancá-la com horror e repugnância (EP 1 P 93)</i></p> <p><i>«Ao disparate mais insignificante, ao mais pequeno descuido, vou trair-me a mim próprio! (EP 1 P 95)</i></p> <p><i>(...) e não sabes sequer quanto te rendeu o acto tão vil, tão abominável e tão abjecto que cometeste</i></p>

			<p><i>conscientemente? (EP 1 P108)</i></p> <p><i>O homem é desprezível Mas também é desprezível o que por esse facto lhe chama desprezível» (EP 2 P 153)</i></p> <p><i>Sentiu, com repugnância, até que ponto estava fraco, como enfraquecera fisicamente.</i> «Eu já devia saber que era assim — pensava com ironia amarga —, e atrevi-me, conhecendo-me a mim próprio, presentindo-me a mim próprio, a pegar no machado e a cobrir-me de sangue. Tinha obrigação de saber isso de antemão... Eh-eh!, mas eu, realmente, sabia-o de antemão!...» — sussurrou em desespero. (EP 3 P 257)</p> <p><i>Eh, sou um piolho estético e mais nada — acrescentou de repente rindo-se como um maluco. — Sim, sou de facto um piolho — continuou, agarrando-se maldosamente a este pensamento, remexendo nele, brincando e divertindo-se com ele (...) (EP3 P258)</i></p> <p><i>Sou, definitivamente, um piolho — acrescentou rangendo os dentes —, porque eu próprio sou talvez ainda mais porco e nojento do que o piolho morto, e pressenti que ia dizer isso a mim mesmo logo depois de assassinar! Haverá alguma coisa comparável a este horror? Oh, vulgaridade! Oh, baixeza!... (EP3 P259)</i></p>
--	--	--	--

		<p><i>Porque não aguentei sozinho e vim descarregar sobre outra pessoa: «sofre também será mais fácil para mim!» Então, Sónia, podes amar um canalha assim? (EP5 P389)</i></p> <p><i>— Sónia, vê bem, tenho um coração malvado: isso explica muita coisa. Vim ter contigo precisamente porque sou mau. Há quem não tivesse vindo. Mas sou covarde e... canalha! Mas... não importa, não é disso que se trata... (...) Por que vim? Nunca hei-de perdoar a mim mesmo! (EP 5 P389/390)</i></p> <p><i>Não, Sónia, não é isso! — voltou a falar Raskólnikov, como se uma viragem repentina de ideias o espicaçasse e mais uma vez animasse. — Não é isso! Melhor... supõe (sim!, é realmente melhor!), supõe que sou um tipo cheio de amor-próprio, invejoso, malvado, nojento... com tendências para a loucura. (EP 5 P392)</i></p> <p><i>Ei, ei, Sónia! — exclamou Raskólnikov com irritação. Fez menção de replicar, mas calou-se com desprezo. — Não me interrompas, Sónia! Queria, provar-te apenas uma coisa: que diabo me impeliu e que diabo só depois me explicou que não tinha o direito de ir lá, porque sou o mesmo piolho que todos os outros! Que diabo gozou comigo! Por isso, agora, eu vim a ti! Dá as boas-vindas ao visitante! Se eu não</i></p>
--	--	---

			<p><i>fosse um piolho, teria vindo? Ouve: quando, naquele dia, eu fui a casa da velha, fui apenas fazer uma prova... Fica sabendo!</i> (EP5 P394)</p>
	Apatia/ Indiferença		<p>«Se estou perdido, estou perdido, tanto faz! Vou calçar a meia (...)» (EP 1 P 93)</p> <p><i>(...) ele próprio ficara de súbito indiferente à opinião de quem quer que fosse; tal mudança foi repentina, ocorreu num minuto. Se quisesse pensar um pouco, estranharia com certeza o facto de ter podido falar com eles daquela maneira um minuto antes, e, até, de os ter importunado com os seus sentimentos. Para já, donde lhe terão vindo tais sentimentos? Agora, porém, se por hipótese a sala ficasse cheia, não de polícias, mas dos seus melhores amigos, nem para eles acharia uma palavra humana, de tal modo lhe ficou deserto o coração. A sua alma manifestava, nitidamente, um sombrio sentimento de solidão e de alienação torturante. (EP1 P101)</i></p> <p><i>Se lhe lessem, nesse instante, a sua sentença de morte pelo fogo, nem mexeria um músculo, nem sequer ouviria a sentença com atenção. Produzia-se no seu íntimo algo de completamente desconhecido e novo para ele, repentino, sem precedentes. Não por compreender, mas por sentir, sentir claramente com toda a força do sentimento, que não podia</i></p>

		<p><i>de maneira nenhuma - quer fosse com sentimentalismos expansivos, como havia pouco; quer fosse de outro modo qualquer — dirigir-se a ninguém daquela sala da secretaria de quartirão, nem que fossem todos seus irmãos e irmãs, e não tenentes da polícia, não podia, estava impedido de dirigir-se a eles, em qualquer caso da vida; nunca, até ao presente momento, tivera semelhante sensação, tão estranha e terrível. (EP1 P102)</i></p> <p><i>Raskólnikov olhava para tudo com um estranho sentimento de indiferença e alheamento. Sentiu nojo. «Não, é repugnante... a água... não vale a pena — murmurava de si para si. — Não há nada, não há nada a esperar. (EP 2 163)</i></p> <p><i>«Por que não? Talvez seja melhor!» — disse com decisão, saiu da ponte e dirigiu-se para os lados da secretaria da esquadra. Levava o coração vazio e silencioso Não queria pensar. Até a amargura desapareceu de dentro dele, também já não tinha vestígios daquela energia com que saíra de casa para «acabar com tudo!» Uma apatia total cobria isso tudo (EP 2 163)</i></p> <p><i>A passo lento e fraco, com os joelhos a tremerem e um frio horrível dentro dele, Raskólnikov voltou para o seu cubículo. Tirou o boné, pô-lo em</i></p>
--	--	---

		<p>mujiqne (EP 3 P256)</p> <p><i>cima da mesa e deixou-se ficar uns dez minutos parado, imóvel. (EP 3 P256)</i></p> <p>— <i>Pois, para roubar. Chega, Sónia!</i> — <i>respondeu cansado e, até, aborrecido. (EP5 P 388)</i></p> <p><i>Não sei... ainda não decidi... se aproveito ou não esse dinheiro — respondeu ele, outra vez com ar evocador, e de repente, em si, soltou uma risada curta e ríspida. — Que parvoíce acabei de dizer, hã? (EP5 P 389)</i></p> <p><i>(...) os tectos baixos e os quartos pequenos apertam a alma e a mente! Oh, como eu detestava esse cubículo! Mesmo assim, não queria sair de lá. Teimava em não sair. Durante dias inteiros não saía, não queria trabalhar nem comer, sempre deitado. (EP 5 P392)</i></p>
	Humilhação	<p><i>Que estupidez, meu Deus!... E o que eu menti, quantas infâmias fiz hoje! Que baixeza, adular e bajular o Iliá Petróvitch! Aliás, também isso não tem importância nenhuma! Quero lá saber deles, quero lá saber de todos, e que tenha adulado, e que tenha bajulado! Não é isso! Não é isso!...» (EP1 P107)</i></p> <p><i>De certeza que, pelos andrajos e pelo aspecto dele, o tomaram por pedinte, por um verdadeiro arrecadador de tostões da rua; era àquela chicotada, por conseguinte, que devia a rica esmola de vinte copeques. (EP1 P111)</i></p>

		<p><i>Não seas criança, Sónia — disse Raskólnikov em voz muito baixa. — Em que sou culpado perante eles? O que vou lá fazer? (...) Que matei e não tive coragem de me servir do dinheiro, que o escondi debaixo de uma pedra? — acrescentou numa risada cáustica. — Mas eles próprios se vão rir de mim, vão dizer: foste estúpido em não te teres servido dele. Cobarde e estúpido! Não vão perceber nada, Sónia, e não merecem perceber. Para que vou ter com eles? Não vou. Não seas criança, Sónia... (EP5 P395)</i></p> <p><i>O que o envergonhava era precisamente o ter-se perdido (desta maneira tão cega, desesperada, torpe e estúpida) só por uma sentença qualquer do destino cego; e o ter de resignar-se perante o «absurdo» de tal sentença, se quisesse sossegar-se ao menos um pouco. (EP 6 P 504)</i></p> <p><i>Em que, em que é que — pensava — a minha ideia era mais estúpida do que outras ideias e teorias que se multiplicam e esbarram umas contras as outras neste mundo, desde os primórdios deste mundo? Basta olhar para o assunto com os olhos abertos, independentes livres das influências vulgares para que a minha ideia não pareça tão... estranha. Oh, negadores e sábios de meia tigela, por que parais a meio caminho?</i></p>
--	--	--

			<p>«Por que lhes parece o meu procedimento tão monstruoso? — pensava. — Por ser uma ignomínia? A minha consciência está tranquila. Claro que foi cometido um crime comum; claro que foi violada a letra da lei e derramado sangue; então, tomem lá, pela letra da lei, a minha cabeça... e basta! Claro que, sendo assim, muitos benfeitores da humanidade, que não herdaram o poder mas se apossaram dele, deveriam ser executados logo nos seus passos iniciais. Mas essa gente aguentou firme nos seus passos e por isso tem razão, e eu não aguentei e, portanto, não tive o direito de permitir-me um tal passo.» Nisso, e só nisso, reconhecia o seu crime: não aguentara e fizera uma confissão de livre vontade. (EP 6 P 505)</p>
	Tristeza/pesar		<p>(...) O riso, contudo, logo deu lugar ao desespero. «Não, não tenho forças para isso...» — palpitou-lhe na cabeça. As pernas tremiam-lhe. «É do medo» (...) (EPI P93)</p> <p>(...) O próprio facto de ter parado no mesmo sítio de outrora, como se considerasse possível reviver o passado, interessar-se pelas mesmas coisas e paisagens... tão recentes, afigurou-se-lhe absurdo e estranho. Pareceu-lhe, isso, quase engraçado e, ao mesmo tempo, teve um aperto de coração doloroso. Numas quaisquer profundezas, quase invisível debaixo</p>

		<p><i>dos pés, estaria agora todo esse passado, e os pensamentos passados, e os objectivos passados, e os assuntos passados, e todo este panorama, e ele próprio, e tudo, tudo.... (EP1 P112)</i></p> <p>Raskólniko v sente-se à beira do abismo (EP 2 P152)</p> <p><i>«Onde é que eu li — ia pensando Raskólnikov enquanto continuava a andar — que um condenado à morte, uma hora antes de morrer, dizia ou pensava que se lhe calhasse viver algures nas alturas, em cima de uma rocha, numa superfície tão estreita que daria só para pôr os pés, e em volta os abismos, o oceano, trevas eternas, solidão eterna, tempestade eterna, que mesmo isso — um palmo de espaço, toda a vida, mil anos, uma eternidade — seria melhor do que morrer na hora! (EP 2 P152)</i></p> <p><i>Calaram-se ambos. Depois da repentina explosão de riso desvairado, Raskólnikov ficara subitamente pensativo e triste. Fincou os cotovelos na mesa e apoiou a cabeça numa mão. Parecia ter-se esquecido completamente de Zamíótov. Durou muito, aquele silêncio. EP 2 P156)</i></p> <p><i>«Como é? Vou ou não vou? — pensava Raskólnikov, parado a meio da calçada no cruzamento e olhando à sua volta, como se esperasse de alguém a última palavra. Mas não lhe vinha resposta; estava tudo calado e morto,</i></p>
--	--	---

			<p><i>como as pedras que pisava, morto para ele, só para ele.</i> (EP2 P167)</p> <p><i>Raskólnikov caminhava triste preocupado: lembrava-se muito bem de ter saído de casa com um propósito qualquer, que precisava de fazer alguma coisa e depressa, mas o quê, concretamente, esquecera.</i> (EP3 P 259)</p> <p>— <i>Vim vê-la pela última vez</i> — <i>continuou Raskólnikov sombriamente, embora de facto fosse a primeira vez que ali entrava. – Talvez não a veja mais...</i> (EP4 P299)</p> <p><i>Não aguentou e pôs-se a chorar amargamente. Raskólnikov, caído numa melancolia tenebrosa, olhava para ela. Uns cinco minutos se passaram.</i> (EP5 P384)</p> <p>— <i>Sabes, Sónia</i> — <i>disse Raskólnikov numa espécie de inspiração</i> —, <i>vou dizer-te uma coisa: se tivesse matado só porque passava fome</i> — <i>continuou acentuando cada palavra e olhando para Sónia enigmática mas sinceramente</i> —, <i>estaria agora feliz! Quero que o saibas!</i> (EP5 P389)</p> <p>Raskólnikov olhava para Sónia e sentia que o seu amor por ele era grande e, coisa estranha, para ele era doloroso ser amado tão infinitamente. Sim, era uma sensação estranha e terrível! Quando se dirigia para casa de Sónia sentia que ela era a sua grande esperança e o seu grande remédio; pensava aliviar-se pelo menos de</p>
--	--	--	--

			<p>uma parte do seu sofrimento, e <i>agora</i>, num instante, quando todo o coração dela se lhe entregava, sentia e percebia que se tornara incomparavelmente mais infeliz do que antes. (EP5 P396)</p> <p><i>Uma inquietude indefinida e sem objecto no presente, e no futuro, um mero e infinito sacrifício sem finalidade e pelo qual nada se podia alcançar — era isso que tinha pela frente o resto da vida. Que importava, passados estes oitos anos, ter apenas trinta e dois e poder recomeçar a vida? Viver para quê? Com que objectivos? Com que aspirações? Viver para existir? Mas, se já antes ele estava mil vezes pronto a trocar a existência por uma ideia, por uma esperança, até por uma fantasia! Existir, apenas, nunca tinha sido bastante para ele, sempre quisera mais. Talvez tivesse sido só por força dos seus desejos que se considerara a si mesmo como um homem a quem era permitido mais do que aos outros. (EP 5 P504/505)</i></p>
	Irritabilidade		<p>— <i>Também tu, também tu me queres atormentar!</i> — gritou Raskólnikov, com uma irritação tão amargurada, com tal desespero nos olhos que Razumíkhin desistiu. (EP 3 P255)</p>
	Atitudes/comportamentos/sentimentos autopunitivos	O “esquecimentos” delem	<p><i>De repente lembrou-se que o porta-moedas e as coisas que tirara do baú da velha ainda estavam</i></p>

		<p>esconder os objetos roubados pode indicar uma vontade inconscient e de ser apanhado (EP1 P90)</p>	<p><i>nos bolsos! Não lhe ocorrera, até àquele momento, pegar nelas e escondê-las. Nem mesmo agora, quando examinava a roupa, se lembrara disso! Como era possível?! Apressou-se a despejar os bolsos para cima da mesa. Depois de ter tirado tudo e virado os bolsos do avesso, para se assegurar de que não ficava nada, levou tudo para um canto. (EP1 P90)</i></p> <p><i>Não tinham passado ainda cinco minutos quando voltou a levantar-se sobressaltado e a lançar-se, frenético, para a sua roupa. «Como posso ter adormecido outra vez se ainda não fiz o que tinha a fazer!? Pois é, pois é, não tirei a alça do forro! Esquecer-me, esquecer-me de uma coisa dessas! Uma prova, uma prova terrível!» (EP1 P90)</i></p> <p><i>De facto, os fiapos que cortara das calças continuavam espalhados pelo chão, no meio do quarto, à vista do primeiro que entrasse! (EP 1 P90)</i></p> <p><i>(...) era «possível fazerem uma busca ao quarto enquanto eu lá não estiver». Lembrou-se disso e parou. Mas apoderou-se dele um tal desespero e um tal, por assim dizer, cinismo da perdição que não quis saber e seguiu o seu caminho. (EP1 P93)</i></p> <p><i>«Se mo perguntarem, talvez diga» — pensou ao aproximar-se da esquadra.</i></p>
--	--	--	---

		<p>Aceitar este trabalho poderia ser a sua saída para a miséria, mas Rodion não queria isso (EP 1 P110)</p>	<p>(EP1 P94)</p> <p>«Entro, ponho-me de joelhos e conto tudo...» (EP1 P94)</p> <p><i>Surgiu-lhe uma ideia estranha: levantar-se, aproximar-se de Nikodim Fomitch e contar-lhe tudo, aquilo de ontem, até ao último pormenor, depois levá-lo ao seu quarto e mostrar-lhe as coisas no buraco do canto. O impulso fora tão forte que já se levantava para o cumprir. (EP 1 P102)</i></p> <p><i>De repente, estremeceu: como foi possível andar mais de meia hora a passear, cheio de amargura e preocupação, no lugar mais perigoso, sem sequer se lembrar disso?! Perder meia hora a fazer algo tão imprudente só porque o decidira num delírio, durante o sono! Estava a tornar-se extremamente desatento e esquecido, tinha a consciência disso. Não, realmente, era preciso despachar-se! (EP 1 P106)</i></p> <p><i>(...) voltou de repente para trás, subiu novamente até à casa de Razumikhin, pôs as folhas do texto alemão e os três rublos em cima da mesa e, sem dizer palavra, como antes, foi-se embora. (EP 1 P110)</i></p> <p><i>Foi chicoteado com força pelo cocheiro de uma caleche, por quase ter sido atropelado pelos cavalos, apesar do cocheiro o ter avisado aos gritos três ou quatro</i></p>
--	--	---	---

		<p>Não quer aceitar a ajuda da única pessoa que pode ajudá-lo. (EP 2 P160)</p>	<p>vezes. (EP 1 P111)</p> <p><i>Ouve, Razumíkhin — começou Raskólnikov com uma calma aparente —, não vês que não quero a tua caridade? Que interesse tens tu em ajudar pessoas que... se estão nas tintas? Pessoas para quem, afinal, é difícil suportar isso? Por que me procuraste e me encontraste no princípio da minha doença? E se eu gostasse muito de morrer? Será que não te fiz entender claramente que estavas a atormentar-me, que eu estava... farto de ti? Que prazer é esse de atormentares as pessoas? Podes crer que isso impede seriamente a minha recuperação, porque está a irritar-me constantemente. O Zóssimov, esse, foi-se embora para não me irritar mais. Deixa-me em paz, tu também! Afinal, que direito tens tu de prender-me à força? Não vês que estou a falar em plena consciência? Como, mas como, diz-me, posso eu convencer-te a não me incomodares e a não me ajudares? Considerem-me um ingrato, um infame, mas deixem-me todos em paz, por amor de Deus, deixem-me em paz! Deixem-me! Deixem-me! (...)— Ouve-me. Fica sabendo que vocês todos, mas todos, são uns falabaratos e uns fanfarrões miseráveis! Toca-vos um sofrimentozinho de merda e põem-se a cacarejar em cima dele como a galinha em cima do ovo! Até nisso cometem plágio. Não têm a mais leve sombra de</i></p>
--	--	--	---

			<p><i>vida independente. São feitos de pomada, de espermacete e têm soro nas veias em vez de sangue! Não confio em nenhum de vocês! A vossa primeira preocupação, em todas as situações, é não parecerem seres humanos! (EP 2 P160)</i></p>
		<p>Rodion regressa ao local do crime, logo após a visão da tentativa de suicídio (EP 2 P163 a 166)</p>	<p><i>Sentiu-se levado por um desejo irresistível e inexplicável. Entrou pelo portão, passou todo o túnel do arco, depois meteu pela primeira porta à direita e começou a subir as escadas familiares, até ao terceiro andar. (EP 2 P163)</i></p>
		<p>Rodion dirige-se as pessoas que estavam a trabalhar na casa onde aconteceu o crime (EP 2 P165)</p>	<p><i>A sensação de outrora, dolorosa, assustadora, monstruosa, começava a chega-lhe à memória cada vez mais viva e nítida. Estremecia a cada toque e cada vez sentia um prazer maior (...) — Lavaram o chão. Vão pintá-lo? — continuou Raskólnikov. — Não ficou sangue? (...)— Mataram aqui a velha e a irmã. Havia aqui um autêntico charco de sangue. (EP 2 P165)</i></p>
		<p>Sugere que o levem à secretaria da polícia para ele explicar o porquê de estar aqui, eles não o levam a sério. (EP 2 P165/166)</p>	<p><i>— Então vamos! — respondeu Raskólnikov com indiferença; e saiu primeiro, descendo lentamente as escadas. — Psst, guarda! — chamou ao entrar no túnel (...) Sou Rodion Románitch Raskólnikov, ex-estudante, moro na casa de Schil, numa ruela perto daqui, no apartamento catorze. Pergunta ao guarda de lá... ele conhece-me. — Raskólnikov articulou</i></p>

		<p><i>tudo isto de maneira preguiçosa e distraída, sem voltar a cabeça e olhando fixamente para a rua a escurecer. (EP 2 P165/166)</i></p> <p><i>Parecia querer agarrar-se a tudo, e soltou um risinho frio quando pensou nisso porque, no tocante à secretaria, decidira em definitivo e tinha agora a certeza absoluta de que tudo acabaria mesmo em breve. (EP 2 P167)</i></p> <p>Apesar de se falar sobre doença, não é sobre este tema que esta citação fala, mas sim da indiferença e principalmente prazer que sente por estar a ser punido. (EP 6 P 504)</p> <p><i>Estava doente havia muito; mas não por causa dos horrores da vida prisional, nem dos trabalhos, nem da comida, nem da cabeça rapada, nem da roupa feita de retalhos: oh!, que importância tinham para ele sofrimentos e provações? Pelo contrário, sentia-se até contente com os trabalhos: fisicamente extenuado, gozava pelo menos de algumas horas de sono tranquilo. Que importância tinha para ele a comida — essas sopas aquosas de repolho em que boiavam baratas? Quando estudante, na sua vida anterior, às vezes nem isso tinha. A roupa era quente e adaptada ao modo de vida que levava agora. Os grilhões, nem os sentia nas pernas. Vergonha da cabeça rapada e do casaco feito de duas metades de cores diferentes? Vergonha de quem? Da Sónia? Sónia tinha medo dele, como podia ter vergonha dela? (...) Adoeceu de orgulho ferido. Oh, como seria feliz se conseguisse acusar-se a si mesmo!</i></p>
--	--	---

			<p><i>Então aguentaria tudo, até a vergonha e o opróbrio. Mas, por mais severamente que se julgasse, a consciência não via no seu passado uma culpa especialmente terrível, a não ser talvez uma simples falta, uma falha que qualquer um podia ter. (EP 6 P 504)</i></p> <p><i>Nunca falara com eles de Deus nem de fé, mas queriam matá-lo como a um infiel. Calou-se, nem respondeu. Um dos presidiários atirou-se a ele em verdadeiro frenesi; Raskólnikov ficou-se, à espera, calmo e em silêncio: nem uma pestana se lhe mexeu, não lhe tremeu a cara. (EP 6 P 507)</i></p>
	Angústia	Quando um mujique o chama de assassino	<p><i>E, o mais doloroso de tudo: era mais uma sensação do que uma consciência, uma noção; uma sensação espontânea, a sensação mais dolorosa de todas as sensações que vivera até agora. (EP1 P102)</i></p> <p><i>Não sabia para onde ia, nem pensava nisso; só sabia uma coisa: «é preciso acabar com isto tudo hoje mesmo, de vez, imediatamente; não volto a casa sem fazê-lo, porque não quero viver assim». Acabar, mas como? Fazer o quê, para acabar? Não tinha a mínima ideia, nem queria pensar nisso. (EP 2 P149)</i></p> <p><i>Raskólnikov continuava a andar ao lado dele. As pernas estavam a ficar-lhe muito moles, as costas</i></p>

		<p>(EP 3 P256) <i>geladas, o coração deixou de bater-lhe por um instante, mas logo recomeçou como se o soltasse uma mola</i> (EP 3 P256)</p> <p><i>(...) rosto pálido de olhos mortificados de Raskólnikov</i> (EP 3 P256)</p> <p><i>(...) foi atacado de um súbito esgotamento, de um medo. Parou pensativo frente à porta fazendo a si mesmo uma inesperada pergunta: «É mesmo preciso dizer quem matou Lisaveta?»</i> (EP5 P382)</p> <p><i>Quis sorrir, mas no seu sorriso pálido transpareceu algo de impotente e indefinido. Baixou a cabeça e tapou a cara com as mãos.</i> (EP5 P384)</p> <p><i>Momento insuportável: Raskólnikov voltou para ela o seu rosto lívido; os lábios estorceram-se-lhe, impotentes, numa tentativa de dizer qualquer coisa.</i> (EP 5 P385)</p> <p><i>— Chega, Sónia, chega! Não me atormentes! — pediu ele em grande sofrimento.</i> (EP5 P 387)</p> <p><i>-Não, Sónia, não — murmurou Raskólnikov, virando-lhe a cara e baixando a cabeça —, não passava assim tanta fome... e, quanto à minha mãe, queria ajudá-la, mas... isso também não é inteiramente verdade... Não me atormentes, Sónia!</i> (EP5 P 388)</p>
--	--	---

			<p><i>Porquê, mas por que lhe disse, por que lho confessei, a ela? — exclamou Raskólnikov passado um minuto, em desespero, olhando-a num extremo sofrimento. — Agora estás à espera de explicações, Sónia estás aí sentada e à espera, vejo-o. Mas o que te hei-de dizer? É que não vais perceber nada, só vais sofrer... por minha culpa! Vês, já a chorar e a abraçar-me outra vez. Por que me abraças? (EP5 P389)</i></p> <p><i>Diz lá, o que faço agora? — perguntou Raskólnikov levantando subitamente a cabeça e olhando para ela com o rosto monstruosamente desfigurado pelo desespero. (EP5 P394)</i></p> <p><i>Também sofria quando pensava: por que não se matara nessa altura? Porquê, quando já estava debruçado sobre o rio, preferira ir confessar? É assim tão forte o desejo de viver e tão difícil superá-lo? Entretanto, o Svidrigáilov, que temia a morte, superara-o! (EP 6 P 505)</i></p>
	Negação	O desvio do olhar em relação ao local do crime, representa a negação dele do crime (EP1 P93)	<p><i>Chegando à esquina da rua de ontem, espreitou para ela com inquietação torturada, para aquele prédio... e logo desviou os olhos. (EP1 P93)</i></p> <p><i>A velhota não interessa! — pensava com ardor e ímpeto. — A velha, tem de admitir-se, foi um erro,</i></p>

			<p><i>mas não é dela que se trata! A velha era apenas uma doença... eu quis transpor o mais depressa possível... não matei uma pessoa, matei o princípio! Matei o princípio, de facto, mas não consegui transpor a barreira, fiquei deste lado... Não consegui mais do que matar. Nem isso consegui, afinal... (EP3 P258)</i></p> <p><i>Se ao menos fosse capaz de se insurgir contra a sua própria estupidez, como dantes se insurgia contra as suas próprias acções monstruosamente estúpidas que o levaram à prisão! Mas agora, na prisão, em liberdade, voltava a analisar e a reflectir nos seus procedimentos e não os achava tão estúpidos e monstruosos como lhe tinham parecido naqueles dias fatais do passado. (EP 6 P 505)</i></p>
	Projeção/ Delírios Persecutórios	Irrealista, pois só nos momentos anteriores, é que poderiam estar a suspeitar dele, não faria sentido assim que já estivessem em casa dele (EP 1 P102)	<p><i>«E se já fizeram a busca? Se entro e eles estão lá?» (EP 1 P102)</i></p> <p><i>Já sem isso toda a gente olha para ele, o examina, como se não tivesse outros assuntos senão ele. «Por que será?» (EP 1 P106)</i></p>

		<p>Todos estas sensações são dirigidas para o exterior pois o Ego não teve capacidade de lidar com elas (EP1 108)</p> <p>Esta é a descrição de um sonho de Raskólnikov, porém note-se que após ter acordado acreditava fielmente que esta situação tinha ocorrido, logo esta situação não pode ser considerada meramente um sonho (EP1 112/113)</p>	<p><i>Uma sensação nova, insuperável, dominava-o cada vez mais, a cada minuto que passava: era uma repugnância infinita, quase física, por tudo o que encontrava, por tudo o que o rodeava, uma repugnância obstinada, raivosa, odiosa. Tinha nojo de todos os transeuntes — das caras, do andar, dos gestos deles. Cuspia, mordida na cara de qualquer um que se atrevesse a falar com ele... (EP1 108)</i></p> <p><i>De repente, Raskólnikov tremeu como uma folha: reconheceu a voz, era o Iliá Petróvitch. Iliá Petróvitch está ali e bate na senhoria! A pontapé, bate-lhe com a cabeça contra os degraus — isso é evidente, pelo som, pelos berros, pelas pancadas! O que é isto, será que o mundo se virou do avesso? Raskólnikov ouviu também o alarido que se ia formando em todos os andares, amontoavam-se chusmas de pessoas em todas as escadas, ouvia-se o vozear, as exclamações, as portas a baterem, tudo a subir, a descer, a correr, o bater de pés. «Mas porquê, porquê... como é possível?!» — repetia, pensando, muito seriamente, que tinha enlouquecido. Mas não, ouvia muito bem!... O que significava que agora iam também entrar no quarto dele, «porque... com certeza... é por causa daquilo... de ontem... Meu Deus!» Queria trancar a porta, mas não conseguia erguer a mão... era inútil, também! O medo</i></p>
--	--	---	--

		<p><i>apertava-lhe a alma como blocos de gelo, torturava-o, regelava-o... Por fim, todo aquele alarido, que continuou durante uns bons dez minutos, começou a acalmar-se a pouco e pouco. A senhoria ainda gemia e se queixava, Iliá Petróvitch ainda ameaçava e praguejava... Finalmente, parece que também ele se calou, já não se ouvia; «será que se foi embora? Meu Deus!» Parece que sim, e a senhoria também, ainda a gemer e a choramingar... a porta fechou-se atrás dela... A multidão dispersa-se saindo das escadas e entrando nas respectivas casas — admiram-se, discutem, soltam réplicas, ora erguem ainda as vozes até aos gritos, ora as baixam num sussurro. Deviam ser muitos, quase toda a população do prédio. «Mas... Meu Deus, será possível, tudo isto?! O que veio ele cá fazer?»</i></p> <p><i>Raskólnikov caiu sem forças no divã, mas já não conseguia adormecer; ficou estendido durante meia hora, num sofrimento tal, numa sensação tão insuportável de horror sem limites como nunca na vida experimentara. De súbito, uma luz forte iluminou o quarto: era a Nastássia que entrava com uma vela e um prato de sopa. (EP1 112/113)</i></p> <p>Critica a forma como estes fedelhos se deixaram</p> <p><i>Recrutaram pessoas inexperientes e inseguras para trocarem as Obrigações nos escritórios! Confiaram</i></p>
--	--	--

		<p>levar pelas emoções, e falharam após o crime, o que pode ser visto como uma projeção do seu desprezo para consigo e os seus erros. (EP 2 P156)</p> <p>A visão desta rapariga que se tenta suicidar pode de alguma forma representar a sua vontade inconsciente e de acabar com tudo. (EP 2 P162)</p> <p>Esta afirmação de Rodion sobre a madrasta de Sónia, vem de uma pessoa que no fundo</p>	<p><i>um trabalho desses sabe-se lá a quem! Está bem, admitamos que conseguiam, mesmo sendo blanc-becs, e que ganhavam um milhão cada um. Mas, e depois, durante toda a vida? Cada um ia depender dos outros durante toda a vida! Mais valia enforcar-se! Nem a troca souberam fazer: um deles foi a um escritório, trocou cinco mil, estava a contar e começaram a tremer-lhe as mãos. Contou quatro mil e, no último milhar, não aguentou, enfiou tudo nos bolsos sem contar, para fugir mais depressa. Claro, provocou suspeitas. Tudo por água abaixo por culpa de um parvalhão! Será possível? (EP 2 P156)</i></p> <p><i>(...) apoiou-se com a mão direita na guarda da ponte, levantou a perna direita e lançou-a por cima da grade, depois a esquerda, e atirou-se ao canal. (EP 2 P162)</i></p> <p><i>(...) Oh, nunca, nunca perdoarei à maldita velha!» (EP 3 P259)</i></p> <p><i>— Por que se arma ela em valente? Está a encostar-se a si? (EP4 P301)</i></p>
--	--	---	--

		<p>virá a colocar a sua vida e o seu futuro nas mãos de Sónia. (EP4 P301)</p>	<p>«<i>Tem três caminhos à escolha — pensava. — Atirar-se ao canal, ir para o manicômio, ou... ou mergulhar, finalmente, na devassidão, que embrutece a mente e torna o coração empedernido.</i>» Este último pensamento era para ele o mais nojento; mas era jovem, já céptico, teorizava e, portanto, era cruel; a partir daí, não podia deixar de acreditar que a última saída, a da devassidão, seria a mais provável. (EP 4 P305/306)</p> <p><i>Achas graça? Sim, e a maior graça disto tudo, Sónia, é que talvez tenha sido precisamente assim... Sónia não achava graça.</i> (EP 5 P390)</p> <p><i>A propósito, Sónia, quando eu, deitado no escuro, imaginei tudo isto, foi o diabo que me fez cair em tentação? Foi? (...) Pára, Sónia, não estou a brincar, sei muito bem que foi o diabo quem me tentou.</i> (EP5 P393)</p> <p><i>Será que matei a velha? Matei-me a mim, e não a velha! Acabei comigo de vez, para sempre!... E a velha — foi o diabo quem a matou, e não eu... Chega, chega, Sónia, chega! Deixa-me em paz! — gritou de repente num espasmo de dor. —</i></p>
--	--	---	--

			<i>Deixa-me em paz!</i> (EP5 P394)
	Idealização		<i>Fazia a coisa de outra maneira — começou de longe. — Trocava assim as obrigações: contava o primeiro milhar quatro vezes, com muito cuidado, examinava nota a nota, depois passava para o segundo milhar; começava a contar, ia até meio e parava para examinar uma nota de cinquenta, vê-la contra a luz, de um lado, do outro, não será falsa? «Tenho medo — diria —, pois uma parente minha ainda há pouco tempo ficou prejudicada desta maneira em vinte e cinco rublos»; depois contava uma história. E, quando começasse a contar o terceiro milhar: não, com licença, parece que me enganei no segundo milhar, na sétima centena, fiquei com dúvidas; e deixava de contar o terceiro milhar e voltava para o segundo; e fazia a mesma coisa nos cinco milhares. Quando acabasse, tirava do quinto e do segundo milhares, por exemplo, uma nota de cada e ia vê-la outra vez contra a luz, e ficava na dúvida: «dê-me outra, por favor», até cansar o empregado a um ponto tal que só sonhasse em verme pelas costas! Por fim lá acabava de contar, despedia-me, abria porta; mas não, voltava atrás, para perguntar qualquer coisa, pedir algum esclarecimento. Era assim que eu faria!</i> (EP 2 P157)

	Triunfo	<p>Sente triunfo por ver que Sónia não vacila na sua Fé, e demonstra alguma agressividade perante ele (EP 4 P306)</p> <p>Rodion, ao</p>	<p>«Quer dizer que a razão ainda não me abandonou de todo, quer dizer que ainda tenho algum raciocínio e alguma memória, se me lembrei disto sozinho! - pensou triunfante, enchendo profunda e alegremente o peito de ar —, o que eu tive foi só uma fraqueza febril, um delírio momentâneo» — e arrancou todo o forro do bolso esquerdo das calças (EP 1 P91)</p> <p>O triunfo da autoconservação, o triunfo da salvação do perigo que o oprimia — era isso que nesse minuto enchia todo o seu ser, sem previsões, sem análise, sem cálculo do que seria o futuro, sem dúvidas, sem questões. Era um momento de alegria plena, espontânea, puramente animal. (EP 1 P97)</p> <p>— O que faz Deus por ti, em paga? - continuou a interrogar (...)«E isso mesmo! É isso mesmo!» repetia para si mesmo Raskólnikov, insistentemente. (EP 4 P306)</p> <p>— Procura-a e lê-ma — disse Raskólnikov, e sentou-se, de cotovelos assentes na mesa, a cabeça apoiada numa mão e, fixando o olhar num ponto que não ela, preparou-se para ouvir. (EP 4 P307)</p> <p>Digamos que, hoje, o</p>
--	---------	---	---

		<p>falar sobre homicídio que cometeu, quando questionado sobre como sabe quem foi. (EP 5 P286)</p>	<p><i>Lújin desistiu — começou sem olhar para Sónia. — Mas se ele quisesse ou fizesse parte dos planos dele, mandá-la-ia para a cadeia, se não fosse o Lebeziátnikov e eu! Não é? (...) Mas podia muito bem acontecer que eu não estivesse lá! E o Lebeziátnikov só apareceu mesmo por acaso. (EP5 P383)</i></p> <p>— <i>Adivinha</i> — <i>pronunciou com o mesmo sorriso torcido e impotente. (EP 5 P286)</i></p> <p><i>Que proveito tiras desse estúpido triunfo sobre mim? Ah, Sónia, não foi para isso que eu vim cá! (EP5 P389)</i></p>
	<p>Múltiplas ligações de carácter mais superficial</p>	<p>Esta sociabilidade e de Raskólnikov não é nele uma característica presente, logo pode depreender que assume uma certa falsidade e mania (EP 2 P150)</p>	<p><i>(...) Gosta das cantigas de rua? — Raskólnikov dirigiu-se de chofre a um transeunte de certa idade que estivera ao pé dele a ouvir e tinha todo o ar de um flôneur. Este olhou perplexo para Raskólnikov. — Eu gosto — continuou Raskólnikov, mas com ar de quem fala de outra coisa que não as cantigas de rua —, gosto quando cantam ao som do realejo por uma noite escura, fria e húmida de Outono, húmida, precisamente, quando todos os transeuntes têm rostos pálido-esverdeados e doentios; ou, ainda melhor, quando cai uma neve húmida, verticalmente, sem que a puxe o vento, sabe como é?, e através dela brilham os lampiões a gás... (EP 2 P150)</i></p>

			<p><i>Apetecia-lhe meter conversa com toda a gente.</i> (EP 2 P151)</p> <p>Rodion a — <i>Olá, cara linda!</i> — dirigir-se a respondeu endireitando-se e olhando para ela. uma Sorriu, gostara do elogio. rapariga (...) — <i>Entro sim, doçura!</i> (EP 2 P152)</p>
	Controlo		<p><i>Sentia em todo o seu ser uma desordem terrível. Tinha medo de não se dominar. Tentava agarrar-se a alguma coisa, fixar o pensamento numa coisa qualquer completamente alheia ao assunto, mas não conseguia.</i> (EP1 P 95)</p>
	Dúvidas/cismas	<p>Após o crime, verifica exaustivamente se a sua roupa está manchada (EP1 P 89)</p>	<p><i>Revirou tudo, até ao último fio e farrapo, e, sem confiar em si, repetiu o exame três vezes.</i> (EP1 P 89)</p> <p><i>Subitamente, estremeceu de terror: «Meu Deus — sussurrava desesperado —, o que se passa comigo? É assim que isto vai ficar escondido? É assim que se escondem as coisas?»</i> (EP1 P 90)</p> <p><i>(...) talvez toda a roupa dele estivesse manchada de sangue, cheia de nódoas de sangue, só que ele não as via, não reparava nelas, porque o seu raciocínio estava fraco, fragmentara-se... tinha a mente obscurecida.</i> (EP1 P 91)</p> <p><i>«O que querem eles? O que está a guarda a fazer aqui? Está-se mesmo a</i></p>

		<p><i>ver. Abrir ou resistir? Que se...» (EP1 P 92)</i></p> <p><i>«E uma ratoeira! Querem atrair-me lá pela manha, e depois levarem-me na conversa» — continuou a pensar, saindo para as escadas. «O pior é que estou quase a delirar... ainda sou capaz de me descair com alguma coisa...» (EP1 P93)</i></p> <p><i>«A busca, a busca, agora mesmo! — repetia para si, com enorme pressa de chegar a casa. — Bandidos! Suspeitam de mim!». O medo voltou a cingi-lo todo, dos pés à cabeça. (EP1 P104)</i></p> <p><i>Inclinou-se o mais que pôde para Zamiótov e começou a mexer os lábios, sem lhe sair palavra; continuou assim uns trinta segundos; tinha consciência do que estava a passar-se, mas era incapaz de dominar-se. A terrível palavra, tal como a tranca da porta naquele dia, saltitava-lhe nos lábios: a qualquer momento se soltaria; bastava soltá-la, bastava apenas articulá-la. (EP P2 158)</i></p> <p><i>Depois, num pânico louco, precipitou-se para o canto onde o buraco no papel de parede servira de esconderijo às coisas, enfiou a mão e durante alguns minutos apalpou-o minuciosamente, passando por todas as reentrâncias e rugas do papel. Como não encontrasse nada, levantou-se e começou a recuperar o fôlego.</i></p>
--	--	--

		<p><i>Quando chegara à entrada do prédio de Bakaléev, metera-se-lhe na cabeça que alguma coisa, um fio, um fecho, ou mesmo um papel em que estavam embrulhadas as coisas, com qualquer apontamento escrito pela velha, podia ter escorregado e ter-se perdido numa fenda, e ser apresentado mais tarde como prova inesperada e irrefutável contra ele (EP3 P 255)</i></p> <p><i>Preferia deitar-me e pensar. Pensava, pensava... E tinha sempre sonhos, estranhos, variados, não vale a pena dizer que sonhos! (EP 5 P392)</i></p>
Tendência para a ordem e simetria		NÃO APLICÁVEL
Medo do contato		NÃO APLICÁVEL
Superstições		NÃO APLICÁVEL
Fobias		NÃO APLICÁVEL
<i>Acting Out</i>		NÃO APLICÁVEL
Crueldade/ Amoralidade	<p>Rodion fala da possibilidade e de Katerina morrer a Sónia que reage com desespero, esta previsão é realista e irá acontecer no dia seguinte, mas ele procura ser cruel e</p>	<p><i>— Ainda é melhor ela morrer (...)— E se a própria Sónia, ainda em vida de Katerina Ivánovna, adoecer e for levada para o hospital? Como vai ser, então? — insistia Raskólnikov impiedosamente (...) — Não pode acontecer porquê? — continuou Raskólnikov com um risinho duro. — Nada lhe está garantido. Nesse caso, o que vai ser deles? Vão para a rua todos juntos, ela a tossir e a pedinchar, a bater com a</i></p>

	<p>obtem satisfação com isso. (EP 4 P303)</p> <p>Raskólniko v prevê que Póletchka possa também cair na prostituição, Sónia afirma a sua Fé em Deus como isso não vai acontecer (EP 4 P304)</p>	<p><i>cabeça nas paredes, como hoje, e as crianças a chorar... Depois cai para o chão, levam-na para a esquadra, para o hospital, lá morre, e as crianças...</i> (EP 4 P303)</p> <p><i>A Póletchka irá pelo mesmo caminho, não? — disse de chofre Raskólnikov (...) — Mas talvez não exista Deus nenhum — respondeu Raskólnikov com uma espécie de prazer sádico. Riu-se e olhou para ela.</i> (EP 4 P304)</p> <p><i>Matei apenas um piolho, Sónia, um piolho inútil, nojento, nocivo.</i> (EP 5 P391)</p>
	Labilidade	NÃO APLICÁVEL
Procura de uma segurança ilusória	<p>Rodion, sabia no fundo que podia não ser apanhado, talvez não conseguisse arranjar provas contra si, mas independentemente disso, a consciência acusava-o e disso ele não podia fugir. (EP 5 P395)</p>	<p><i>Eu não me deixo vencer. Ainda lhes vou dar luta e não hão-de levar a deles avante. Não têm verdadeiras provas. Ontem corri um grande perigo, pensei que era o meu fim; mas hoje as coisas melhoraram. Todas as provas que eles têm são de dois gumes, ou seja, posso virar as acusações deles em meu proveito, compreendes? E é isso que farei; porque já aprendi a fazê-lo... Mas à detenção não escapo, de certeza. Se não tivesse sucedido hoje um caso, talvez já hoje me tivessem... ou talvez ainda hoje me metam na cadeia. Mas isso não importa, Sónia: fico na cadeia por algum tempo, depois têm de me soltar... porque não têm nenhuma</i></p>

			<p><i>prova verdadeira (EP 5 P395)</i></p> <p>— <i>Talvez eu me tenha caluniado a mim próprio</i> — <i>observou ele sombriamente e como que a reflectir —, talvez eu ainda seja homem, e não piolho, e me tenha precipitado ao acusar-me... Ainda vou lutar. Espremeu dos lábios um sorriso arrogante (...)</i> <i>Habituo-me...</i> — <i>pronunciou soturna e pensativamente. (EP 5 P395)</i></p>
	<p>Identificação com um objeto idealizado e onnipotente e/ou desprezo pelo outro</p>	<p>Assume uma atitude arrogante e onnipotente, e, onde parece haver uma identificação com Napoleão idealizado, e evidenciando o desprezo para com Zamiótov (EP 2 P154)</p>	<p><i>Não faz mal, meu bom rapaz, não faz mal!</i> — <i>acrescentou dando-lhe uma palmada no ombro.</i> — <i>Não digo isto por mal, mas «na brincadeira», como disse aquele trolha que andou à bulha com Mítka, no depoimento sobre a velha. (EP 2 P154)</i></p> <p><i>Talvez até saiba mais que o senhor. (EP 2 P154)</i></p> <p><i>Não, não é sobre os incêndios que estou a ler.</i> — <i>Olhou enigmaticamente para Zamiótov; um sorriso sarcástico voltou a torcer-lhe os lábios.</i> — <i>Não é sobre os incêndios</i> — <i>continuou, piscando o olho a Zamiótov.</i> — <i>Confesse com franqueza, meu querido jovem, que lhe apetece imenso saber o que estava eu a ler? (EP 2 P154)</i></p>

		<p><i>Seis anos! Ai, meu passarinho! Risca no cabelo e anéis, à homem rico! Que rapaz tão queridinho! — e Raskólnikov desatou num riso nervoso, mesmo na cara de Zamiótov. Este arredou-se, não tanto ofendido, mas surpreso. (EP 2 P154)</i></p> <p><i>Eu depois digo-lhe, quais orelhas, mas agora, meu caro, informo-o... não, melhor ainda: «confesso»... Não, também não «presto-lhe o meu depoimento, e o senhor submete-me a interrogatório», assim mesmo! Portanto, deponho que li, que me interessei... que procurei... — Raskólnikov estreitou os olhos e fez uma pausa — que procurei, e para isso entrei aqui, que procurei coisas sobre o assassínio da velha viúva — pronunciou por fim quase num sussurro e aproximando muito a sua cara à de Zamiótov. Este olhava-o fixamente sem pestanejar e sem afastar a cara. Mais tarde, pareceria a Zamiótov que o mais estranho de tudo foi prolongarem o silêncio por mais de um minuto e, nesse minuto, continuarem a olhar-se nos olhos. (EP 2 P154)</i></p> <p><i>E essa mesma velha — continuou Raskólnikov no mesmo sussurro, sem atentar na exclamação de Zamiótov —, essa mesma velha lembra-se? de que estavam a falar na secretaria, quando eu desmaiei Está agora a entender?(...) O rosto</i></p>
--	--	--

		<p><i>imóvel e sério de Raskólnikov transfigurou-se num instante e, de repente, desfez-se no mesmo riso nervoso, como que incapaz de conter-se. E passou-lhe momentaneamente pela memória, com uma nitidez extraordinária, aquela sensação havia ainda pouco vivida: ele atrás da porta de machado na mão, a tranca a saltar, os dois homens do outro lado, irritados e a forçarem a porta, e a vontade repentina que teve de gritar-lhes, rir-se às gargalhadas, às gargalhadas, às gargalhadas! (EP 2 P155)</i></p> <p><i>Vê-se! Mas apanhem-no agora, tentem! — gritou, espicaçando Zamiótov maldosamente (...) Quem? Vocês? Vocês apanham-no? Têm muito que correr! Para vocês, o principal é ver se alguém anda ou não a gastar dinheiro que não tinha antes: não tinha dinheiro, anda a gastar, logo, é ele. Com isso, até uma criança vos engana, se quiser. (EP 2 P157)</i></p> <p><i>Parece que ganhou apetite e está interessado em saber como agiria eu numa situação destas? — perguntou com azedume. (...) Procederia assim: pegava no dinheiro e nas coisas e, logo depois de me safar dali, ia, sem passar por qualquer outro lado, a um local deserto onde só houvesse cercas e praticamente ninguém, uma horta ou coisa assim. Já tinha lá à minha espera uma pedra que escolhera de antemão,</i></p>
--	--	--

		<p><i>uma pedra de arroba ou arroba e meia de peso, algures num canto, junto à cerca, uma pedra que estivesse lá desde sempre, talvez desde a construção do prédio; levantava a pedra — debaixo dela devia ficar um buraco — e punha nesse buraco todas as coisas e o dinheiro. Punha lá tudo, tapava outra vez com a pedra, ajeitava a terra com o pé, deixava tudo como estava antes; e ia-me embora. E não tocava nisso durante um ano, dois anos, três anos... Que procurassem, então! Haver, há, mas viste-lo? (...)E se fui eu quem matou a velha e a Lisaveta? — saiu-lhe de jorro e... voltou a si. (EP 2 P158)</i></p> <p>Sugere que o levem à secretaria da polícia para ele explicar o porquê de estar aqui, eles não o levam a sério. (EP 2 P165/166)</p> <p>Raskólniko v mostra a sua idealização em relação a Napoleão e desprezo perante o velho que assassinara. (EP3 P257/258)</p> <p><i>Tens medo de ir à secretaria? - disse-lhe Raskólnikov com gozo. (EP 2 P165/166)</i></p> <p><i>«Não, essas pessoas não são assim; o verdadeiro soberano, a quem tudo é permitido, arrasa Toulon, faz uma carnificina em Paris, esquece um exército no Egípto, gasta meio milhão de pessoas na campanha de Moscovo, limita-se a um calembur em Vilno; e a ele erguem monumentos depois da morte — por conseguinte, tudo é permitido. Não, essas pessoas, pelos vistos, não</i></p>
--	--	--

		<p><i>têm corpo, mas bronze!»</i> <i>(...) Um repentino e despropositado pensamento quase o fez rir: «Napoleão, pirâmides, Waterloo versas uma nojenta e miserável viúva de funcionário, velha, agiota, com um baú vermelho debaixo da cama — será fácil para o Porfiri Petróvitch, digamos, digerir isso?... Não, eles não serão capazes de digeri-lo!... A estética impede-o: "como poderia um Napoleão rastejar para debaixo da cama de uma velhota"? Eh, porcaria!...» (EP3 P257/258)</i></p> <p>Desprezo e superioridade em relação as crenças delas, evidenciam um forte sentimento de onnipotência. (EP 4 P308)</p> <p><i>Estas palavras livrescas soavam-lhe de modo estranho. E, mais uma novidade: as reuniões misteriosas com Lisaveta e, ambas, maluquinhas fanáticas. (EP 4 P308)</i></p> <p><i>Descobri então, Sónia — continuou com entusiasmo —, que o poder apenas é dado àquele que ousar inclinar-se e apanhá-lo. Só existe uma coisa: basta ousar! Cheguei então a uma ideia, pela primeira vez na vida, a que antes nunca ninguém tinha chegado! Ninguém! Vi de repente, de modo claro como o sol: como é que ninguém se atreveu até hoje, nem se atreve, ao passar ao lado de todo este absurdo, em pegar em tudo isto pelo rabo, pura e simplesmente, e a</i></p>
--	--	---

		<p><i>arremessá-lo para o diabo? E... desejei atrever-me, e matei... apenas tive desejo de atrever-me, Sónia, é essa a única causa! (EP 5 P392/393)</i></p> <p><i>Discuti isso tudo comigo até ao mínimo pormenor, e sei tudo, tudo! E fiquei tão farto, tão farto de toda essa tagarelice! Queria esquecer tudo e começar tudo de novo, Sónia, e deixar de tagarelar! Ou pensarás tu que fiz o que fiz, feito tolo, sem pensar duas vezes? Não, agi com conhecimento de causa, e foi essa a minha perdição! Achas que eu não sabia, por exemplo, que mal comeci a interrogar-me sobre se tinha direito ao poder, eu não tinha, precisamente por isso, esse direito? Ou que, se faço a mim próprio a pergunta: uma pessoa é um piolho?, isso significa que ela não é um piolho para mim, só é piolho para aquele a quem esta pergunta nem passa pela cabeça e que vai em frente, sem fazer perguntas... Uma vez que passei tantos dias a atormentar-me com a questão de saber se Napoleão, no meu caso, ousaria ou não, devia saber claramente que não sou Napoleão. Suportei todo o tormento desta tagarelice, Sónia, e desejei ver-me livre dela de vez: desejei, Sónia, matar sem casuística, matar por mim, só por mim! Nisso não queria mentir, nem a mim próprio. Não foi para ajudar a minha mãe que matei, isso é um</i></p>
--	--	--

		<p><i>disparate! Não matei para, obtendo dinheiro e poder, me tornar benfeitor da humanidade. Disparate! Matei, simplesmente, matei por mim, só por mim: depois, tornar-me benfeitor de alguém, ou então apanhar toda a gente na teia durante toda a vida, como uma aranha, e sugar sucos vivos, era-me indiferente nesse momento!... E não era tanto de dinheiro que precisava quando matei, mas de outra coisa... Agora sei tudo isso... Tenta compreender: talvez, indo pelo mesmo caminho, não repetisse agora o assassínio. Era outra coisa que precisava de saber, outra coisa me impelia: tinha de saber, e saber o mais depressa possível, se era um piolho, como todos, ou se era um homem. Conseguiria transpor o limiar ou não conseguiria? Ousaria abaixar-me e apanhar, ou não? Seria eu uma criatura tremente, ou teria o direito... (EP 5 P393/394)</i></p>
	<p>Doença como forma de expiação</p>	<p><i>Cingiu-o um frio terrível; mas o frio também provinha da febre, que começara havia muito, durante o seu sono delirante. Os calafrios eram tais que por pouco não lhe saltavam os dentes da boca, e tudo nele era um tremor sacudido (EP1 P 89)</i></p> <p><i>E delirou, durante várias horas, muitas vezes, umas atrás das outras, delirou com «ir já, sem perder tempo, deitar isto fora em</i></p>

			<p><i>qualquer lado, para não ficar à vista, depressa, depressa!» Tentou, por várias vezes, erguer-se do diva, mas já estava incapaz. (EP1 P 91)</i></p>
		<p>Nastássia refere-se a Raskólnikov (EP1 P 92)</p>	<p><i>Estás pior, não estás? — observou Nastássia, que não tirava os olhos dele. (...) — Desde ontem que está com febre (EP1 P 92)</i></p> <p><i>(...) Tinha vertigens, doía-lhe a cabeça da febre (...)(EP1 P93)</i></p> <p><i>O sol encandeava-lhe os olhos, só olhar para as coisas já lhe doía, as vertigens punham-lhe a cabeça às voltas — sensação habitual do doente com febre que sai à rua num dia de muito sol.(EP1 P93)</i></p> <p><i>Humm... é pena que aqui se respire tão mal... este ar abafado... As vertigens... a própria cabeça também...» (EP1 P95)</i></p>
		<p>Secretário repara que este está doente (EP1 P102)</p>	<p><i>(...) custa-lhe a escrever, cai-lhe a pena da mão — observou o secretário fitando Raskólnikov com curiosidade. — Está doente? (EP1 P102)</i></p> <p><i>Quando voltou a si, viu-se sentado numa cadeira, com um homem a apoiá-lo do lado direito e, do lado esquerdo, outro homem com um copo de água amarela na mão (...)(EP1 P103)</i></p>
		<p>Pensamentos de Raskólnikov (EP1 P108)</p>	<p><i>«É porque estou muito doente — concluiu sombriamente —, atormentei-me e amargurei-me de mais a mim próprio</i></p>

		<p><i>e nem sei o que estou a fazer... Ontem, e anteontem, e durante este tempo todo tenho andado a torturar-me... Quando melhorar... deixo de torturar-me...E se já não melhorar? Meu Deus! Estou farto disto tudo!...» (EP1 P108)</i></p> <p><i>Depois, perdeu os sentidos. (EP1 P114)</i></p> <p><i>Depois estendeu-se sem forças no diva, doentamente, com um gemido fraco, os olhos fechados. Ficou assim uma boa meia hora. (EP 3 P256)</i></p> <p><i>Havia momentos em que se sentia num quase delírio: caía num estado febril e extasiado. (EP3 P258)</i></p> <p>Quando Sónia refere com tristeza Lisaveta (EP 4 P308)</p> <p><i>Os nervos de Raskólnikov ficavam cada vez mais alterados. Começou a ter vertigens. (EP 4 P308)</i></p> <p><i>Bem sei que não é um piolho — respondeu lançando-lhe um olhar estranho. — Aliás, estou a mentir, Sónia — acrescentou —, há muito tempo que estou a mentir... Nada disso é assim, tens toda a razão, Sónia. Há aqui causas muito, muito diferentes!... Há muito que não falo com ninguém, Sónia. Dói-me muito a cabeça, agora. Ardiam-lhe os olhos com um fogo febril. Estava quase a entrar em delírio; um sorriso inquieto perpassava-lhe pelos lábios. Por trás do ânimo exaltado já transparecia uma terrível</i></p>
--	--	--

			<p><i>exaustão. Sónia percebeu que Raskólnikov estava a sofrer. Também ela começava a ter vertigens. (EP 5 P391)</i></p> <p><i>De repente, Sónia escreveu que Raskólnikov tinha adoecido seriamente e estava no hospital, na enfermaria dos presidiários. (EP 6 P 504)</i></p>
<p>Culpa Depressiva</p>	<p>Consciência do dano feito ao objeto</p>	<p>Rodion questiona-se sobre o fato de não pensar nele, e assume que a matou (EP3 P 259)</p>	<p><i>Contudo, é estranho que quase não pense nela, como se não a tivesse matado!... (EP3 P 259)</i></p> <p><i>Nada, Sónia. Não te assustes... Disparate! Realmente, pensando bem, é um disparate — murmurava, como em delírio, maquinalmente. — Por que te vim atormentar? — acrescentou de chofre, olhando para ela. — A sério. Porquê? Faço sempre esta pergunta a mim mesmo, Sónia... (EP5 P 386)</i></p> <p><i>Ficara-lhe gravado com muita nitidez na memória o rosto de Lisaveta quando se aproximava dela com o machado e ela recuava para a parede, estendendo uma mão para a frente, com um susto perfeitamente infantil no rosto, tal qual uma criança pequena quando começa a ter medo de alguma coisa e olha imóvel e preocupada para a coisa que a assusta, recua e, esticando a mão para a frente, se prepara para chorar. Acontecia quase o mesmo com Sónia</i></p>

		<p>Nesta passagem, Raskólnikov, desconstrói a sua teoria dos homens extraordinários, cai assim a justificação para o crime, agora toma consciência do dano. (EP 6 P507/508)</p>	<p>agora: do mesmo jeito impotente, com o mesmo susto, olhou algum tempo para ele e, de repente, avançando a mão esquerda, aflorou ligeiramente os dedos no peito dele e começou a levantar-se muito devagar da cama, começou a recuar, a recuar cada vez mais, com o olhar a ficar-lhe cada vez mais parado. O horror dela transmitiu-se de súbito a Raskólnikov: um medo igual surgiu também na cara dele, pôs-se também a olhar para ela de maneira igual e com o mesmo sorriso infantil. (EP5 P 385)</p> <p>Eram visões doentias segundo as quais todo o mundo estava condenado a perecer de uma peste que se encaminhava das profundezas da Ásia até à Europa. Todos morreriam, salvo os poucos eleitos: tinham surgido umas novas triquinas, criaturas microscópicas que penetravam nos corpos humanos. Mas essas criaturas eram espíritos dotados de inteligência e vontade: as pessoas que as alojavam nos corpos de imediato se tornavam possessas e loucas. Os contaminados, porém, nunca na vida se tinham considerado tão sábios e acreditavam ser possuidores da verdade inabalável. Nunca antes tinham considerado tão inabaláveis as suas sentenças, as suas conclusões científicas, as suas convicções morais e as suas crenças.</p>
--	--	---	--

		<p><i>Povoações inteiras, cidades e povos inteiros ficavam contaminados e enlouqueciam, desvairavam-se e não se compreendiam uns aos outros. Cada qual julgava ser o único a estar na posse da verdade e olhava atormentado para os outros, batia com os punhos no peito, chorava e torcia as mãos. Ninguém sabia a quem julgar e como julgar, ninguém chegava a acordo sobre o que era o bem e o mal. Ninguém sabia a quem acusar e quem absolver. As pessoas matavam-se umas às outras numa raiva absurda. Formavam-se exércitos, mas os exércitos, já em marcha, rebentavam em brigas intestinas, as fileiras confundiam-se, os soldados atiravam-se aos companheiros, esfaqueavam-se, mordiam-se, comiam-se uns aos outros. Nas cidades, os sinos tocavam todo o dia a rebate: conclamavam toda a gente, mas ninguém sabia quem conclamava e para quê, a inquietação era geral. Os ofícios foram abandonados, porque cada qual propunha as suas ideias, as suas emendas, mas ninguém chegava a acordo; a agricultura parou. Nalguns lugares as pessoas reuniam-se e decidiam fazer alguma coisa juntas, juravam não se separar — mas imediatamente se punham a fazer algo completamente diferente do que fora decidido por elas próprias, começavam</i></p>
--	--	---

			<p><i>a acusar-se mutuamente, a esfaquear-se. Ateavam-se incêndios, começou a fome. Tudo e todos pereciam. A peste agigantava-se e avançava mais e mais. Muito poucos, os puros e eleitos, se salvariam para darem início a um novo gênero humano e a uma vida nova, para renovarem e purificarem a terra, mas ninguém, em lado nenhum, via esses eleitos, ninguém podia ouvir a sua palavra e a sua voz. (EP 6 P507/508)</i></p>
	Desejo de reparação	<p>Após as demonstrações de crueldade por parte de Raskólnikov este procurou reparar o mal que fez Sónia (EP 4 P304)</p>	<p><i>De súbito dobrou rapidamente todo o corpo e, colado ao chão, beijou-lhe o pé. Sónia arredou-se dele, aterrorizada, como de um doido. De facto, Raskólnikov parecia completamente doido. (EP 4 P304)</i></p> <p><i>Pensava nela. Recordava como lhe tinha atormentado e magoado o coração, imaginava a cara pálida e magrinha de Sónia, mas já não o afligiam essas recordações: sabia com que infinito amor ia redimir todos os sofrimentos dela. (EP 6 P510)</i></p> <p><i>(...) a história da renovação gradual de um homem, a história da sua transformação passo a passo, da passagem de um mundo para outro mundo, da confrontação com uma realidade nova, de todo desconhecida. (EP 6 P511)</i></p>

	<p>Atividade construtiva</p>	<p>A sua ida a casa de Razumíkhin alertou este amigo para o fato de Rodion estar doente, e assim este pode ajudá-lo. Rodion possivelmente inconscientemente sabia isso. (EP1 P108)</p> <p>Após perceber que Sónia não vacila na sua fé, e que possivelmente será isto que a mantém viva, Rodion pede-lhe para ler no Novo Testamento a passagem sobre a ressurreição de Lázaro, talvez ele quisesse renascer para a vida. (EP 4 P307)</p>	<p><i>Entretanto, é curioso: vim por minha própria vontade ou, simplesmente, andei, andei e vim parar cá por acaso? Tanto faz; eu tinha dito... anteontem... que viria vê-lo no dia a seguir àquilo, portanto, vou! Por que não hei-de passar por casa dele?» (EP1 P108)</i></p> <p><i>Então ouve: vim ver-te porque não conheço mais ninguém que me possa ajudar... a começar... porque és o mais bondoso de todos, ou seja, o mais inteligente, capaz de me compreender... (EP1 P109)</i></p> <p><i>— Procura-a e lê-ma — disse Raskólnikov, e sentou-se, de cotovelos assentes na mesa, a cabeça apoiada numa mão e, fixando o olhar num ponto que não ela, preparou-se para ouvir. (EP 4 P307)</i></p>
--	------------------------------	---	--

		<p><i>Raskólnikov fora um advogado activo e enérgico de Sónia contra Lújin, apesar de ele próprio carregar tanto horror e sofrimento na alma. Passara por um tão grande sofrimento de manhã que quase ficara contente por poder variar daquelas impressões que estavam a tornar-se-lhe insuportáveis, já sem falar do muito de pessoal e emocional contido no seu anseio de defender Sónia. (EP5 P382)</i></p> <p><i>À noite, fechadas já as casernas, Raskólnikov estava deitado na tarimba e pensava nela. Parecia-lhe que já nesse dia os outros presidiários, ainda há pouco inimigos dele, o olhavam com outros olhos. Ele próprio começou a falar com eles e já lhe respondiam com simpatia. Agora, que se lembrava disso, pensou que tinha de ser assim: então, agora, não devia mudar tudo? (EP6 P510)</i></p> <p><i>Debaixo da almofada tinha um evangelho. Pegou nele maquinalmente. O livro era dela, era o mesmo em que ela lhe lera outrora sobre a ressuscitação de Lázaro.(...) Raskólnikov, até agora, nunca o abrira (EP6 P510)</i></p> <p><i>(...) mas um pensamento lhe passou pela mente: «Será que as convicções dela podem agora ser também as minhas? Pelo menos os sentimentos, as aspirações dela...» (EP 6 P511)</i></p>
--	--	--

	Tolerância à ambivalência e impulsos destrutivos	Raskólnikov olha com ódio para Sónia, mas através do afeto dela é capaz de tolerar a sua destrutividade. (EP 5 P 384/385)	<i>De repente, uma sensação estranha e inesperada mordeu-lhe o coração: teve um ódio mordaz a Sónia. Assustado e como que perplexo, levantou a cabeça e olhou para ela com fixidez; mas encontrou um olhar preocupado e solícito até ao tormento; havia ali amor; o ódio esfumou-se-lhe como um fantasma. Enganara-se; tomara um sentimento por outro. Aquela sensação significava apenas que chegara o momento.</i> (EP 5 P 384/385)
	Capacidade para amar	Tal como no início da conversa, Rodion sente-se afetivamente e próximo de Sónia (EP4 P310/311)	<p>— <i>Por que está de pé? Sente-se — disse com uma voz subitamente mudada, baixinha e carinhosa. Sónia sentou-se. Raskólnikov ficou a olhar para ela cerca de um minuto, com simpatia e quase compaixão.</i> (EP4 P299)</p> <p><i>Agora só te tenho a ti — acrescentou Raskólnikov. — Vamos juntos... Eu vim a ti. Somos ambos malditos, então vamos juntos! (...) Como posso saber? Só sei, tenho a certeza, que iremos pelo mesmo caminho, e mais nada. Até ao mesmo destino! (...) Preciso de ti, por isso aqui estou.</i> (EP4 P310/311)</p> <p><i>Também transpuseste... acabaste por passar para o outro lado. Mataste-te, arruinaste uma vida... a tua vida (é a mesma coisa!). A tua vida poderia ter sido cheia de espírito e razão, mas vai acabar na praça Sennaia... Mas não vais aguentar isso e, se ficares</i></p>

		<p>Sónia promete que nunca o irá abandonar, questiona-se porque ele nunca foi até ela antes. (EP5 P 387)</p> <p>Estava preocupado com Sónia (EP 6 P 509)</p>	<p><i>sozinha, enlouqueces, tal como eu. Agora, já estás quase louca; portanto, o nosso destino é o de irmos juntos, pelo mesmo caminho! Vamos!</i> (EP4 P311)</p> <p><i>Um sentimento havia muito desconhecido levantou-se como uma onda na alma de Raskólnikov e amoleceu-a de vez. Não resistiu: duas lágrimas rolaram-lhe dos olhos e ficaram-lhe suspensas nas pestanas.</i> (EP5 P 387)</p> <p>— <i>Mas vim, pronto.</i> (EP5 P 387)</p> <p><i>Apelei a ti e vim ter contigo por uma única razão: para que não me abandones. Não me abandonas, Sónia?</i> (EP5 P389)</p> <p><i>Para Raskólnikov, foi como se lhe trespassassem o coração. Afastou-se precipitadamente da janela. No dia seguinte Sónia não apareceu, no outro dia também não. Raskólnikov notou que a esperava com inquietação.</i> (EP 6 P 509)</p> <p><i>Preocupado, pediu a alguém que fosse saber dela. Não era nada de grave, disseram-lhe. (...) O coração de Raskólnikov</i></p>
--	--	--	---

		<p>Após o regresso de Sónia que tinha estado doente, Rodion tinha sentido a falta dela. (EP 6 P 509)</p>	<p><i>batia até doer enquanto lia o bilhete. (EP 6 P 509)</i></p> <p><i>Como aquilo aconteceu, nem ele próprio sabia, mas uma força qualquer como que o levantou e o arremessou aos pés dela. Chorava e abraçava-lhe os joelhos. No primeiro momento, Sónia assustou-se terrivelmente, ficou lívida. Mas, num relâmpago, logo percebeu tudo. Nos olhos dela raiou uma felicidade infinita: percebera, já não tinha dúvidas, ele amava-a, amava-a perdidamente, chegara finalmente o instante... Queriam falar mas não podiam. Tinham os olhos marejados de lágrimas. Ambos eram pálidos e magros, mas naqueles rostos sem cor marcados pela doença já raiava a aurora de um futuro renovado, do renascimento total, da vida nova. Ressuscitou-os o amor, o coração de um era uma fonte de vida inesgotável para o outro. (EP 6 P 509)</i></p>
--	--	--	---

A Errata - Dissertação de Mestrado – Culpa Persecutória e Culpa Depressiva: Uma análise de conteúdo à culpa de Raskólnikov em Crime e Castigo

Pedro Nuno Martins Carvalhal (e-mail: pedronuno21@hotmail.com)

Pág.	Linha	Onde se lê	Deve-se ler
1	12	que este sentimento, pode assumir uma tonalidade	que este sentimento pode assumir uma tonalidade
17	28	e Dúnia, estava	e Dúnia estava
17	Penúltima	representa-se	representasse
18	9	Este facto é, bem patente	Este facto é bem patente
19	25	impulsiona-se	impulsionasse
19	28	deixa-se	deixasse
20	9	Logo após a chegada a casa, ficou logo num absoluto estado de desrealização	Logo após a chegada a casa, ficou num absoluto estado de desrealização
55	4	teve como principal A elaboração	teve como principal finalidade a elaboração
55	12	Na categoria de <i>Culpa depressiva</i>	Na categoria <i>Culpa depressiva</i>

Nota: A contagem das linhas tem em consideração os títulos presentes em cada página.